



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MARIA VALDELANGE VIRGINIO DA SILVA

**DISCURSOS SOBRE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR CONTRA A MULHER
PRODUZIDOS POR MULHERES NO FACEBOOK**

RECIFE

2024

MARIA VALDELANGE VIRGINIO DA SILVA

**DISCURSOS SOBRE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR CONTRA A MULHER
PRODUZIDOS POR MULHERES NO FACEBOOK**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Letras.

Área de concentração: Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Iran Ferreira de Melo

RECIFE

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Maria Valdelange Virginio da.

Discursos sobre violência intrafamiliar contra a mulher produzidos por
mulheres no Facebook / Maria Valdelange Virginio da Silva. - Recife, 2024.
114 p.

Orientador(a): Iran Ferreira de Melo

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de
Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2024.

Inclui referências.

1. Discurso. 2. Facebook. 3. Mulher. 4. Patriarcalismo. 5. Violência
Intrafamiliar. I. Melo, Iran Ferreira de . (Orientação). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2024 - 109)

MARIA VALDELANGE VIRGINIO DA SILVA

**DISCURSOS SOBRE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR CONTRA A MULHER
PRODUZIDOS POR MULHERES NO FACEBOOK**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Letras.

Aprovada em: 20/2/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Iran Ferreira de Melo (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Fernanda Correa Silveira Galli (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Jaciara Josefa Gomes (Examinadora Externa)
Universidade de Pernambuco

RECIFE

2024

Para Maria do Carmo e Miguel Pereira (em memória), que me apoiaram e me amaram incondicionalmente. Para Josivaldo Barros, com quem compartilho a vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser a minha força e a minha proteção!

À Maria santíssima, minha mãe, por me proteger, sustentar e resguardar, por me conduzir nos caminhos de Deus. Gratidão por iluminar e dirigir os meus passos!

Ao Professor Doutor Iran Ferreira de Melo, meu orientador, por me acolher e me incentivar. Grata por toda dedicação, paciência, profissionalismo e cuidado, pelas intervenções acadêmicas essenciais para construção desta dissertação e, principalmente, por confiar em mim e em meu trabalho.

À Professora Doutora Fernanda Correa Silveira Galli, por ter aceitado participar das bancas de qualificação e defesa desta dissertação, pelas sugestões e ensinamentos.

À Professora Doutora Evandra Grigoletto e à Professora Doutora Lílian Noemia Torres de Melo Guimarães, por aceitarem compor a banca de defesa.

À Professora Doutora Jaciara Josefa Gomes, por me inspirar, por todo afeto, disponibilidade e generosidade, e, sobretudo, por ter estado presente na minha formação acadêmica. Obrigada por ter ressignificado o meu caminho!

Aos meus pais, Maria do Carmo e Miguel Pereira (em memória), por toda dedicação e carinho, por estarem sempre ao meu lado. Minha eterna gratidão!

Ao meu esposo, Josivaldo Barros, por estar sempre comigo, por me ouvir nos momentos difíceis e por todo amor e cumplicidade.

Aos meus irmãos, Vanute Virginio, José Vagner Virginio e Vinícius Virginio, por todo carinho; e ao meu cunhado, Maurício Silva, pelo abrigo e cuidado.

Aos meus amigos, Mirian Laurindo, Ana Cristina, Edjailsa Leite, Edva Silva, Israel Pereira, Eduardo e Gessika dos Santos, pelo apoio incondicional e por compreenderem às vezes que precisei me ausentar.

À Glasy Patricia, diretora, e à Simone, coordenadora, da Escola Joaquim Nabuco, por me apoiarem nessa trajetória, por ter organizado meus horários, por toda generosidade e demonstração de afeto.

À Ivanadyja Lima, pela revisão desta dissertação, por todo incentivo e amizade.

A todos, minha gratidão!

A determinação da mudança de atitude de pensamento encontra-se na acumulação dos efeitos que os dados presentes da realidade, decorrentes de uma fase anterior, operam sobre a consciência, mostrando as imperfeições do mundo existente, incitando à descoberta de novos objetos, métodos e técnicas para substituir as presentemente em vigor (PINTO, 2005, p. 244).

RESUMO

A violência intrafamiliar contra a mulher é produto de uma ideologia patriarcal que, por muito tempo, manteve o poder nas mãos do homem, renegando à mulher seus direitos enquanto ser humano participante e atuante de uma sociedade em constante transformação. Essa organização social é estruturada para que os cidadãos aceitem e permaneçam propagando que o homem é superior a mulher, devendo-lhe esta obediência plena. Para manter o poder nas mãos dos homens, se difundiam, sem hesitação, representações que posicionavam a mulher como inferior, frágil, desinteressante, incompetente, delicada, sensível, lenta etc., enquanto o homem seria um ser versátil, forte, superior, interessante, herói, corajoso etc. “A subordinação da mulher passou a ser vista como natural, universal, inquestionável, imutável, e o patriarcado se estabeleceu, então, como ideologia e realidade” (LINS, 2022, p. 455), provocando danos irreversíveis tanto para a mulher quanto para o homem. Não é difícil perceber que essas categorizações tencionavam estabelecer o papel de dominador para o homem, ao passo que à mulher restava-lhe ser dominada. Infelizmente, esses rótulos vêm atravessando gerações e, lamentavelmente, contribuindo para manter a diferenciação entre os gêneros. Após décadas de resistência, e mesmo com a Lei nº 11.340/2006 (Lei Maria da Penha), políticas públicas e ações de enfrentamento à violência contra a mulher ainda constataam que ela é alvo de diversas formas de opressão e que, muitas vezes, o homem, através da relação de poder, busca demonstrar seu domínio, evidenciando que a mulher é submissa e deve fazer apenas aquilo que é imposto/determinado. A violência intrafamiliar machista é uma forma nítida desta desvalorização, que vem crescendo consideravelmente nos últimos anos. Publicado recentemente, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023, p. 136) aponta que houve “o crescimento de todas as formas de violência contra a mulher em 2022”. Diante disso, objetivamos investigar discursos de mulheres que avaliam a violência intrafamiliar machista, analisando o seu potencial de efeitos de sentidos em comentários e subcomentários do Facebook. Nossos dados compõem-se de comentários e subcomentários de mulheres, publicados na rede social Facebook, exclusivamente da página do G1 – dos anos 2021 a 2022, sobre notícias de violência intrafamiliar contra a mulher executada pelo cônjuge, pois este é o principal agente desta forma de violência. Conforme apresenta o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023, p. 144), os “casos dos feminicídios, em mais da metade dos casos (53,6%) o autor é identificado como o parceiro íntimo”. Ademais, acreditamos que essa rede social proporciona interação entre os atores sociais/indivíduos através dos discursos e é um ambiente digital propício para o questionamento, a manutenção e/ou a transformação das relações de poder. Do ponto de vista discursivo, isso significa que “os textos como elementos de eventos sociais [...] têm efeitos causais - ou seja, provocam mudanças. Os textos podem provocar mudanças no nosso conhecimento (podemos aprender coisas com eles), nas nossas crenças, nossas atitudes, valores” (FAIRCLOUGH, 2003a, p. 8). Esperamos, com este estudo, refletir acerca dos diversos modos de avaliação nos comentários. Além disso, buscamos verificar se as escolhas linguísticas avaliativas, em nosso objeto, estão contribuindo para manter ou transformar as relações de poder entre os gêneros. Esta proposta está enquadrada na Análise Crítica do Discurso – ACD –, de Norman Fairclough (1989, 2001, 2003a), como também nos estudos de Álvaro Vieira Pinto (2005), sobre tecnologia, e de Branca Moreira Alves & Jacqueline Pitanguy (2003) sobre feminismo que são essenciais para o desenvolvimento dessa proposta teórico-metodológica. A categoria analítica avaliação permitiu-nos identificar, nos comentários e subcomentários de mulheres, juízos de valor explícitos e implícitos, muitos, alicerçados em ideias patriarcalistas, procurando manter essa divisão estabelecida pela ideologia patriarcal. Todavia, percebemos, igualmente, declarações avaliativas que mobilizam o rompimento dessas práticas opressoras. Verificamos ainda que, quando os atores sociais

fazem uso dessa categoria eles colaboram para manter e/ou transformar práticas sociais historicamente situadas. Isso porque é possível perceber através dos marcadores linguísticos avaliativos como eles se identificam e identificam aos outros na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Discurso; Facebook; Mulher; Patriarcalismo; Violência Intrafamiliar.

ABSTRACT

Intra-family violence against woman is the product of a patriarchal culture that, for a long time, kept power in the hands of man, denying woman her rights as a participating and active human being in a society in constant transformation. This social organization is structured so that citizens accept and continue propagating that man is superior to women and they owe him full obedience. To keep power in the hands of men, representations were spread without hesitation that positioned women as inferior, fragile, uninteresting, incompetent, delicate, sensitive, slow, among other adjectives, while man would be versatile, strong, superior, interesting, hero, courageous etc. “Women’s subordination came to be seen as natural, universal, unquestionable, immutable, and patriarchy was then established as ideology and reality” (LINS, 2022, p. 455), causing irreversible damage to both women and men. It’s not difficult to realize that these categorizations intended to establish the dominant role for men, while women were left to be dominated. Unfortunately, these labels have crossed generations and, regrettably have contributed to maintain the differentiation between genders. After decades of resistance and even with Law nº 11.340/2006 (Maria da Penha Law), public policies and actions to combat violence against woman it is still clear that she is a target of lots of forms of oppression and that, often, men, through power relations, try to demonstrate their dominance, showing that she is submissive and must do only what is imposed, determined. Sexist intra-family violence against women is a clear form of this devaluation, which has been growing considerably in recent years. Recently published, the Brazilian Public Security Yearbook (2023, p. 136) points out that there was “an increase in all forms of violence against women in 2022”. That said, we aim to investigate the speeches of women who evaluate sexist intra-family violence, analyzing their potential for meaning effects in Facebook comments and sub-comments. Our data consist of women’s published comments and sub-comments on the social network Facebook, exclusively on the G1 page – from the years 2021 and 2022, on news of intra-family violence against women, carried out by the spouse, so this is the main agent of this form of violence. According to the Brazilian Public Security Yearbook, in “cases of femicide, in more than half of the cases (53,6 %) the perpetrator is identified as the intimate partner (2023, p. 144). Furthermore, we believe that this social network provides interaction among social actors through speeches and it is a digital environment conducive to questioning, the maintenance and/or transformation of power relations. From a discursive point of view, this means that “texts as elements of social events [...] have causal effects” – that is, they provoke changes. Texts can cause changes in our knowledge (we can learn things from them) in our beliefs, our attitudes, values” (Fairclough, 2003a, p. 8). We hope, with this study, to reflect on the different modes of evaluation in the comments. Furthermore, we intend to verify whether the evaluative linguistic choices, in our object, are contributing to maintaining or transforming power relations between genders. This proposal is framed in the Critical Discourse Analysis, CDA, by Norman Fairclough (1989, 2001, 2003a) as well as in the studies of Álvaro Vieira Pinto (2005), on technology, and Branca Moreira Alves & Jacqueline Pitanguy (2003) on feminism which are essential for the development of this theoretical-methodological proposal. The analytical category of evaluation allowed us to identify, in women’s comments and sub-comments, explicit and implicit value judgments, many of them based on patriarchal ideas, trying to maintain this established division by patriarchal ideology. However, we also noticed evaluative statements that mobilized the breaking of these oppressive practices. We also verified that, when social actors make use of this category in the commentary genre, they collaborate to

maintain and/or transform historically situated social practices, because it is possible to notice through evaluative linguistic markers how they identify themselves and others in contemporary society.

Keywords: Speech; Facebook; Woman; Patriarchy; Intra-family Violence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O sistema de videotexto (PLAZA, 1986, p. 18)	24
Figura 2 – Notícia publicada no Facebook	31
Figura 3 – Exemplos de comentário.....	32
Figura 4 – Concepção tridimensional do discurso (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).....	52
Figura 5 – Momentos da prática social (RESENDE e RAMALHO, 2006, p. 39)	53
Figura 6 – Discurso e prática social (RESENDE e RAMALHO, 2011, p. 42)	55
Figura 7 – Relação dialética entre os significados do discurso (RESENDE e RAMALHO, 2011, p. 49)	57
Figura 8 – A relação dialética e de internalização entre os tripés da proposta de Fairclough (2003), segundo Ottoni (OTTONI, LIMA, 2014, p. 32)	59
Figura 9 – Gráfico do percentual de autores das vítimas de feminicídios e demais mortes violentas Brasil, 2022 (ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2023, p. 144)	67
Figura 10 – Gráfico do percentual do local de ocorrência dos feminicídios e das demais mortes violentas de mulheres Brasil, 2022 (ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2023, p. 145).....	68
Figura 11 – Comentário da notícia (1).....	71
Figura 12 – Subcomentário do comentário da notícia (1).....	74
Figura 13 – Subcomentário do comentário da notícia (1)	75
Figura 14 – Comentário da notícia (2).....	76
Figura 15 – Subcomentário do comentário da notícia (2).....	78
Figura 16 – Subcomentário do comentário da notícia (2).....	78
Figura 17 – Comentário da notícia (3).....	80
Figura 18 – Subcomentário do comentário da notícia (3)	81
Figura 19 – Subcomentário do comentário da notícia (3).....	82
Figura 20 – Comentário da notícia (4)	84
Figura 21 – Subcomentário do comentário da notícia (4).....	85
Figura 22 – Subcomentário do comentário da notícia (4)	87
Figura 23 – Resultados da avaliação	91

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. A TECNOLOGIA COMO INSTRUMENTO DE RESSIGNIFICAÇÃO DAS AÇÕES HUMANAS	20
2.1 Historicidade e as novas formas de interação mediadas das tecnologias	21
2.2 Facebook: espaço discursivo	25
2.3 Gênero Textual Comentário: prática social no Facebook	28
3. A MULHER E A LUTA CONTRA ATOS OPRESSORES	35
3.1 A história e a resistência da mulher para exercer o direito sobre sua vida	37
3.2 Prática subalternizadora contra a mulher: violência intrafamiliar	42
4. ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO COMO INSTRUMENTO DE LUTA	49
4.1 Breves considerações sobre a Análise Crítica do Discurso	50
4.2 Articulação entre os significados do discurso.....	56
4.3 Práticas avaliativas: efeito de sentidos	62
5. AVALIAÇÃO: JUÍZOS DE VALOR CIRCUNSCRITOS NA HISTÓRIA SOCIAL	66
5.1 Violência Intrafamiliar contra a Mulher: juízos de valor explícitos e implícitos.....	66
5.2 Avaliando a identificação de mulheres: uma análise de comentários e subcomentários.....	70
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS	94
ANEXO A – NOTÍCIA (1): VÍDEO MOSTRA MULHER GRÁVIDA AGREDIDA POR MARIDO TENTANDO SE JOGAR PELA JANELA; HOMEM FOI PRESO EM FLAGRANTE	100
ANEXO B – NOTÍCIA (2): INFLUENCIADORA DE 37 ANOS É MORTA A FACADAS PELO MARIDO EM VALINHOS; FILHA DO CASAL TAMBÉM FOI ATACADA	104
ANEXO C – NOTÍCIA (3): VÍDEO MOSTRA MARIDO PUXANDO ESPOSA PELO CABELO ANTES DE MATÁ-LA EM CASA; VÍTIMA TINHA DUAS FILHAS	108

ANEXO D – NOTÍCIA (4): HOMEM MATA ESPOSA COM GOLPES DE FACÃO E LIMPA ARMA EM BÍBLIA, DIZ DELEGADA.....	113
---	------------

1. INTRODUÇÃO

Desde o início da criação do mundo, através da linguagem, o homem procura se estabelecer como indivíduo superior à mulher. Todavia, ao buscar referências nas raízes das sociedades, entendemos que, a princípio, essa relação não ocorreu de forma opressora, isso porque foi necessário haver parcerias para sobreviver nos bosques/florestas. Nessa direção, a psicanalista e sexóloga Regina Navarro Lins (2022, p. 27) pontua que, ao deixar a caça, “os homens começaram a participar das atividades das mulheres. Inicialmente, ajudavam na árdua tarefa de desbravar a terra com enxadas de madeira, o que exigia bastante força física”. Tomando por base essas evidências, percebemos que, de forma sutil, já se mencionavam descrições da virilidade masculina que foi ressignificada com o advento da ordem social patriarcal, na Idade do Bronze. Esta transformou radicalmente as relações sociais, estabelecendo a diferença entre homens e mulheres. Ao homem, conferiu a condição de dominador/superior e à mulher, a condição de dominada/inferior.

Esse sistema de dominação penetrou nas sociedades e diminuiu, de forma rigorosa, o horizonte da mulher. Alves e Pitanguy (2003) relatam que designaram para a mulher “o mundo interno” e para o homem “o mundo externo”. Em suma, arrancaram-lhe a autonomia e liberdade, já que a mulher passou a ser vista como um simples objeto, servindo apenas para procriar e realizar as atividades do âmbito doméstico.

Essa lógica patriarcal durou décadas e, por diversas vezes, as mulheres se calaram, reprimindo seus desejos e tendo seu corpo manipulado e violentado para satisfazer os anseios do homem. Após grandes transformações sociais, históricas, culturais, econômicas, políticas etc., essa visão machista começou a perder força, como por exemplo durante o período da Revolução Francesa quando começou a instauração da democracia.

Graças às lutas de grandes mulheres, hoje, nós – mulheres – podemos participar ativamente na sociedade, mas é importante destacar que a luta continua, porquanto muitos atores sociais ainda buscam evidenciar que a mulher é submissa, inferior e deve fazer apenas aquilo que é determinado. Isso é um reflexo do patriarcado, que instaurou “a ideia do homem como superior à mulher [...] a mulher se tornou, primeiro, propriedade do pai, depois, do marido, e, em seguida, do filho” (LINS, 2022, p. 63).

Mesmo com todas as transformações sociais, não é difícil perceber a presença dessa ideologia em muitas práticas sociais. A forma mais visível do desrespeito é a violência intrafamiliar contra a mulher, que, nos últimos anos, tem apresentado alto índice de crescimento. Apesar do Brasil possuir a Lei nº 11.340/2006 (Lei Maria da Penha), políticas

públicas e ações de enfrentamento à violência contra a mulher, dados revelam que ela tem sido frequentemente alvo da desvalorização que se manifesta sob a forma de violência física, psicológica, patrimonial, sexual e moral. À vista disso, a presente pesquisa tem por finalidade investigar discursos de mulheres que avaliam a violência intrafamiliar machista, analisando o seu potencial de efeitos de sentidos em comentários e subcomentários publicados no Facebook.

A violência intrafamiliar contra a mulher é um problema social que necessita, com urgência, ser (re)discutido, isso porque é possível notar que diversos atores sociais propagam discursos conservadores e não aceitam as transformações das relações humanas. Essa tradição patriarcal machista e misógina também afeta a mulher, tornando-a reprodutora desse sistema. “Ela aceita como natural sua condição de subordinada. Vê-se, assim, através dos olhos masculinos, incorporando e retransmitindo a imagem de si mesma criada pela cultura que a discrimina” (ALVES e PITANGUY, 2003, p. 56-57).

Tendo isso em vista, busco, a partir da Análise Crítica do Discurso – ACD –, especialmente nos estudos críticos do discurso de Norman Fairclough (1989; 2001; 2003a), refletir acerca dos diversos modos de avaliação nos comentários e subcomentários de mulheres sobre a violência intrafamiliar machista. Aqui, compartilho da posição assumida por Fairclough de que, todo discurso é uma prática social pela qual os atores sociais podem buscar promover mudanças na sociedade. É uma forma de agir no mundo, construindo significados por meio dos discursos e considerando que toda ação do ator social está historicamente situada.

Segundo Fairclough (2001, p. 91, grifo nosso), “**o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social** que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas, convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes”. Portanto, falar em questões sociais é pensar sobre o que está repercutindo na atualidade e procurar, de alguma forma, contribuir de maneira crítica com o processo de desenvolvimento da sociedade. Viviane Resende e Viviane Ramalho (2006, p. 26) afirmam que “o primeiro passo para a superação de relações assimétricas de poder, e para a (auto)emancipação daqueles/as que se encontram em desvantagem, pode estar no desvelamento de ideologias”.

Dessa forma, destaco que a categoria analítica avaliação, nos oportuniza perceber que ideologias estão presentes no discurso do ator social. Ademais, procuro verificar se as escolhas linguísticas avaliativas, em nosso objeto, estão contribuindo para manter ou transformar as relações de poder entre os gêneros.

Em consequência dessa capacidade significativa do discurso, observei a necessidade de realizar uma pesquisa de cunho qualitativo que, através da análise hermenêutica dos dados,

busque refletir criticamente sobre os diversos discursos dos atores sociais, observando se há, ou não, sustentação e/ou transformação das ideologias patriarcais. É importante frisar que os discursos veiculados nas redes sociais vêm ganhando cada vez mais papel de destaque nas práticas sociais cotidianas, pois representam a heterogeneidade dos atores sociais que, conscientemente ou inconscientemente, marcam seus posicionamentos ideológicos.

Como diz Lopes (2003, p. 19, grifo nosso):

É impossível pensar o discurso sem focalizar os sujeitos envolvidos em um contexto de produção: todo discurso provem de alguém que tem suas marcas identitárias específicas que o localizam na vida social e que o posicionam no discurso de um modo singular assim como seus interlocutores.

À vista disso, escolhi a rede social Facebook para refletir sobre o crescimento exacerbado da violência intrafamiliar contra a mulher. Essa escolha se deu pelo fato de o Facebook ser um ambiente interativo, dinâmico e favorável às discussões sobre diversos assuntos com indivíduos do mundo todo. Aliás, é um espaço significativo e de grande potencial, uma vez que os atores sociais tanto podem influenciar como serem influenciados através dos juízos de valor explícitos e/ou implícitos, isso porque cada um enuncia conforme suas ideologias. Não obstante, para o estudo utilizo alguns dados quantitativos, a fim de compreender a recorrência dos diversos modos de representatividade linguística, fazendo uso do tipo da pesquisa descritiva.

Esta temática foi escolhida porque, nos últimos anos, a violência contra a mulher tem se intensificado. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022, p. 156), os casos de feminicídio, por exemplo, entre 2016 e 2021, aumentaram em torno de 44,3%. Aqui, cabe destacar que esse crescimento é novamente confirmado com a publicação do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2023. Neste, consta que, em 2022, as ocorrências de feminicídio atingiram 6,1%. É importante lembrar ainda que o documento registra a ampliação de todas as formas de violência contra a mulher.

Além disso, ao verificar cuidadosamente páginas noticiosas no Facebook, como, *O Portal de Notícias da Globo – G1, Brasil Notícias* e o *Portal R7* foi perceptível a publicação de muitas notícias acerca da violência intrafamiliar contra a mulher e estas notícias normalmente geram grande engajamento dos atores sociais. Notei que os atores sociais buscam, a partir das postagens, discutir/refletir sobre as práticas violentas contra a mulher, pleiteando pelo cumprimento dos direitos femininos. Dessa maneira, percebi que nessa rede social, “as pessoas não são apenas pré-posicionadas no modo como participam em eventos sociais e textos, mas

também são agentes sociais que atuam no mundo” (RAMALHO, 2010, p. 68). Cabe aqui acentuar que igualmente encontrei indivíduos que utilizam esse espaço para disseminar práticas subalternizadoras, cooperando para manter relações de dominação.

Desse modo, pode-se dizer que os discursos publicados por diferentes atores, na rede social Facebook, podem influenciar a produção, reprodução e transformação das ideologias opressoras, uma vez que os indivíduos “estão agindo no mundo por meio do discurso em relação aos seus interlocutores e, assim, se constroem e constroem os outros” (LOPES, 2003, p. 25).

O *corpus* é composto por quatro publicações (notícias) que foram veiculadas nos anos de 2021 e 2022, bem como, pelos comentários de mulheres que alcançaram maior engajamento, ou seja, os que conseguiram mais subcomentários a respeito das notícias sobre violência intrafamiliar contra a mulher publicadas na página noticiosa do G1. Esse site é uma empresa de mídia/notícia que contém um grande e heterogêneo número de leitores e isso possibilita uma maior interação entre os atores sociais, fato que motivou a escolha desse portal, pois a análise irá focar especialmente nos comentários e subcomentários. Além do mais, esta página de notícia ocupa a primeira posição dos “dez sites de notícias do Brasil”¹ mais acessados.

Para tanto, foi construído um percurso analítico que seguiu alguns estágios sucessivos, a saber: acompanhamento da página noticiosa do G1, por seis meses; escolha de oito notícias sobre violência intrafamiliar contra as mulheres, praticada por marido. Selecionei estas notícias porque o companheiro/marido é o principal agente dos casos de feminicídio, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022, além do que esta é uma forma de violência que ocorre no seio familiar e que aumentou significativamente nos últimos anos. Por esses motivos efetuei essa demarcação; triagem das publicações que alcançaram maior engajamento para constituição do *corpus*, que se compõe de quatro postagens/notícias (duas de 2021 e duas de 2022).

As quatro notícias contêm mais de quatro mil comentários, mas optei por analisar os comentários mais relevantes. Isso porque, ao averiguar com atenção o Facebook, constatei que ele tem uma função que separa os comentários em **três categorias**, a saber: **mais relevantes**, **mais recentes** e **todos os comentários**. Considerando essas variantes, percebi que os comentários relevantes são os que mais se adequam ao objetivo de pesquisa, pois, tratam-se dos comentários que possuem um maior engajamento entre os participantes da interação midiática.

Após fazer esta organização, selecionei de cada publicação o comentário de mulher que obteve maior engajamento dos atores sociais. Cabe ainda destacar que os comentários das mulheres escolhidos estão na íntegra nos anexos. Nos subcomentários, temos posicionamentos

¹ Esta informação está disponível em: <https://br.my-best.com/20702>. Acesso em: 17 mar. 2023.

de homens e de mulheres, mas a análise é realizada apenas sobre os discursos de mulheres. Inferi quem são homens e mulheres pelos nomes que os indivíduos apresentam.

Este recorte deu-se porque observei que muitas mulheres emitem opiniões que reproduzem ideologias que colaboram para o fortalecimento da concepção de inferioridade da mulher e, estes juízos de valor são os que mais originam subcomentários, permitindo-nos, assim, fazer uma reflexão crítica das avaliações emitidas pelas mulheres sobre a violência intrafamiliar machista.

Os marcadores linguísticos avaliativos possibilitam verificar como ocorre o engajamento do ator social com o que está enunciando, melhor dizendo, “se ele concorda, discorda ou polemiza outros atos de fala da rede de práticas sociais” (RESENDE e RAMALHO, 2006, p. 70). Esses elementos são fundamentais para identificarmos se os discursos contemporâneos estão sustentando ou transformando aspectos problemáticos na sociedade.

Dito isso, a presente pesquisa está organizada em quatro capítulos. No capítulo “Tecnologia como Instrumento de Ressignificação das Ações Humanas”, apresento um breve estudo sobre os efeitos das Tecnologias na vida do ser humano. Sob influência de Álvaro Vieira Pinto e Lucia Santaella, compreendi que cada fase histórica possui a tecnologia propícia para seu contexto. Os atores sociais, ao fazerem uso desses instrumentos, revelam novas formas de pensar, ordenar, buscar informações etc., oportunizando, assim, o avanço tecnológico apto a satisfazer as novas necessidades humanas. De acordo com Pinto (2005, p. 127), “sempre houve o progresso contínuo de substituição da ferramenta velha pela nova, mais operante, produtiva e adequada aos fins visados pelo homem que a concebeu ou com ela trabalha”. Nesse contexto, é bom lembrar que essa evolução interfere nas demandas sociais, históricas, políticas, culturais e econômicas da sociedade.

No capítulo “A Mulher e a Luta contra Atos Opressores”, resgato fatos históricos importantes que contribuíram para criação de movimentos reivindicatórios, leis e políticas públicas que buscam “denunciar, desvelar e transformar a construção social da imagem da mulher” (ALVES e PITANGUY, 2003, p. 64), bem como garantir os direitos estabelecidos em lei. Para tanto, articulo diversos estudos, dentre os quais destaco os de Branca Moreira Alves & Jacqueline Pitanguy (2003), que apresentam o que é feminismo; Regina Navarro Lins (2022), que reflete sobre as transformações das relações humanas e Maria da Penha Maia Fernandes (2012), que conta sua história marcada pela violência. Dessa forma, procuro refletir criticamente acerca da violência intrafamiliar contra a mulher que vem ocorrendo ao longo da história e continua a acentuar-se na sociedade contemporânea.

No capítulo “Análise Crítica do Discurso como Instrumento de Luta”, discorro sobre a abordagem teórico-metodológica da ACD. Reflito especialmente sobre “discurso”, “significados do discurso”, “hegemonia” e “ideologia”. Para esse fim, recorro aos estudos de autores como Fairclough (1989; 2001; 2003a), Resende e Ramalho (2006; 2011), Van Dijk (2008; 2013), Gomes (2008; 2013) e Melo (2010). A partir disso, busco mostrar as contribuições dessa vertente crítica para a construção social, já que o discurso como prática social está carregado de ideologias, podendo tanto sustentar quanto transformar as relações de poder. Isso significa dizer que “o discurso tem efeitos na vida social” (RAMALHO e RESENDE 2011, p. 35).

Também nesse capítulo discuto sobre a categoria analítica avaliação, que nos permite identificar como o ator social identifica a si mesmo(a) e aos outros. Logo, é possível notar que o estudo dessa categoria pode revelar ideologias subjacentes nos discursos. “Isso porque a análise textual é concebida não apenas como a análise das relações internas, mas também das relações externas de textos, isto é, de suas relações com outros elementos de eventos, práticas e estruturas sociais” (RESENDE e RAMALHO 2006, p. 149).

No capítulo “Avaliação: juízos de valor circunscritos na história social”, analiso comentários de mulheres publicados no Facebook acerca de notícias sobre violência intrafamiliar machista, a fim de identificar de que forma as mulheres avaliam essas práticas violentas. Para isso, adoto a categoria avaliação, desenvolvida por Norman Fairclough (2003a). Ainda relaciono os marcadores linguísticos avaliativos reconhecidos no *corpus* em relação às concepções da ideologia patriarcal, com o objetivo de verificar se os aspectos desse sistema estão sendo usados nos discursos e, se estes estão colaborando para manter, revestir, ou transformar as relações de poder entre os gêneros.

Nas considerações finais, reflito criticamente os resultados obtidos, fazendo um panorama das subclassificações da avaliação identificadas nos comentários. Resgato, aqui, os objetivos propostos, procurando mostrar se os discursos de mulheres sobre a violência intrafamiliar machista contra a mulher legitimam a desigualdade entre os gêneros ou promovem transformações que respeitam as singularidades de cada ator social.

Com esta pesquisa, espero mostrar a importância dos estudos críticos para a construção das sociedades, bem como, contribuir para reflexões críticas acerca das práticas violentas contra as mulheres, fenômeno este, que vem sendo reproduzido ao longo das gerações por diversos atores sociais.

2. A TECNOLOGIA COMO INSTRUMENTO DE RESSIGNIFICAÇÃO DAS AÇÕES HUMANAS

Discussões a respeito da Tecnologia têm atraído teóricos do campo dos estudos da linguagem para o debate sobre os seus efeitos na vida do ser humano, bem como o que os indivíduos conseguem realizar com esses artefatos que, independentemente da época, criam diferentes condições de vida. Julgo impossível exaurir as perspectivas acerca da influência tecnológica na vida do ator social/indivíduo, visto que a noção de tecnologia tem muitas facetas, merecendo ser compreendida a partir do seu contexto sócio-histórico, pois é certo que a tecnologia de cada período histórico retrata as necessidades sociais, políticas e econômicas da sociedade. Como bem nos diz Vieira Pinto em seu livro *O conceito de Tecnologia* (2005, p. 284), “[...] nenhuma tecnologia antecipa-se à sua época, ou ultrapassa, mas nasce e declina com ela, porque exprime e satisfaz as carências que a sociedade sentia em determinada fase de existência”.

Assim, é imprescindível se ancorar na história do conhecimento para obter uma concepção tangível sobre as relações dos indivíduos com suas criações, já que “sem o apoio na história natural do processo do conhecimento, torna-se impossível adquirir qualquer noção fecunda e esclarecedora sobre algum aspecto da realidade do homem” (PINTO, 2005, p. 63). Do nosso ponto de vista, é essa conexão entre o ser humano e a máquina que promove a transformação social, induz a produção de novos instrumentos e modifica o processo de interação entre os atores sociais. Isso é explicável porque “a evolução dos maquinismos é na verdade a evolução do homem enquanto ser que os constrói” (PINTO, 2005, p. 74), ou seja, só é possível entendê-la relacionando-a ao seu criador.

Importante em tudo isso é pensar a diversidade tecnológica alicerçada à história como um processo de amadurecimento do saber e não como algo inédito. Desse modo, pode-se dizer que toda mudança tecnológica provém das ações humanas precedentes, pois o homem procura suprir suas faltas a partir das próprias experiências, bem como, as necessidades da comunidade na qual está inserido.

Outro defensor da concepção de que todo conhecimento está articulado a um saber anterior, é o filósofo Fourez, que em seu livro *A Construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências*, argumenta que olhamos o mundo a partir das concepções/ideias que trazemos na cabeça: “[...] ideias preconcebidas, representações, modelos, sejam científicos, pré-científicos ou mitos” (1995, p. 65). Tais palavras são oportunas para compreender as criações tecnológicas contemporâneas como um progresso acumulativo do conhecimento que pode tanto

levar ao aperfeiçoamento, quanto à substituição dos instrumentos, pois elas não “derivam das máquinas anteriores enquanto tais, mas do emprego que o homem fez delas [...]” (PINTO apud PINTO 2005, p. 20). À medida que o indivíduo faz uso desses inventos, se manifestam novas formas de pensar, organizar, buscar informações, possibilitando um progresso tecnológico que é apto a suprir as novas necessidades do ser humano e, assim, nos possibilitar a reflexão sobre os efeitos da tecnologia na sociedade e na vida dos atores sociais.

Nessa perspectiva, Pinto (2005) mostra que vivemos em um período extraordinário, marcado por uma *explosão tecnológica* que possui a capacidade de transformar significativamente todas as ações dos indivíduos. Do ponto de vista linguístico, isso é possível graças à linguagem que proporciona ao homem perceber, criar, ordenar, caracterizar e transformar a realidade em que vive. Esse é o resultado das interações sociais: produzir efeitos na vida dos atores sociais através da comunicação e da interação.

No sentido estrito, a linguagem está sempre se transformando e possibilitando novas formas de aprendizagem, contribuindo assim, para as transformações tecnológicas. Tendo isso em vista, pode-se dizer que as novas tecnologias se distinguem das demais por oferecer novas formas de interação. Nos prognósticos de Marcuschi, ele afirma que “[...] parte do sucesso da nova tecnologia deve-se ao fato de reunir num só meio várias formas de expressão, tais como, texto, som e imagem, o que lhe dá maleabilidade para incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos linguísticos utilizados” (2005, p. 13).

2.1 Historicidade e as novas formas de interação mediadas pelas tecnologias

Para fortalecer nossa discussão, fixei cronologicamente a evolução de alguns maquinismos considerados, neste momento, cruciais para uma maior autonomia dos indivíduos na transformação comunicacional. Começo, portanto, nossa retrospectiva a partir dos anos 1970. Cabe aqui considerar que, desde o princípio/gênese, o homem vem se transformando constantemente e que cada época é única, possuindo a tecnologia propícia para o seu tempo. Como diz Pinto (2005, p. 297), “qualquer que seja o grau de desenvolvimento, todo grupo social tem uma tecnologia suficiente para enfrentar a natureza e dela obter a produção necessária para viver”. Entretanto, julgo esse período essencial para o desenvolvimento do indivíduo enquanto ser que passa a executar suas ações com maior independência, visto que, outrora, as suas ações/práticas eram, naturalmente, normatizadas.

Isso significa dizer que as ações dos indivíduos eram mais padronizadas, pois as tecnologias tradicionais de comunicação, como televisão e rádio, não permitiam aos atores

sociais terem acesso às informações de forma autônoma e instantânea. Posso citar como exemplo a busca imediata por informações. Essa ação, que hoje é comum no nosso dia a dia, foi, gradativamente, sendo possível graças às novas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação – TDICs² –, por exemplo, computadores e celulares que passaram a nos propiciar novas formas de produzir, acessar e interpretar as informações e “[...] cuja marca principal está na busca dispersa, alinear, fragmentada, mas certamente uma busca individualizada da mensagem e da informação” (SANTAELLA, 2022, p. 201).

Diante desse contexto, é possível dizer que essas tecnologias digitais modernas transformaram as relações sociais, proporcionando aos indivíduos a oportunidade de escolher o que deseja consumir e quando consumir, ou seja, modificando as condições de vida dos atores sociais. Nesse contexto, é preciso lembrar que

o homem criará sempre novos engenhos, admirando-se dos que possui em cada momento, mas desejoso de substituí-los. Tal substituição representa uma condição de progresso do conhecimento do mundo onde vive, o que existencialmente quer dizer de solução de suas contradições. A máquina realiza simultaneamente dois objetivos: (a) dá-lhe o poder de penetrar mais fundo no conhecimento do universo, ao utilizar as energias do mundo físico para descobrir os aspectos ainda ignorados da matéria; (b) amplia o sistema das relações sociais de produção, estabelecendo formas de convivência humana impossíveis em épocas de maior atraso tecnológico (PINTO, 2005, p. 83. Grifo nosso).

As TDICs trouxeram novas perspectivas e expandiram as possibilidades de comunicação. Cabe aqui destacar que, antes do advento do computador, as mensagens/informações eram pré-selecionadas em virtude de ser um consumo massivo e unilateral de informações, em outras palavras, os atores sociais recebiam as informações, mas não tinham a oportunidade de interagir ativamente com os produtores ou transmissores. Com o desenvolvimento tecnológico, esse cenário foi se modificando. Por conseguinte, houve a ampliação das relações sociais, provocada a partir do surgimento de novos recursos tecnológicos. Estas formulações são sustentadas a partir dos dados históricos que demarcam o processo evolutivo das tecnologias.

Para compreender o caminho histórico dessas transformações, vou falar inicialmente dos anos 1970. Observa-se que, nessa época, mudanças importantes aconteceram nas formas de produção, consumo e compartilhamento de linguagens. Pode-se citar a televisão que, nesse período iniciou as transmissões via satélite, proporcionando a divulgação “mundial das

² As TDICs são aquelas tecnologias que estão conectadas à internet, diversificando a interação e comunicação entre os sujeitos-usuários, por exemplo, “computador, tablet, celular, smartphone e qualquer outro dispositivo que permita a navegação na internet” (COSTA; DUQUEVIZ; PEDROZA, 2015, p. 604).

emissões que captavam diretamente de um único local para todos os rincões da Terra” (SANTAELLA, 2022, p. 199).

Nessa época, também surgiu o controle remoto infravermelho, provocando mudanças na forma de assistir à TV. Nas palavras de Santaella, com o aparelho, os indivíduos podiam “saltar à sua vontade de um canal a outro, inclusive driblando a lógica mercadológica ao escapar dos intervalos de anúncios” (2022, p. 198). Percebe-se aqui que, nessa época, estava nascendo um novo formato de interação nas relações humanas, pois já era possível aos sujeitos, selecionar entre as possibilidades de informações existentes àquelas que mais lhes agradavam.

Tivemos em meados dos anos 1970, a criação do videocassete que alterou mais uma vez a interação do ser humano com os aparelhos midiáticos. Essa nova máquina oportunizou a gravação de programas transmitidos e, com isso, os indivíduos conseguiam escolher o programa, gravar e, posteriormente, assistir no momento mais oportuno. Colaborando para o desenvolvimento de uma maior autonomia na escolha do que consumir, tivemos também o surgimento das videolocadoras, ambientes que permitiam o aluguel de vídeos (filmes, programas de tevê, jogos etc.). Como se vê, esse processo de evolução e aprimoramento exponencial das tecnologias estava se encaminhando para nos fornecer “[...] uma realidade com a qual os sujeitos se identificam” (DIAS, 2018, p. 35).

Os avanços subsequentes levaram à criação do videotexto no início dos anos 1980, ampliando ainda mais a divulgação das informações e das relações sociais. Com esse feito, foi possível a disseminação de diferentes conteúdos, a saber, esporte, saúde, política, clima, principais notícias do dia etc., de forma rápida e atualizada, pois esses dados estavam armazenados na central do videotexto. Como bem mostra Plaza, “videotexto é um sistema de distribuição bidirecional de informação para um mercado de massa, dentro do qual usuários podem solicitar informação a uma tela de televisão de um banco de dados em computador através de um teclado” (1986, p. 17). Vejamos na figura a seguir a representação de um sistema de videotexto:

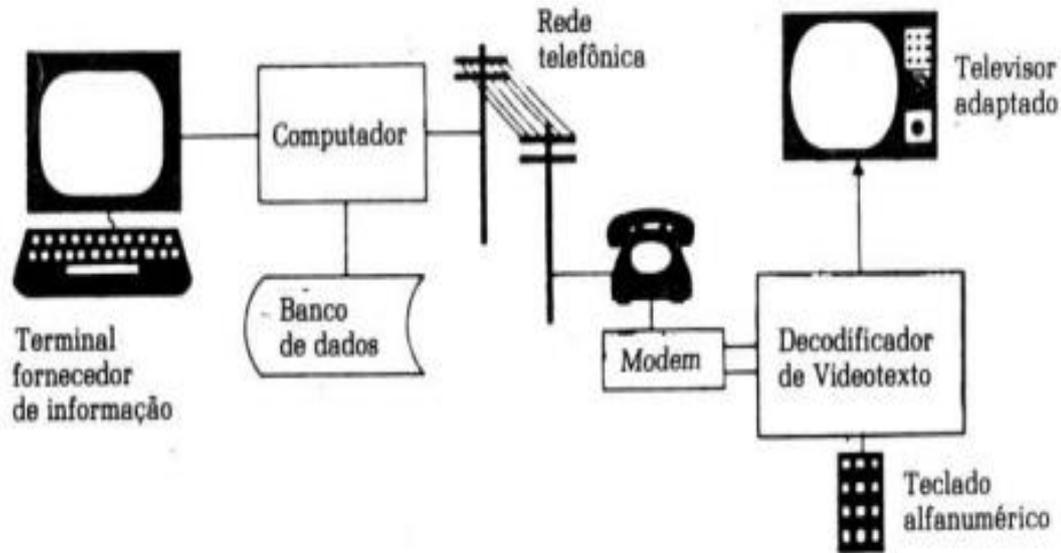


Figura 1- o sistema de videotexto (PLAZA, 1986, p. 18).

Diante do que foi mencionado, pode-se dizer que essa nova condição de produção³ nasceu da inter-relação com tecnologias eletrônicas precedentes. O “novo” não existe deslocado da história humana. Todavia, é interessante, neste momento, perceber a dimensão dessa mídia que proporcionou mudanças extremamente significativas nos atores sociais, e, conseqüentemente nas práticas culturais, sociais, econômicas e políticas estabelecidas. Santaella, no livro *Neo-humano*, já argumentava que essa mídia pode ser considerada o início da internet, visto que, “com o videotexto, a escritura impressa saltou, pela primeira vez, do papel para a própria morfocomposição da tela eletrônica” (SANTAELLA, 2022, p. 200).

Assim sendo, verifica-se que os anos 1980 foram primordiais para a história. Estes são caracterizados pela expansão da informação e da comunicação que ficavam disponíveis e podiam ser consultadas conforme a necessidade dos indivíduos. Ainda, conforme Santaella, o computador veio “[...] para simbolizar todo o espectro de sistemas em rede e recursos que exemplificam comportamento cibernético [...]” (SANTAELLA, 2022, p. 217). Pode-se afirmar, portanto, que o computador, principalmente com a chegada da internet, permitiu aos atores sociais acesso aos espaços híbridos que conectam os diversos indivíduos. Isso porque a internet contribuiu para a criação de mídias sociais, favorecendo a divulgação e a interação de múltiplas linguagens. Sendo assim,

³ O que significa pensar a tecnologia em sua condição de produção? Significa “devolvê-la à história ou considerá-la em sua historicidade, procurando compreender seus efeitos, [...] ao considerar a história um produto da tecnologia e não a tecnologia um produto histórico. Tudo isso deriva do sentido de transparência da tecnologia. E dele o sentido do desaparecimento do sujeito mediante a máquina. Embora possamos afirmar que, na máquina, não há sujeito, é certo que sem sujeito não há máquina” (DIAS, 2018, p. 44).

a internet foi umas das maiores invenções da história da humanidade, pois permitiu difundir uma quantidade enorme de conhecimento humano a um custo baixíssimo. **Permitiu compartilhar recursos e produzir colaboração humana em grande escala**. Muitas tecnologias surgiram em torno dela e dos usos que lhe foram dados, gerando uma enorme inovação tecnológica e econômica (MACHADO, 2021, p. 330. Grifo nosso).

Esse contexto nos proporciona compreender questões que envolvem o computador para além da função que recebe enquanto máquina (objeto), que armazena, processa e transmite informações globais. Isso porque ele também produz efeitos na vida dos atores sociais. Foi por meio dessa potente máquina que surgiram novas formas de linguagem, interação, produção, ação e relação social, transformando tanto o comportamento, quanto as visões de mundo dos indivíduos.

Na sequência, apresento brevemente a rede social Facebook – comunidade que proporciona interação entre atores sociais. Essa nova cultura digital tem levado/possibilitado a reflexão sobre as práticas sociais, pois o compartilhamento de diferentes discursos contribui para reprodução e/ou transformação da sociedade. Como já lembrava Fairclough (2001, p. 91), “o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado”. Sendo assim, pode-se dizer que ele está repleto de ideologias que contribuem para a produção de sentidos diversos.

2.2 Facebook: espaço discursivo

No ano de 2003, os universitários de Havard, Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes criaram a plataforma de comunicação *Facemash*. Inicialmente, a plataforma era utilizada para a interação entre os alunos da universidade, tendo como principal função a publicação de imagens. Em pouco tempo, ela ganhou visibilidade e se popularizou entre os discentes de outras instituições. Com esse cenário de aceitabilidade, Mark Zuckerberg e seus companheiros continuaram a aprimorar o projeto e, em 2004, divulgaram a rede *Thefacebook* que possibilitava a conexão virtual entre discentes de diferentes universidades. Em 2005, a rede social passou a ser chamada Facebook. Nessa época, foi permitido o ingresso de mais de 800 universidades (ARRINGTON, 2005).

Neste momento, pode-se dizer que a rede social Facebook passou por várias modificações e continua se transformando ao longo dos anos, produzindo novas formas de interação entre os atores sociais. Em 2006, por exemplo, a rede passou a ser utilizada por empresas e por pessoas

maiores de 13 anos. Entretanto, só foi em 2011 que se destacou mundialmente, atingindo 350 milhões⁴ de consumidores/usuários, adquirindo o status de maior servidor de imagens.

Escrito em 2014, o artigo de Correia e Moreira sobre *Novas Formas de Comunicação: História do Facebook - Uma História Necessariamente Breve*, ressalta que é plausível compreender o Facebook como um *website*, uma vez que conecta páginas de perfil dos usuários. São nessas páginas pessoais⁵ que os atores sociais fazem suas publicações e se conectam com outros perfis, ou seja, através dessa mídia digital, é possível construir relações sociais. Para resumir, convém registrar que os avanços subsequentes levaram o Facebook, em 2022, a atingir “quase 3 bilhões de usuários ativos mensais”⁶, deixando-o na primeira posição e lhe dando o título de maior rede social do mundo. Correia & Moreira afirmam que:

[...] o Facebook transformou-se num extraordinário caso de sucesso através do domínio massivo de milhões de interações sociais, diárias. Esta nova esfera de comportamentos sociais acarreta um fascínio inerente, mas também fornece aos cientistas sociais uma oportunidade, sem precedentes, de observação de comportamentos num cenário natural, de testar hipóteses num domínio totalmente novo e de recrutar com eficiência participantes de todas as partes do mundo e dos mais diversos perfis demográficos (2014, p. 172).

Tendo como base a evolução do Facebook, é interessante percebê-lo como uma rede social inovadora, dinâmica e interativa, que permite aos usuários interagir com outros indivíduos através do compartilhamento de “[...] textos e símbolos, imagens dos mais diversos tipos, gráficos, sons puros ou sons ambientes e trilhas, audiovisual de variadas naturezas. Em suma, todo o elenco de tipos, classes de signos e suas inextricáveis misturas [...]” (SANTAELLA, 2022, p. 236). Assim, importa destacar que os atores sociais se utilizam de diversas semioses para estabelecer interação com outros, oportunizando, dessa forma, práticas coletivas que colaboram para a ressignificação das ações dos atores sociais.

De acordo com Han (2018), “hoje não somos mais destinatários e consumidores passivos de informação, mas sim remetentes e produtores ativos. Não nos contentamos mais em consumir informações passivamente, mas sim queremos produzi-las e comunicá-las ativamente nós mesmos”. Conforme foi discutido no tópico anterior, a mídia digital proporcionou e proporciona uma maior autonomia de escolha, visto que, nesse ambiente, o ator social pode

⁴ Esta informação está disponível em: <https://www.nuvemshop.com.br/blog/o-que-e-facebook/>. Acesso em: 16 dez. 2022.

⁵ Para usufruir dessa grande rede social, em um primeiro momento, é necessário fazer um cadastro com os dados pessoais. Logo após, a pessoa pode consolidar seu perfil inserindo sua biografia, fotos, vídeos etc. É através dessa página pessoal que alguém pode ligar-se a outros perfis.

⁶ Esta informação está disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/facebook/>. Acesso em: 16 dez. 2022.

escolher quais páginas, perfis ou grupos seguir como também ampliar a rede de relações, já que é possível interagir ativamente com atores sociais do mundo todo em tempo real.

À face do exposto, posso dizer que o Facebook oportuniza a reflexão sobre a produção e circulação dos discursos nas redes sociais, visto que, concomitantemente, produzimos e consumimos informações, ao mesmo tempo que mostramos nosso posicionamento em assuntos variados, baseado em nossas ideologias. Fundamentada na Análise do Discurso, Cristiane Dias afirma que “[...] todo sujeito é um sujeito ideológico e toda ideologia só existe por e para o sujeito” (2018, p. 27).

Tais palavras são oportunas para compreender a rede social como um espaço que oferece diferentes possibilidades/modalidades de comunicação. Isso se dá pelo fato de ser composta por indivíduos de variadas culturas, países, crenças, religiões – permitindo práticas coletivas capazes de transformar tanto o espaço digital, quanto a relação do indivíduo nesse ambiente. Aqui fica evidente que vivemos tempos em que a autoexpressão na rede social se tornou vital para a interação dos atores sociais, bem como para manutenção e crescimento das redes sociais. Nas palavras de Amante (2014, p. 40):

O Facebook permite a autoexpressão através do perfil, ao mesmo tempo em que favorece múltiplas oportunidades para compartilhar informações sobre a própria cultura, gostos, redes de amizade, filiação política, e outros aspectos que contribuem para a construção quer da identidade, quer das relações com os outros, desempenhando um papel importante em manter e desenvolver o capital social, podendo ainda ter reflexos nos contextos educacionais, independentemente da utilização específica destas ferramentas como espaços de aprendizagem formal.

Dito isso, considero que as diversas manifestações do pensamento na rede social Facebook contribuem para as transformações sociais, políticas, culturais e econômicas. Isso porque é por meio do discurso que os atores sociais promovem a sustentação, a rejeição, a aceitação e até mesmo a transformação das práticas sociais. Sob esse prisma, entendo o Facebook como um espaço digital convidativo para a difusão de discursos que colaboram para (re)construção das ideologias.

Diante disso, compartilho o ponto de vista de Fairclough (2001) de que a ideologia é uma construção da realidade, que pode ser manifestada por meio de diversas práticas discursivas e, assim, entendemos que os discursos não são neutros, mas atravessados por outras discursividades que são acionadas durante o processo comunicativo. Conforme Courtine (1981), “toda produção discursiva que se efetua em determinadas condições de uma conjuntura, movimenta e faz circular formulações anteriores, já enunciadas” (apud PAVEAU, 2021, p. 267-268).

Há, na mídia digital Facebook, exemplos concretos dessa multiplicidade de discursos que nos leva a refletir sobre as diversas práticas sociais. Pode-se citar, como exemplo, a notícia sobre o MC Guimê e o lutador de jiu-jítsu Cara de Sapato, ambos participantes do programa de TV Big Brother Brasil em 2023, investigados por importunação sexual. Entendendo o que diz a lei e qual a pena para o crime⁷, pode-se afirmar que eles foram excluídos do reality show, no dia 16 de março de 2023, por infringirem as regras do programa. Ao acessar, o Facebook, o perfil *G1 - O Portal de Notícias da Globo* –, às 16 horas do dia 17 de março de 2023, constatei que, em menos de seis horas de publicação, a notícia já tinha mais de mil comentários. Diante dessa realidade, registro que os atores sociais buscam, através do discurso, terem uma participação ativa nas discussões que englobam os problemas sociais.

Dito isso, na próxima seção, apresentarei o gênero discursivo comentário. Este gênero, utilizado ativamente no Facebook, propicia a formação de uma rede de interações que permitem que os atores sociais construam sentidos ao mesmo tempo que buscam contribuir com as transformações sociais.

2.3 Gênero Textual Comentário: prática social no Facebook

Estamos profundamente mergulhados numa “era tecnológica” que vem transformando a vida do ser humano, a ponto de incorporar novas políticas capazes de ressignificar todas as dimensões das ações humanas. Todavia, evidencio que cada nova experiência está ligada às experiências vividas outrora. Pode-se comparar esse conjunto de vivências com uma “*colcha de retalhos*” em que o indivíduo vai construindo através da união dos tecidos e, conforme ganha forma, vai se tornando mais sólida.

As sábias palavras de Cris Pizzimenti fortalecem esse princípio quando afirma: “sou feita de retalhos. Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. [...] de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...[...].” Como foi dito anteriormente, não é possível pensar o progresso tecnológico desarticulado/fora da história, pois ele é fruto de uma trajetória que perpassa as mudanças da humanidade ao longo do tempo e do meio em que vivemos.

Entre as grandes transformações trazidas pelo avanço tecnológico, fixo, neste momento, nosso olhar nas mudanças comunicacionais, já que o desenvolvimento das Tecnologias Digitais

⁷ Tal informação está disponível em: <https://www.facebook.com/g1>. Acesso em: 17 mar. 2023.

da Informação e Comunicação vem proporcionando mudanças na forma de comunicação e interação entre os atores sociais. Os jornalistas, por exemplo, antes do advento da internet, não tinham um feedback imediato dos leitores. Hoje, isso é factível devido à forte presença dos jornais “[...] no Facebook, sendo possível escrever comentários, enviar vídeos e *links*, a partir de iPhones, *tablets*, celulares etc.” (CUNHA, 2012, p. 28).

Neste universo digital, os jornalistas recebem *feedbacks* instantâneos de suas publicações e promovem o diálogo entre os atores sociais. Isso porque é comum os atores apresentarem opiniões a partir de um comentário existente, fomentando, normalmente, um grande debate. Ainda segundo Cunha (2012), o comentário assemelha-se ao diálogo do cotidiano, dado que é um momento cujo principal propósito é a interação.

Diante do exposto, percebo que o Facebook impulsiona uma escrita colaborativa (EC), isso porque se trata de uma interação motivada. O comentário – prática social – que nos últimos anos vem despertando forte interesse, é realizado a partir de outras publicações ou outros comentários “e ao longo da interação os membros acabam se afetando mutuamente, revelando, assim, o caráter colaborativo desse tipo de escrita” (COSTA, 2015, p. 96).

Os indivíduos apresentam e defendem seus pontos de vista, compartilham conhecimentos, propõem soluções para os problemas sociais etc., em outras palavras, “o leitor constrói novos discursos, reacentuando diferentemente os aspectos temáticos, os sentidos múltiplos, explícitos ou subentendidos, ou introduzindo deslocamentos e mudanças de tema [...]” (CUNHA, 2012, p. 28). Além disso, é importante considerar também que é uma interação realizada por atores sociais de diferentes países, culturas, religiões, viabilizando, assim, relações interpessoais, por meio de diferentes linguagens.

Concebo, nesta situação, a linguagem como um evento social que proporciona aos atores sociais compreender e interpretar os contextos sociais, culturais, econômicos, políticos e históricos. É uma forma de atuação no mundo que molda a forma de pensar, de engajar-se e até mesmo de perceber a realidade. De fato, como lembram Resende e Ramalho (2006, p. 26), “entender o uso da linguagem como prática social implica compreendê-lo como um modo de ação historicamente situado, que tanto é constituído socialmente como também é constitutivo de identidades sociais e sistemas de conhecimento e crença”. Em suma, por possuir um grande potencial de significação, a linguagem, enquanto prática social, proporciona aos atores sociais representar e agir no mundo. Isso acontece porque permite que eles elaborem seus discursos de acordo com os diferentes ambientes institucionais, domínios discursivos e interlocutores.

Diante disso, não há dúvida de que, no discurso digital, há uma participação ativa dos atores sociais na construção de sentidos, uma vez que essa prática social propicia aos atores não

só processar, criticar, comparar, contrapor informações, mas também estabelecer relação com conhecimentos anteriores, conferindo, assim, sentido ao que lê, ao mesmo tempo que cria laços entre o autor-texto-leitor. No Facebook é comum a construção de uma rede interacional, isso porque há comentários que recebem vários subcomentários (novos comentários a partir de um comentário base). Para Costa (2015, p. 23), “os comentários são respostas a um texto base (post ou postagem) e/ou a outro comentário, e podem apresentar ideias complementares ao assunto em discussão ou podem apresentar ideias contrárias, estabelecendo debates e interferindo nos sentidos construídos em rede”.

Com base nisso, pode-se dizer que os indivíduos “são vistos como **atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto**, considerando o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores” (KOCH e ELIAS 2010, p. 10). Desse modo, percebe-se que, no gênero comentário, há o entrelaçamento de conhecimentos que são produzidos segundo as ideologias de cada ator social. Segundo Bakhtin (1997, p. 291):

De fato, **o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente**, para com este discurso, **uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar** etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. **A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa** (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz (Grifo nosso).

Diante dessas palavras do filósofo, pode-se dizer que os atores sociais atuam ativamente na atividade discursiva. Isso nos permite compreender que a construção do saber não está apenas na materialidade discursiva, mas se coaduna na interação entre os atores sociais. Esse reconhecimento é importante para confirmarmos que os sentidos não estão determinados no texto, não obstante se fundam através da relação entre a língua, a história e o indivíduo. Como disse Marcuschi (1998), os conhecimentos de mundo e da língua serão a todo momento “requeridos”.

O Facebook favorece esse diálogo disponibilizando recursos que dinamizam e transformam às interações sociais, efetuando-se, muitas vezes, através da relação entre gêneros, que são acionados de acordo com o propósito comunicativo. Lima (2020, p. 69) nos diz que,

[...] o Facebook possui recursos essenciais de um ambiente interativo, uma vez que é composto por vídeos, fotos, textos, bate-papo e outros, além de servir, hoje, como veículo de informação dos mais diversos assuntos que são compartilhados através das

páginas dos veículos de comunicação, perfis empresariais e individuais de diversos usuários, que pode ser inclusive, realizado em tempo real.

A partir disso, convém enfatizar que o comentário ocupa um espaço de destaque, uma vez que o ator social participa ativamente da construção de sentidos. “Na verdade, os comentários, além de serem altamente interativos, podem assumir caráter colaborativo: ao lerem as postagens [...], os internautas podem comentá-las, negociando sentidos e interferindo diretamente na direção argumentativa do que está sendo publicado” (COSTA, 2015, p. 25).

Essa prática social cotidiana, permite-nos identificar, por exemplo, se o ator social concorda ou não com o que está sendo publicado. Isso pode ser verificado em alguns exemplos retratados nas figuras a seguir.

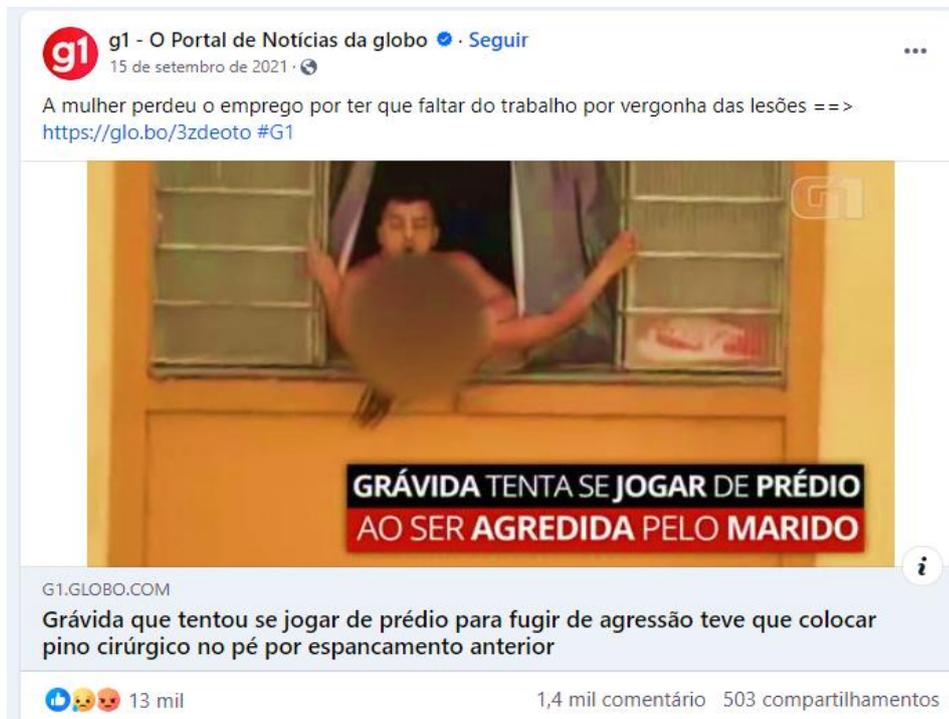


Figura 2 - Notícia publicada no Facebook⁸

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/g1> Acesso em: 06 abr. 2022.

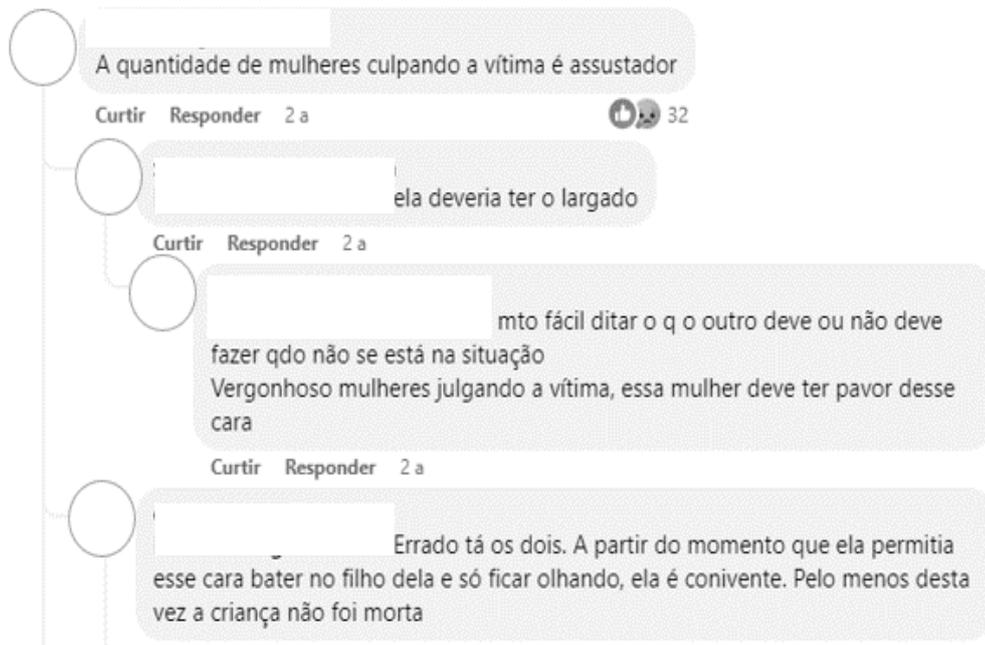


Figura 3 – Exemplos de Comentário⁹

Como é possível perceber, trata-se de uma notícia cujo tema está relacionado à violência intrafamiliar contra a mulher e que foi registrada por vizinhos. Tal episódio ocorreu em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, na terça-feira, 14 de setembro de 2021¹⁰. Com base nas informações fornecidas pela mídia social Facebook, constata-se que a publicação recebeu mil e quatrocentos comentários no portal G1.

Nota-se, a partir dessas figuras, que o acesso aos portais de notícias no Facebook leva inicialmente o indivíduo a ter contato com o gênero notícia. Este desencadeia a conexão com outras práticas sociais comuns do dia a dia, tal como o gênero comentário e o gênero debate. Isso é constatado quando se busca adentrar nos comentários (verbais e não verbais). Forma-se, assim, um espaço colaborativo que contém diversos atores sociais e que é construído a partir da interação.

Conforme verifica-se na figura 3, há marcas linguísticas que mostram/marcam o diálogo entre os participantes e isso é perceptível a partir das proposições *vergonhoso mulheres julgando a vítima, essa mulher deve ter pavor desse cara*. Vemos nesse fragmento que o emissor se expressa a partir de falas anteriores, alinhando-as com o texto-fonte e interagindo com os interlocutores. Isso não é casual, pois as escolhas linguísticas provêm da base social,

⁹ Comentários sobre a notícia “Grávida que tentou se jogar de prédio para fugir de agressão teve que colocar pino cirúrgico no pé por espancamento anterior” no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/g1> Acesso em: 06 abr. 2022.

¹⁰ No capítulo analítico, retomamos essa publicação para aprofundar as discussões sobre relações de poder reafirmadas em comentários publicados na mídia social Facebook, especificamente em portais de notícias.

cultural e histórica de cada ator social que busca legitimar seu discurso, defendendo assim o que, segundo sua ideologia, é concebido como verdade. Segundo Melo e Bezerra,

os gêneros digitais, quer se trate de criações novas ou da simples transmutação de gêneros preexistentes para o ambiente virtual, por vezes são formados como construtos híbridos entre a oralidade e a escrita, desconstruindo a tradicional dicotomia, e abarcam múltiplas semioses, revolucionando a maneira como lemos e escrevemos. Essas transformações influenciam também a linguagem utilizada, que precisa ser prática e rápida para atender às exigências comunicativas do ambiente (2011, p. 39 – 40).

Esta perspectiva indica que as TDICs transformaram a prática de leitura e escrita. Aqui, observa-se que o ator social, através do acesso à mídia social Facebook, tem o contato com variados gêneros textuais que são criados e usados conforme o propósito comunicativo, isto é, segundo o objetivo que o ator social visa alcançar ao manifestar uma atividade discursiva. Dito isso, pode-se compreender o propósito comunicativo como “[...] um conjunto de estratégias comunicativas que o produtor emprega para alcançar seus objetivos, de acordo com a intenção que ele apresenta no ato da comunicação” (PEIXOTO e LÊDO, 2011, p. 96).

É importante, nesse caso, perceber os gêneros como práticas sociais que realizam linguisticamente situações particulares de representação do mundo. Sendo assim, os gêneros são formas de ação, construindo-se na interação entre os indivíduos. A par disso, recordo os escritos de Galli, fundamentada em Lévy, que revela transformações na forma de interação entre os sujeitos com o surgimento da máquina cibernética¹¹. Para a autora, esse instrumento “introduz o terceiro dispositivo, o ‘Todos e Todos’, no qual não há distinção entre emissores e receptores, já que todas as partes em contato podem ocupar, concomitantemente, as duas posições, estabelecendo um novo tipo de interação” (2005, p.124), que no ambiente digital, não se constrói por princípios tradicionais, mas a partir de diferentes semioses.

Destaco ainda que, o que fez com que essa pesquisa enveredasse pela rede social Facebook, foi sua dimensão/influência na vida dos atores sociais. Este ambiente tem incorporado novos espaços de interação. Nos comentários do Facebook, por exemplo, nota-se uma grade troca de conhecimento acerca de diversos assuntos, a saber: “política, dia-a-dia da cidade e da escola/trabalho, declarações e opiniões de artistas, políticos, personalidades, temas polêmicos envolvendo questões religiosas, comportamentais, e de outras ordens, que motivam novos comentários” (SILVA, 2014).

¹¹ A máquina cibernética recebe, processa, transmite e fornece informações, mas não precisa dela, pois de nada lhe vale. Isso porque a relação de informação só tem sentido no domínio da matéria viva, e em sua forma mais perfeita, o âmbito social (PINTO, 2005, p. 97).

Temos aqui um gênero textual de uma grandeza comunicacional inigualável que nos permite refletir sobre diversos temas. A partir dessa reflexão sobre a ressignificação das ações dos atores sociais com o progresso tecnológico, no próximo capítulo, apresentarei aspectos que contribuem para disseminar a violência intrafamiliar contra a mulher, tema este que está diretamente ligado à proposta de abordagem metodológica da ACD e origina diversos juízos de valores que modificam/transformam as relações sociais.

3. A MULHER E A LUTA CONTRA ATOS OPRESSORES

A proposta deste capítulo é promover a reflexão sobre as práticas discriminatórias que contribuem para propagar e/ou legitimar crenças, extremamente limitantes, que colocam a mulher na condição de servidão, fêmea, subalterna, improdutiva, dona de casa, sexo frágil, inferior etc. Essas representações, muitas vezes impossibilitaram e, ainda hoje, impossibilitam a mulher de gozar da igualdade de direitos, garantida no Art. 5º da Constituição da República Federativa do Brasil que estabelece que somos todos iguais “perante a lei, sem distinção de qualquer natureza”.

É evidente que vivemos em uma sociedade que vem passando por constantes mudanças, principalmente comunicativas e interacionais, como foi discutido no segundo capítulo. Esse fato fez com que enveredasse pela rede social Facebook por se tratar de um espaço ativo e dinâmico. Com este ambiente digital, surgiram novas formas de interação, novas linguagens e novas possibilidades de aprimorar o conhecimento a partir do diálogo com pessoas do mundo todo, influenciando, assim, a vida dos atores sociais. Conforme bem descreve Shoshana Zuboff (2018, p. 45), nesse espaço digital “cada um de nós pode seguir um caminho distinto, mas esse caminho já é moldado pelos interesses financeiros e/ou ideológicos que [...] invadem todos os aspectos da ‘vida privada’ de cada um”.

Apesar de toda mudança social, histórica e cultural, ainda existem atores sociais com pensamentos hierarquizados, que, não obstante às conquistas femininas, permanecem com ideologias patriarcais que conferiram “a todas as funções femininas a figura de uma servidão” (BEAUVOIR, 1967, p. 351). A ideologia, aqui, tem papel fundamental visto que ela, muitas vezes, estabelece e propicia relações de dominação, favorecendo grupos e interesses pessoais.

Segundo Resende e Ramalho (2006, p. 49), “a ideologia é, por natureza, hegemônica, no sentido de que ela necessariamente serve para estabelecer e sustentar relações de dominação e, por isso, serve para reproduzir a ordem social que favorece indivíduos e grupos dominantes”. Nesse momento, pode-se, pois, dizer que é através do discurso que os atores sociais sustentam e reproduzem relações de poder que podem ocorrer entre diferentes grupos, como: brancos e negros, heterossexuais e homossexuais, ricos e pobres, homens e mulheres etc.

Embora seja uma questão já debatida por muitos, sabemos que, em pleno século XXI, muitas mulheres ainda sofrem com o abuso de poder do homem, precisando clamar por espaço nas relações sociais, gritar para que ecoe no ouvido do outro a dor que muitas vezes é sentida apenas na calada da noite em um recanto de parede frio e sombrio. Diante, muitas vezes, da indiferença, elas calam-se e deixam que seu corpo tatuado pela dor, fale o que seus lábios não

conseguem mais proferir. Aqui, vale a pena recordar um pouco o que nos diz o Salmo 38, versículos 2 e 3, “porei um freio em meus lábios, enquanto o ímpio estiver diante de mim. Fiquei mudo, mas sem resultado, porque minha dor recrudesciu” (BÍBLIA, 2017, p. 686). Certamente, é assim que muitas mulheres se sentem perante “o olhar atravessado”. Este, amiúde, impede o grito de socorro, mas a dor, essa só cresce. Cabe aqui trazer o apelo de Frederick Douglass:

Quando as mulheres, por serem mulheres, forem arrancadas para fora de sua casa e enforcadas nos postes de iluminação; quando suas crianças forem arrancadas de seus braços e seu crânio for esfaqueado na calçada; quando elas forem alvo de insultos e atrocidades o tempo todo; quando correr o risco de ter o teto sobre sua cabeça incendiado; quando suas filhas e filhos não puderem frequentar a escola; então elas terão [a mesma] urgência em poder votar (apud DAVIS, 2016, p. 90).

Infelizmente, declarações como estas, ditas em outras épocas ainda estão vivas na sociedade contemporânea. Diariamente, muitas mulheres são espancadas, ameaçadas e até mortas, pois, sem qualquer pudor, muitos homens buscam a todo custo dominar a mulher, esbravejar que ela é “sua propriedade”, por isso deve obediência. Marcas de uma sociedade patriarcal¹², que exalta a supremacia do homem.

Como se observa, as denúncias sobre violência contra a mulher vêm ocorrendo há décadas. É por essa razão que reafirmo a urgência de reflexões críticas, que possam contribuir para a superação deste problema social.

Nesse momento, é importante elucidar que o patriarcado está tão interiorizado na sociedade que se realiza também em discursos que são produzidos por mulheres. Isso porque o machismo, a misoginia e o patriarcado não são práticas de poder lineares, atividades de um grupo contra outro, mas discursos, ideologias e, por isso, podem ser incorporadas por qualquer indivíduo nos diversos contextos sociais.

Portella (2020, p. 56) nos informa que

a agressão e a morte de mulheres, portanto, podem ser tomadas como condutas associadas e resultantes do conjunto de normas e valores hegemônicos nas sociedades de cunho patriarcal. O crime violento contra a mulher pode ser visto como uma tentativa do agressor se adequar às normas dominantes, afirmando sua virilidade, e como uma tentativa de reenquadrar as mulheres nessas mesmas normas, quando elas desafiam o modelo patriarcal.

¹² Segundo o Conselho Nacional do Ministério Público, “na era primitiva, no início da civilização, houve o molde do homem como o macho protetor e provedor. Foi o início da sociedade patriarcal, onde o homem exercia não só sobre as mulheres, mas também sobre toda a família seu poder de superioridade” (2018, p. 9).

À vista disso, entendo que a violência intrafamiliar contra a mulher é uma pauta que precisa de discussões críticas e práticas sociais que procurem meios para a superação das desigualdades, pois essas atitudes de superioridade do homem em relação à mulher, difundidas ao longo da história, precisam ser superadas para que possamos viver em uma sociedade igualitária. Em suma, pode-se dizer que “alcançar a igualdade de direitos é converter-se em um ser humano pleno e cheio de possibilidades e oportunidades para além de sua condição de raça e de gênero. Esse é o sentido final dessa luta” (CARNEIRO, 2020, p. 5).

3.1 A história e a resistência da mulher para exercer o direito sobre sua vida

Diante do que já foi dito, percebe-se que, devido à propagação do modelo de sociedade patriarcal, as mulheres calaram-se por muito tempo, ficando submissas às organizações tradicionais que difundiam a imagem de uma mulher frágil com capacidade inferior, ou seja, que disseminavam representações, enfatizando a condição de servidão da mulher e mostrando que ela não possuía condições de usufruir dos mesmos direitos que os homens, cabendo a elas apenas as funções domésticas como cuidar dos filhos, da casa e de satisfazer os desejos/necessidades do homem.

Tendo isto em vista, Beauvoir (1967, p. 112) frisa que “a civilização patriarcal votou a mulher à castidade; reconhece-se mais ou menos abertamente ao homem o direito a satisfazer seus desejos sexuais ao passo que a mulher é confinada no casamento”. Diante de tal afirmativa, o que se pode dizer é que o patriarcalismo limitou o horizonte feminino, reduzindo a mulher à condição de servidão.

Dentro da mesma lógica de Beauvoir (1967), Fernandes (2012), no livro *Sobrevivi ... posso contar*, também aponta que a sociedade patriarcal difundiu a desvalorização das mulheres por milênios. “Começou no Oriente, berço da civilização, na Idade do Bronze, entre 1800 e 750 antes de Cristo. A agonia durou milênios, com tímidos avanços do sexo feminino, até que na Revolução Francesa se proclamou a liberdade, igualdade e fraternidade para todos” (2012, p. 112).

Percebe-se que as mulheres, vítimas da civilização patriarcal, tinham sua vida regulada pelo homem. Viviam sob estrito controle dos pais e, quando casavam, passavam a viver sob o domínio do marido. Esse comportamento autoritário foi tão ardiloso que “as mulheres, durante milênios, foram cúmplices na perpetuação do sistema patriarcal que as oprime, acreditando nessa inferioridade e transmitindo o mesmo sistema, ao longo das gerações, aos filhos de ambos

os sexos” (LINS, 2022, p. 456). Pode-se considerar, portanto, que essa ideologia está fundamentada no exercício de poder dos homens.

Alves e Pitanguy argumentam que, na Grécia, as mulheres eram comparadas aos escravos, em virtude de realizarem exclusivamente atividades manuais. “Em Atenas ser livre era, primeiramente, ser homem e não mulher” (2003, p. 11). Isso implica dizer que as mulheres sofriam com preconceitos, haja vista que a elas eram negados os direitos comuns. Outro autor que salientou esta discrepância entre os gêneros foi Xenofonte. Ele lembra que, no século IV A.C., “os Deuses’ criaram a mulher para funções domésticas, e o homem para todas as outras” (XENOFONTE, apud ALVES e PITANGUY, 2003, p. 12).

Diante do exposto, e observando estes cenários de desigualdade onde temos registrada a inscrição do autoritarismo, é oportuno ressaltar que a cultura patriarcal é constituída por princípios que determinam o papel da mulher na sociedade. “Essas ‘verdades’ estão presentes na construção cultural de gênero, que é tecida por meio das diversas redes de relações na vida de uma pessoa: família, igreja, escola, associações populares, partidos políticos, meios de comunicação de massa...” (VIEIRA, 2012, p. 209). Desde criança, ela é instruída para realizar somente as funções impostas pelo homem. Tratada assim, a mulher é considerada como um indivíduo passivo e incapaz de construir e/ou atribuir significação ao mundo.

Não se pode esquecer que na Inglaterra as mulheres brancas realizavam trabalhos que eram feitos por animais, como lembra Karl Marx, “na Inglaterra, utilizam, em vez de cavalos, mulheres para puxar etc. os barcos nos cais [...]” (apud DAVIS, 2016, p. 23). Como se vê, a sociedade, por muito tempo, levou a mulher a aceitar as práticas opressoras como algo natural. Propagava-se a sua inferioridade e buscava-se, a todo custo, impedir o seu crescimento. Diante de tudo isso, cabe enfatizar que as mulheres negras também eram “substitutas de animais de carga para puxar vagões nas minas do Sul” (DAVIS, 2016, p. 23).

Apesar de tantas restrições, as mulheres foram, aos poucos, se opondo à condição de vida imposta pela sociedade patriarcal, buscando romper com o silêncio que as aprisionava, lutando por seus direitos, repensando e recriando suas identidades. Isso porque a identidade se transforma e é construída continuamente nas interações sociais, visto que “é um construto de natureza social – portanto, político –, isto é, identidade social, compreendida como construída em práticas discursivas” (LOPES, 2003, p. 20). Diante disso, pode-se dizer que a identidade não é consubstanciada no “eu”, mas é instituída nas práticas sociais do dia a dia a partir das múltiplas vozes situadas na história.

Nesse contexto de luta por direitos iguais e por uma nova construção social, que considere o papel ativo da mulher, vale a pena refletir sobre o movimento feminista. Este,

destinou-se a denunciar a opressão e humilhação pelas quais as mulheres passavam, procurando “repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados” (ALVES e PITANGUY 2003, p. 9), ou seja, o movimento busca defender os direitos dos cidadãos, desmitificando ideologias que diferenciam os papéis entre gêneros, reivindicando que todos possam viver em uma sociedade justa, com direitos iguais. Conforme Pinto (2010, p. 16) aponta, “o feminismo [...] não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo”.

Como se sabe, no decorrer da história do ocidente, muitas mulheres se revoltaram e lutaram contra a hegemonia¹³ que determinava a diferenciação de práticas sociais entre homens e mulheres, colocando-as na condição de inferiores e dominadas. Aos poucos, as mulheres foram colocando em pauta suas reivindicações e, no século XVIII, na França, conforme revelam Alves e Pitanguy, no livro *O que é Feminismo*, o movimento feminista conquista o caráter de uma “[...] prática de ação política organizada. Reivindicando seus direitos de cidadania frente aos obstáculos que os contrariam, o movimento feminista, na França, assume um discurso próprio, que afirma a especificidade da luta da mulher” (2003, p. 32). Ainda nos estudos de Alves e Pitanguy, constata-se que as mulheres francesas pleitearam em assembleias a rescisão de “institutos legais” que davam ao homem plenos poderes “sobre o corpo e sobre os bens de sua mulher” (2003, p. 32).

A partir disso, surgem novas reivindicações organizadas por movimentos feministas. Num artigo escrito em 2009 e publicado em 2010, Pinto enunciava que nos últimos anos do século XIX, as mulheres, na Inglaterra, “organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto” (PINTO, 2010, p. 15).

O movimento foi marcado por grande perversidade, nesse período muitas mulheres morreram, foram violentadas e presas, chegaram a fazer até greve de fome¹⁴. Após mais de seis décadas de grandes lutas, o direito ao voto foi adquirido em 1928. No Brasil, o movimento feminista teve início nos anos 1910 na cidade do Rio de Janeiro, com a criação do Partido Republicano Feminino pela professora Deolinda Daltro, reacendendo a discussão sobre o direito da mulher de votar e de ser votada.

¹³ O termo “hegemonia” pode ser entendido como um predomínio majoritário (e muitas vezes opressivo) de uma forma de pensar (e agir) sobre todo o resto (PALMA e MELO, 2009, p. 170).

¹⁴ Nesse período, Alves e Pitanguy (2003, p. 46) ressaltam que “o Governo dá ordem para que sejam alimentadas à força, por um método doloroso – introdução pela narina de um tubo de borracha até o estômago – que constituía verdadeira tortura”.

Paulatinamente, esse debate vai ganhando força e, em 1919, a cientista Bertha Lutz, uma das criadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, através de abaixo-assinado e divulgação das atividades realizadas pelo grupo na imprensa, prossegue com a luta. Conforme observamos em Alves e Pitanguy (2003), em 1927, este direito foi obtido pelas mulheres do Rio Grande do Norte graças ao presidente Juvenal Lamartine, que atuou em prol das mulheres.

Nesse período, houve uma alteração na constituição do Estado, autorizando o voto feminino. Conforme os registros acima esboçados, observa-se que a luta pelo direito de sufrágio feminino no Brasil foi árdua. Ocorreu gradativamente e só foi conquistada em todo país no ano de 1932 durante o governo de Getúlio Vargas. Nesse período, o direito feminino ao voto ocorreu com restrições, como se constata, no livro *Violência contra a mulher: um olhar do Ministério Público brasileiro*, do Conselho Nacional do Ministério Público. Vejamos:

Somente em 1932, com o Código Eleitoral Provisório, é que se passou a permitir o voto feminino, **mas com a imposição de que só as casadas, com o aval do marido, ou as viúvas e solteiras com renda própria, teriam permissão para exercer o direito de votar e serem votadas.** O Código Eleitoral de 1934 retirou essas determinações e deixou como única restrição a obrigatoriedade do voto, só prevista para os homens. Apenas em 1946, o voto feminino passou a ser obrigatório também para as mulheres (2018, p. 43, grifo nosso).

Pode-se admitir, portanto, que o movimento feminista consiste em ações coletivas e individuais, que procuram denunciar, transformar e desmitificar a imagem de inferioridade da mulher, disseminada pela sociedade patriarcal, colocando-a na condição de cidadã atuante na deliberação das decisões públicas. A posteriori à conquista do direito ao voto feminino, no Brasil, o movimento feminista enfraqueceu, pois, com a chegada do Estado Novo, no ano de 1937 e, em 1964, com o golpe militar, foram proibidas manifestações reivindicatórias. Para Pinto (2010, p. 16), “o que tínhamos era um momento de repressão total da luta política legal”.

Apesar da proibição de movimentos populares, muitas mulheres ingressaram em mobilizações contrárias ao regime e pouco a pouco avançaram no reestabelecimento do movimento. No ano de 1975, por exemplo, grupos feministas se organizaram e atuaram ativamente na Campanha pela Anistia (concessão do perdão aos exilados e aos indivíduos que praticaram crimes políticos). Cabe aqui também frisar que a Organização das Nações Unidas (ONU) instituiu o ano 1975 como Ano Internacional da Mulher. Joana Maria Pedro (2006, p. 250) lembra que foi devido a essa declaração da ONU que “como ano de início da Década da Mulher, aconteceu no Brasil o ressurgimento do movimento feminista ‘organizado’. Este teria sido inaugurado com uma reunião, ocorrida em julho de 1975, na ABI – Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro”.

Diante desse contexto, nota-se que a década de 1970 foi marcada por mobilizações que resultaram no retorno e no crescimento do feminismo no Brasil que eclodiu com maior voracidade na década de 1980. Isso aconteceu diante do surgimento, nos estados, de vários grupos feministas com novas características e englobando diferentes questões. Regressando ao trabalho de Pinto (2010), já mencionado aqui, encontro considerações, que confirmam essa expansão do movimento feminista. Seus estudos nos afirmam que,

Com a redemocratização dos anos 1980, o feminismo no Brasil entra em uma fase de grande efervescência na luta pelos direitos das mulheres: há inúmeros grupos e coletivos em todas as regiões tratando de uma gama muito ampla de temas – violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais. Estes grupos organizavam-se, algumas vezes, muito próximos dos movimentos populares de mulheres, que estavam nos bairros pobres e favelas, lutando por educação, saneamento, habitação e saúde, fortemente influenciados pelas Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica (2010, p. 17, grifo nosso).

Como é possível perceber até aqui, o feminismo, com o passar do tempo foi se diversificando e promovendo novas formas de atuação. Aliás, como se observa, é uma luta constante que vem denunciando as formas de discriminação contra as mulheres e procurando extinguir práticas violentas que foram implantadas na sociedade, as quais levam, inclusive, a própria mulher a se desvalorizar.

Diante disso é oportuno dizer que, através das práticas sociais, as mulheres procuram romper com essas formas de estigmatização. Neste ponto, é interessante perceber que o discurso é a prática social utilizada para interagir e buscar romper com os estereótipos, visto que ele está repleto de valores, crenças, conhecimento, ideologias, experiência etc., que contribuem e influenciam as mudanças sociais.

Como indica Gee (1990), “Cada um de nós é membro de muitos Discursos, e cada Discurso representa uma de nossas múltiplas identidades” (apud, LOPES, 2003, p. 19). Por isso, ao falar sobre a avaliação da mulher nos discursos sobre *violência intrafamiliar*, faz-se necessário conhecer o processo de transformação pela qual a mulher passou, uma vez que o discurso não é atributo exclusivo do locutor, já que o mesmo está carregado de ideologias que o indivíduo ativa durante o processo de comunicação e interação.

Logo, considero que essa diversidade discursiva possibilita compreender os discursos a partir do modo como cada indivíduo se inscreve. Constata-se que muitos atores sociais persistem em reproduzir concepções discriminatórias a fim de manter a mulher na condição de inferioridade, como uma pessoa incapaz de tomar as decisões sobre sua vida. Esses indivíduos usam da *força* e da *superioridade* concedidas pela cultura patriarcal para manter a passividade

da mulher perante a sociedade. Isso é percebido nas relações que ocorrem nos mais variados ambientes, como o social, político, profissional, educacional, familiar, cultural etc., ou seja, “em todos os espaços [...] encontramos valores da cultura dominante que provocam o desrespeito ao direito e à autonomia das mulheres, que determinam uma convivência cotidiana com a desqualificação [...]” (FARIA, 1998, p. 91), reduzindo-as meramente à condição de subalterna.

Hoje, verifica-se que o nível de desigualdade na nossa cultura é bem menor se comparado ao da sociedade patriarcal, conforme discorri. Mas, mesmo com todo avanço na garantia de direitos para as mulheres, constata-se que as denúncias de desvalorização da mulher, por exemplo, a violência intrafamiliar, tem alcançado índices alarmantes nos últimos anos. Esta é, sem dúvidas, uma forma concreta da desvalorização da mulher, que desestrutura a vítima, os que convivem no mesmo domicílio e todos aqueles que lutam contra qualquer modo de opressão, pois “é um tipo de ação que envolve uma forma de poder extralegal/ilegal, que se utiliza de diversas espécies de sujeição e opressão econômica, psicológica, moral, até as formas de poder selvagem e criminal contra a integridade física das mulheres.” (FREITAS; PINHEIRO, 2013, p. 16).

Concluindo estas observações precedentes, friso que o feminismo veio para romper com o silenciamento e isolamento da mulher. Ao perceber o desprestígio, entende-se que “[...] essa oligarquia de sexo, que faz dos pais, irmãos, maridos e filhos os oligarcas superiores à mãe e às irmãs, à esposa e às filhas de cada família; que decreta que todos os homens são soberanos e todas as mulheres, súditas [...]” (ANTHONY apud DAVIS, 2016, p. 147) instalou a contenda no seio familiar.

Esse referencial de mudanças impulsiona as mulheres a procurarem adquirir consciência a respeito dos seus direitos, construir espaços para reflexão e intervenção social com a finalidade de superar esse sistema de organização patriarcal, que, por muito tempo, deixou-as com “a venda nos olhos”, fazendo apenas aquilo que lhes era imposto.

Assim, pode-se afirmar que foi por meio de ações sucessivas e conjuntas que a voz da mulher ecoou o visível que, por milênios, ficou invisível aos olhos do ser humano. Em suma: o discurso, que está repleto de ideologias, em outras palavras, que possui base social, cultural e histórica, foi e é o principal instrumento utilizado por nós, mulheres, para agir no mundo, buscar igualdade de direito entre os gêneros, visto que é uma forma de reverberar para o mundo o terror que muitas mulheres viveram e vivem em seu contexto familiar diariamente.

3.2 Prática subalternizadora contra a mulher: violência intrafamiliar

Como vimos, ao adentrar na história, a luta das mulheres por direitos iguais não foi algo súbito. Aprendemos que elas resistiram, sofreram derrotas e alcançaram alguns direitos que eram exclusivos do homem. Desde muito cedo, no decorrer da história do ocidente, elas vêm buscando progressivamente conquistar seu lugar no espaço. Diante do que aqui apresentei, as relações entre homens e mulheres, muitas vezes, ocorrem de forma conflituosa, devido ao excesso de poder atribuído ao homem. Reconheço também que, no século XXI, nós possuímos uma maior autonomia, porém observamos que ainda existem muitas manifestações de desigualdades que precisam ser eliminadas para que possamos viver em uma sociedade justa, igualitária e democrática.

Por esse motivo, faz-se necessário refletir sobre as práticas subalternizadoras que persistem em promover a diferenciação entre os gêneros, visto que, entende-se que elas trazem implicações para as relações sociais. Dentro dessa perspectiva, Lins (2022, p. 39) declara que “a maneira como as relações entre homens e mulheres se estruturam – dominação ou parceria – tem implicações decisivas para nossas vidas pessoais, para nossos papéis cotidianos e nossas opções de vida”, ou seja, interfere em todas as decisões.

Perante o exposto, reconheço que as transformações sociais só se concretizarão/solidificarão, quando homens e mulheres trabalharem em coparticipação, ou seja, juntos, respeitando-se mutuamente. Na visão de Vieira (2012, p. 210), “a equidade das relações sociais entre mulheres e homens é crucial na promoção da cidadania e deve estar presente nas ações cotidianas de todas as pessoas”. É prudente lembrar que as mudanças não se consolidam individualmente, mas, através de ações coletivas que visem o bem comum. Vieira (2012, p. 209) ainda ressalta que,

é pelo trabalho educativo, que transforma seres humanos em agentes políticos, que se consegue alterar os condicionamentos provocados por mitos (sistemas formados por esquemas, arquétipos e símbolos, compondo-se em narrativa) e imagens – as mulheres são fracas, delicadas, sensíveis, choronas; os homens são fortes, corajosos, heróis, violentos e nunca choram.

Diante disso, é preciso destacar que foi através das lutas por direitos iguais que as mulheres expuseram à sociedade a exclusão e a tirania que sofriam. Desde criança, elas eram moldadas para realizar somente as funções impostas pelo homem, eram tratadas como objeto, “tendo como função primordial a reprodução da espécie humana” (ALVES e PITANGUY, 2003, p. 11). Nesse universo, a mulher tinha como principal característica a passividade,

vivendo na submissão, já que não podia sequer tomar decisões sobre seu corpo. Isto infringiria a ideologia patriarcal que separou a sociedade, trazendo adversidades para as relações humanas.

Essa organização social desrespeitava os direitos humanos, alimentando práticas de violência que afetavam todas as mulheres, colocando-as diversas vezes na posição de fêmeas. Neste ponto, percebo a violência como um mecanismo utilizado para assegurar e garantir poder ao homem. Esse poder, muitas vezes, foi demonstrado por meio do abuso sexual. Era uma forma do homem mostrar sua força e demarcar “o terreno”, em outras palavras, dizer quem mandava.

Diante dessas afirmativas, o que se pode dizer é que essa prática de violência sexual contra a mulher ainda é bastante comum nos dias hoje, principalmente no ambiente familiar onde deveriam prevalecer as relações afetuosas e o respeito à diversidade. Aqui, abre-se um caminho para a discussão de um grande problema social – a violência intrafamiliar contra a mulher – executada por membros da família (pai, marido, ex-marido, parente) que utilizam da relação de poder existente para agredir, estuprar, intimidar, humilhar, aterrorizar e coisificar a mulher. Esse tipo de coerção se manifesta nas mais variadas formas, como: violência física, psicológica, patrimonial, sexual e moral.

Conforme está desenvolvido na Lei nº 11.340/2006 (Lei Maria da Penha) no art. 5º, “configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (BRASIL, 2011, p. 16). Partindo dessas observações, enfatizo que, em pleno século XXI, “a luta continua”. A violência intrafamiliar machista é um exercício de poder aniquilador que vem crescendo constantemente.

Segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2023, 245.713 mulheres sofreram com o crime de lesão corporal dolosa em 2022. Por isso, constato ser urgente uma reflexão crítica sobre essas ações discriminatórias. Na violência sexual contra a mulher, por exemplo, o indivíduo é capaz de usar de diversas ameaças, bem como da sedução para concretizar o ato, fazendo uso de práticas libidinosas, carícias, exibicionismo e até mesmo da violência física no decorrer da relação sexual já que muitos jugam ser “uma forma de prazer” bater na companheira durante a relação. O abraço, amor, companheirismo, respeito são substituídos pela repugnância, frustração e medo. O art. 7º, da Lei 11.340/2006 explica que, nesse caso,

[é] a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação,

chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos (BRASIL, 2011, p. 17).

Na verdade, nota-se que há o entrelaçamento dessas formas de violência, ou seja, uma mistura. Ainda no art. 7º, da Lei nº 11.340/2006, a violência física pode ser “qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal” (BRASIL, 2011, p. 17), e que pode, por exemplo, motivar a violência psicológica, uma vez que durante a agressão as vítimas, muitas vezes, sofrem com xingamentos, ameaça, humilhações etc., causando danos psicológicos e emocionais, “gerando profundos sentimentos de culpa e mágoa, insegurança, além de uma representação negativa de si mesmo, que podem acompanhá-la por toda a vida” (FERREIRA, 2002, p. 35).

Também, observa-se que essa forma de violência permeia a violência moral, considerando que o agressor, muitas vezes, se utiliza de calúnias, injúrias ou até mesmo difamações para desmoralizar a mulher. Por fim, mas não menos importante, cito a violência patrimonial, que se configura a partir do momento que o agressor destrói os bens, objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais da vítima, colocando obstáculos para sua vivência em sociedade. Vale a pena transcrever a definição de violência para Gomes (2008, p. 26), pois ela nos dá uma visão ampla dessa prática violenta que traz inúmeros significados.

Violência não significa necessariamente uso da força física, pode ser também uma ação que atinja o outro psicológica ou intelectualmente. Pode se referir a obrigar alguém a fazer ou deixar de fazer algo que não tem vontade, constranger, incomodar, tolher a liberdade, impedir a outra pessoa de manifestar sua vontade. Trata-se de uma expressão de múltiplos significados que vem sendo utilizada para nomear desde as formas mais cruéis de tortura, até as formas mais simbólicas, que tem lugar na vida social, na família, nas empresas, nas instituições públicas, entre outras.

Em síntese, pode-se dizer que é toda prática que infringe os direitos humanos. O Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022 aponta que normalmente ocorre “a progressão dos atos de violência contra a mulher, os quais tendem a começar com agressões verbais, passando a agressões físicas e podendo chegar até mesmo ao feminicídio” (p.152). Desse modo, postulo que a violência intrafamiliar é a expressão mais cruel de discriminação contra a mulher. Essa prática tem se tornado comum nos últimos tempos e, mesmo após a elaboração de políticas públicas e da Lei Maria da Penha, que defende os direitos das mulheres, muitas permanecem aprisionadas, fazendo somente os desejos do marido e mantendo silêncio.

Para Drezett (2007, p. 82) “a maioria das mulheres não registra queixa por constrangimento e humilhação ou por medo da reação do parceiro, dos familiares, dos amigos, dos vizinhos, e das autoridades. Também é comum a ameaça do agressor, caso seja revelado o

ocorrido”. Em face disso, saliento que o silêncio que aprisionava as mulheres no início dos tempos incorpora outros aspectos, pois, mesmo com as grandes conquistas femininas, ainda hoje se percebe que a opressão, humilhação, violência etc., se configuram no ambiente familiar.

Conforme foi apresentado no tópico anterior, as mulheres reivindicavam, em espaços públicos e privados, a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Em 1980, “o movimento feminista apresentava propostas contra a discriminação, tais como: igualdade salarial, melhoria nas oportunidades de emprego, direito à regulação da fertilidade e acesso a serviços de saúde eficientes – **sem falar na luta específica contra a violência**” (ROCHA, 2007, p. 92-93, grifo nosso). Diante disso, pode-se constatar que as movimentações feministas buscavam melhorar a qualidade de vida da mulher bem como extinguir as marcas de desigualdade que permeavam a sociedade. No Brasil, o movimento feminista é o grande precursor das transformações sociais, trazendo contribuições consideráveis que serviram para repensar as práticas preconceituosas, discriminatórias e subalternizadoras existentes no contexto social.

É notório que as mudanças e a inserção de temas na agenda feminista foi acontecendo com pequenos intervalos, e, por conseguinte, surgiram as primeiras políticas públicas para combater a violência intrafamiliar e doméstica contra a mulher. Uma grande conquista foi a criação da Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher (DPDM), em 1985, como o apoio do governo Franco Montoro (PMDB). As DPDMs tinham como propósito prestar auxílio às mulheres vítimas da violência, ajudando no enfrentamento dessa ação desumana. Nessa época, também foi criado o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) que se uniu aos movimentos feministas, realizando campanhas para incorporar na Constituição os direitos da mulher. Assim,

Como resultado, a maioria das demandas do movimento de mulheres foram incorporadas ao texto da Constituição de 1988, entre as quais a igualdade entre homens e mulheres, a licença à gestante e a licença-paternidade, a proibição de diferença de salários e a igualdade de direitos e deveres na sociedade conjugal. (LEGISLAÇÃO DA MULHER, 2016, p.14).

Com essas informações, percebe-se que os movimentos feministas foram incorporando, no contexto social, novos aspectos, considerando a necessidade de eliminar qualquer prática subalternizadora contra a mulher. Após anos de lutas, verifica-se que ainda se encontram arraigadas na sociedade relações desiguais que afetam os direitos humanos e, sobretudo, os direitos das mulheres, uma vez que a prática da violência intrafamiliar continua ocorrendo em grande fluxo. Além disso, é notável que muitos atores sociais pregam discursos que apontam a subordinação da mulher como algo intrínseco a sociedade.

À vista disso, reconheço que as mudanças sociais, realizadas até o momento, não estão sendo suficientes para conscientizar a sociedade de que a violência intrafamiliar infringe os direitos fundamentais das mulheres. Se voltarmos um pouco mais na história, iremos relembrar que entre os anos de 2000 e 2010, houve uma crescente ocorrência de políticas para desenraizar estereótipos que transmitem a desvalorização. Sobre esse processo de transformações acerca dos direitos das mulheres, a Legislação da Mulher (2016, p.14) pontua que esse período foi extremamente importante para “promover a articulação entre os órgãos estatais responsáveis pela execução das políticas públicas.

Conduzida pela secretaria, em 2004 foi realizada a I Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres e, em 2005, foi lançado o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres”. Logo, pode-se identificar nesse contexto que as políticas públicas são mecanismos importantes para provocar reflexão e mudanças, não só no contexto social, mas, sobretudo na mentalidade da humanidade, visto que em sua transparência procura orientar os atores sociais a fim de combater a discriminação entre homens e mulheres.

Não se pode negar que o governo brasileiro, nos últimos anos, vem buscando construir bases sólidas para reduzir os índices de violência contra a mulher. É perceptível o aumento de pesquisas, livros e publicações, criação e alteração de leis, trabalhos em comunidades, ações de enfrentamento à violência etc., visando, justamente, esclarecer e garantir a eficácia dos direitos humanos.

Em meio a tantas transformações, merece destaque a Lei 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha) que institui mecanismos para erradicar e prevenir a violência doméstica e familiar, assegurando às mulheres os direitos fundamentais do ser humano. Esta Lei ampliou as ações/medidas que podem ser estabelecidas, sem hesitação, para o agressor em caso de comprovação de violência doméstica e familiar contra a mulher. No art. 22º, parágrafos II e III, por exemplo, determina o “afastamento do lar; [...] aproximação da ofendida, de seus familiares e das testemunhas, fixando o limite mínimo de distância entre este e o agressor; contato com a ofendida, seus familiares e testemunhas por qualquer meio de comunicação[...]”. Assim, nota-se que a Lei Maria da Penha veio para garantir a proteção à mulher, combatendo qualquer forma de violência doméstica e familiar.

É importante destacar que a violência intrafamiliar geralmente desestrutura a família e frustra expectativas futuras, visto que as mulheres que sofrem com esse tipo de violência, ficam aprisionadas no *mundo* do agressor e, enquanto não denunciam, vivem em função dos desejos do outro, silenciando sua voz. Hoje, percebe-se que, apesar do Brasil possuir a Lei Maria da Penha, a prática da violência contra a mulher não tem diminuído. Dados revelam que os índices

de agressões têm aumentado, tornando-se um fator preocupante para a sociedade, evidenciando que a desigualdade é uma prática recorrente no contexto social.

Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública,

Infelizmente, o que os números revelam não é nada positivo: os feminicídios cresceram 6,1% em 2022, resultando em 1.437 mulheres mortas simplesmente por serem mulheres. Os homicídios dolosos de mulheres também cresceram (1,2% em relação ao ano anterior), o que impossibilita falar apenas em melhora da notificação como causa explicativa para o aumento da violência letal. Além dos crimes contra a vida, as agressões em contexto de violência doméstica tiveram aumento de 2,9%, totalizando 245.713 casos; as ameaças cresceram 7,2%, resultando em 613.529 casos; e os acionamentos ao 190, número de emergência da Polícia Militar, chegaram a 899.485 ligações, o que significa uma média de 102 acionamentos por hora. Além disso, registros de assédio sexual cresceram 49,7% e totalizaram 6.114 casos em 2022 e importunação sexual teve crescimento de 37%, chegando ao patamar de 27.530 casos no último ano. Ou seja, estamos falando de um crescimento muito significativo e que perpassa todas as modalidades criminais, desde o assédio, até o estupro e os feminicídios (2023, p. 136).

É preciso observar atentamente este crescente aumento da violência contra a mulher e considerar que as relações de desigualdade estão cada vez mais acentuadas. Nesse cenário, compreendo que é imprescindível a articulação de esforços de todos os gêneros para erradicar à violência contra a mulher e firmar princípios igualitários. Isso porque é perceptível que nós, mulheres, muitas vezes, até de forma automática/involuntária, reproduzimos estereótipos, que há milhares de anos, vêm nos rotulando como seres inferiores.

Maria da Penha Maia Fernandes (2012) nos ensinou que “as conquistas da mulher ao longo dos anos só serão solidificadas se forem transmitidas de geração em geração os princípios de uma educação igualitária, com liberdade de expressão das emoções humanas” (p. 113). Por isso mesmo, estou desenvolvendo uma pesquisa crítica, que mostra a força da linguagem já que a usamos para manter e/ou transformar as relações de humanas. Nessa toada, então, a seguir, refletirei sobre discurso segundo abordagens da ACD.

4. ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO COMO INSTRUMENTO DE LUTA

Este capítulo apresenta os aportes teóricos que fundamentam a pesquisa em Análise Crítica do Discurso, discutindo a relação entre linguagem e discurso. Isso porque compreendo a linguagem como prática social de grande potencial significativo que oportuniza ao ator social representar e agir no mundo. Ramalho e Resende (2011, p. 15) consideram que “nas práticas sociais, a linguagem se manifesta como discurso: como uma parte irreduzível das maneiras como agimos e interagimos, representamos e identificamos a nós mesmos e aos outros e a aspectos do mundo por meio da linguagem”. Assim sendo, entendo que ela não se constitui por si só, mas através da comunicação e interação entre os indivíduos.

É diante disso que se pode dizer que a linguagem surgiu da necessidade que a espécie humana tinha de se comunicar e interagir com outros atores sociais. Parece possível considerar que essa imprescindível necessidade sempre acompanhou o homem se manifestando de acordo com o contexto social e histórico. É a partir dela que podemos interagir, caracterizar, interpretar e fazer inferências no mundo, atribuindo-lhe significações.

Diante disso, é importante pontuar que o seu poder significativo nos leva a entendê-la como um evento social e como uma prática que está intimamente ligada aos contextos sociais, culturais, políticos, econômicos e históricos, uma vez que é uma forma de atuação no mundo, que modela a maneira de pensar e perceber a realidade, consolidando-se por meio dos discursos e que também se constitui como práticas sociais, “maneiras recorrentes, situadas temporal e espacialmente, pelas quais agimos e interagimos no mundo” (RAMALHO e RESENDE, 2011, p. 15).

Nesse cenário, pode-se dizer que a linguagem, enquanto discurso, é vista como um processo de interação com manifestações ideológicas¹⁵. Isso acontece porque o interlocutor enuncia segundo sua ótica/perspectiva de mundo. Melo (2010, p. 71) nos ensinou que quando usamos a linguagem “também deixamos entrever nossas experiências de mundo para descrever estado, eventos e entidades envolvidas nessas experiências, ressignificando e reconstruindo esses elementos”. Em síntese, é através do discurso que os atores sociais agem, pensam e refletem sobre o mundo, construindo significados a partir das relações sociais, uma vez que os indivíduos o constroem de acordo com sua vivência.

¹⁵ Conforme van Dijk (2008, p. 47), entendemos que “tanto a ideologia em si quanto as práticas ideológicas derivadas dela são frequentemente adquiridas, exercidas ou organizadas por meio de várias instituições, como o Estado, os meios de comunicação, o aparato educacional, a Igreja, bem como por meio de instituições informais, como a família”. De maneira geral, pode-se dizer que as práticas sociais estão carregadas de ideologias, que são adquiridas nas atividades do dia a dia dos atores sociais.

As representações do meio, em outras palavras, são construídas observando e vivenciando a cultura, a religião, as crenças, os valores etc., que os indivíduos elaboram seus discursos, pois “[...] o discurso é construído sobre proposições implícitas que são tomadas como tácitas pelos participantes e que sustentam sua coerência” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 43). Portanto, é através da linguagem que os seres humanos se identificam e identificam aos outros, reproduzindo ou transformando as realidades sociais.

4.1 Breves considerações sobre a Análise Crítica do Discurso

A Análise Crítica do Discurso – ACD – surgiu a partir do reconhecimento das multiplicidades de significações que a linguagem apresenta na esfera social, caracterizando-se como uma abordagem teórico-metodológica e transdisciplinar, em razão de dialogar e buscar subsídios no campo das ciências sociais e da linguística “para estudar as dimensões discursivas da mudança social e cultural” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 131). A ACD recebeu grandes contribuições de sábios teóricos – Halliday, Althusser, Hall, Bakhtin e Foucault –, mas só se consolidou como ciência no início da década de 1990, tendo como grande precursor o linguista britânico Norman Fairclough.

Fairclough (2001) defende que a ACD é um enfoque social, pois é por meio das práticas sociais – discursos – que o ator social tanto constitui, quanto adquire elementos para sua vivência em sociedade, visto que as práticas do dia a dia influenciam e modificam a construção social. Dessa forma, percebe-se o discurso como “um modo de ação, uma forma através da qual as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Tendo isso em vista, observa-se que a análise crítica do discurso é uma abordagem que investiga o uso da linguagem dentro de contextos sociais, evidenciando questões que envolvem as dimensões do discurso, poder e ideologia sobre uma perspectiva crítica, mapeando e investigando eventos discursivos sobre problemas sociais proeminentes relacionados ao poder. As palavras de Wodak são contundentes na ilustração dessa afirmativa quando diz que a “ACD almeja investigar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada, e assim por diante, através do uso da linguagem (ou no discurso)” (2004, p. 225).

Diante disso, compreende-se que o analista do discurso busca mostrar, de maneira explícita, as características particulares do discurso, compreendendo o texto em sua totalidade, isto é, considerando suas múltiplas funções. O propósito da ACD é, portanto, observar os aspectos linguísticos, culturais, históricos, sociais e ideológicos utilizados pelos atores sociais

como instrumentos de dominação, preocupando-se não somente com a estrutura e com o texto, mas, sobretudo, privilegiando o discurso, visto que ele contribui para a construção da sociedade em todos seus aspectos. Como diz Melo,

a ACD entende o discurso tanto como reprodutor quanto transformador de realidades sociais e o sujeito da linguagem, a partir de uma perspectiva psicossocial, como não só propenso ao moldamento ideológico e linguístico, mas também agindo **como transformador de suas próprias práticas discursivas, contestando e reestruturando a dominação e as formações ideológicas socialmente empreendidas em seus discursos**. Para a ACD, o sujeito e o discurso se constituem num processo dialético, que ora se conforma às práticas discursivas/sociais que o compõem, ora resiste a elas, ressignificando-as, reconfigurando-as (2010, p. 85, grifo nosso).

A par disso, verifica-se que o discurso não é uma prática individual, mas é uma prática social que está situada historicamente, remetendo a outros discursos, como por exemplo, ao discurso feminista, machista, político, religioso etc. Em outros termos, a prática relaciona diferentes elementos sociais, ela representa “uma dimensão do evento discursivo, assim como o texto” (RESENDE e RAMALHO, 2006, p.28). Por isso, a análise “focaliza os processos de produção, distribuição e consumo textual. Todos esses processos são sociais e exigem referências aos ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares nos quais o discurso é gerado”, conforme postula Fairclough (2001, p. 99).

É diante disso que se pode dizer, sem hesitação, que os discursos estão carregados de ideologias e, muitas vezes, trazem construções/concepções que favorece a continuidade das relações de dominação. Isso implica perceber as ideologias como “significações /construção da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais), que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117).

Tomando por base esses traços, a análise crítica do discurso faircloughiana, se compromete em analisar o texto, a prática discursiva e a prática social. Vale lembrar que cada dimensão internaliza/articula elementos da outra, isso porque os discursos *representam, constituem* e *constroem* as relações sociais em seus diferentes níveis, ademais, “qualquer ‘evento’ discursivo [...] é considerado simultaneamente como um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22). Esta proposta pode ser ilustrada pela figura 4. Vejamos a seguir:

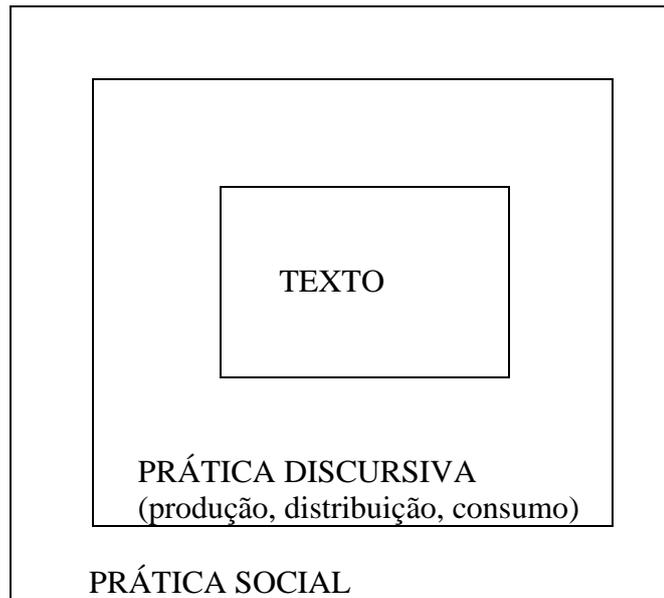


Figura 4 - Conceção tridimensional do discurso (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91)

Basicamente, a tese faircloughiana nos permite hoje perceber o uso da linguagem, seus sentidos e formas. Com esse propósito, faço uso dos conhecimentos da gramática funcionalista, visto que ela nos oferece subsídios para analisar a relação existente entre funções linguísticas e forma, ou seja, permite-nos observar a relação entre a forma e o seu significado. Assim, podemos discutir/dialogar sobre a linguagem que os atores sociais utilizam e como eles a utilizam no dia a dia, pois conforme está desenvolvido em Resende e Ramalho (2006, p. 13), “o foco de interação não é apenas a interioridade dos sistemas linguísticos, mas, sobretudo, a investigação de como esses sistemas funcionam na representação de eventos, na construção de relações sociais, na estruturação, reafirmação e contestação de hegemonia no discurso”.

Justifica-se, assim, a relação coesa entre a prática social, a prática discursiva e o texto, que agem simultaneamente, propiciando interação entre os atores sociais, uma vez que eles o constroem de acordo com sua vivência, tendo assim reflexo do meio.

O que tudo isso vem demonstrar é que o discurso é moldado/reformulado de acordo com a situação ou mesmo com as informações que os atores sociais recebem, tendo em vista que as práticas sociais envolvem diferentes elementos que são interiorizados por outros. Para Chouliaraki e Fairclough (1999), a prática social é constituída “de discurso (ou semiose), atividade material, relações sociais (relações de poder e luta hegemônica pelo estabelecimento, manutenção e transformação dessas relações) e fenômeno mental (crenças, valores e desejos – ideologia)” (apud RESENDE e RAMALHO, 2006, p. 38).

Essa trajetória lembra a construção de um mosaico em que as peças estão lado a lado formando um todo significativo. Assim é o discurso, construído através da união dos diferentes elementos da prática social.

Vejam os abaixo a representação desses elementos:

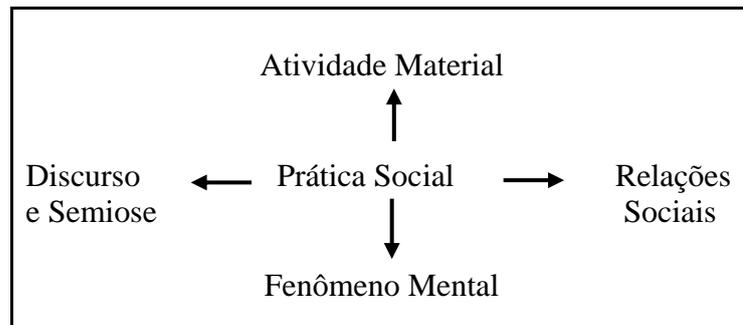


Figura 5 – Momentos da prática social (RESENDE e RAMALHO, 2006, p. 39).

Conforme observamos nessa figura, a prática social é constituída por elementos, que são adquiridos e vivenciados diariamente pelo ator social, chamados de *elementos da prática*. É essa inter-relação concebida na vida social, que nos permite contemplar/analisar o discurso, considerando sua diversidade significativa, isso porque cada ator social age e interage com o outro(s) segundo sua(s) ideologia(s).

Para sintetizar, Resende e Ramalho (2006, p. 38) definem que o discurso “é visto como um momento da prática social ao lado de outros momentos igualmente importantes”, que podemos entender como um *elemento* da prática igualmente importante a outros.¹⁶ Essa reciprocidade/dialética entre os elementos estabelece articulação entre três princípios da ordem do discurso, a saber: gêneros, que correspondem à maneira de agir e interagir através do discurso na sociedade; discursos, que são as maneiras pelas quais os sujeitos representam de modo particular suas concepções acerca do mundo; estilos, que correspondem às maneiras como os indivíduos se identificam e identificam o outro.

É importante considerar que os elementos da ordem do discurso¹⁷ (gêneros, discursos e estilos), por serem categorias sociais e discursivas, cooperam para a construção do significado no campo social. Na realidade, o reconhecimento desses elementos em textos, leva-nos a

¹⁶ Embora Resende e Ramalho usem “momento”, a melhor tradução é “elemento”. Momento é uma categoria de tempo. Quando falamos de prática, não estamos nos referindo a tempo.

¹⁷ Para Ramalho e Resende (2011, p. 44), a ordem do discurso é um sistema [...] potencial semiótico estruturado que possibilita e regula as nossas ações discursivas.

reconhecer a relação existente entre o aspecto discursivo e o não discursivo das práticas sociais, como notabilizaram Resende e Ramalho (2006).

Partindo dessa conjuntura, é prudente lembrar que durante o processo de comunicação/interação, os atores sociais interagem entre si com troca recíproca de crenças, atitudes, histórias, valores etc., cabendo ao outro se deixar ou não ser influenciado pelas práticas discursivas exteriores. Isso porque as diferenças políticas, sociais, culturais, históricas, econômicas levam os atores sociais a interpretar, agir, avaliar, representar o mundo e os outros de diversas formas.

Sendo assim, quando o ator social registra um discurso, este, está carregado de ideias/valores que podem tanto manter, revestir ou transformar posições ideológicas, em virtude de se apresentar também como ferramenta de dominação. Como foi lembrado por Fairclough (2001, p.121), “as ideologias surgem nas sociedades caracterizadas por relações de dominação com base na classe, no gênero social, no grupo cultural, e assim por diante, e, à medida que os seres humanos são capazes de transcender tais sociedades, são capazes de transcender a ideologia”.

Esse conceito de ideologia mostra que nossas ações têm poder transformador, pois no discurso – na prática social – ocorre ainda a articulação dos elementos da ordem do discurso – gêneros, discursos e estilos. Essa relação pode ser apresentada na figura a seguir:

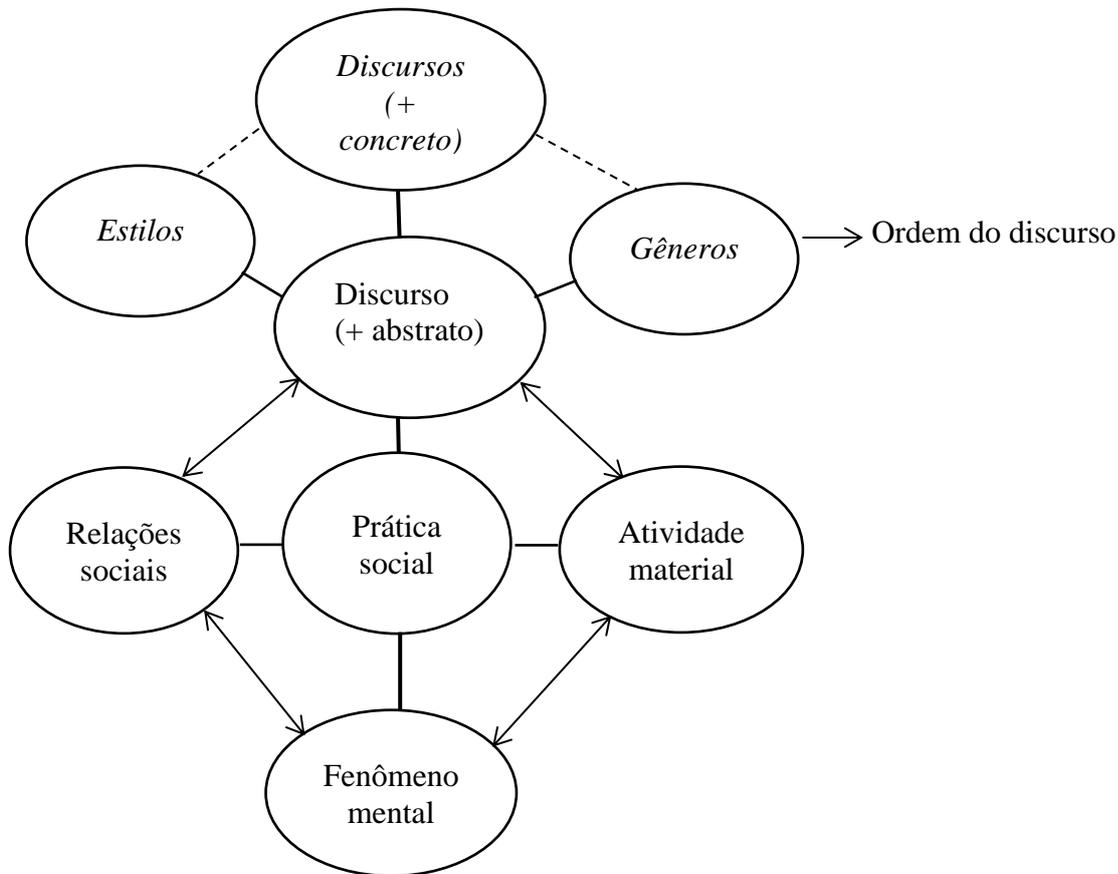


Figura 6 – Discurso e prática social (RAMALHO e RESENDE, 2011, p. 42).

Transversalmente, fazemos diariamente uso desses elementos para interagir com outros atores sociais, buscando a transformação ou a manutenção das ideologias, isso porque na interação/comunicação com outros atores sociais é possível “[...] tomar decisões sobre os gêneros de discurso dentro de seu domínio de poder e determinar tópicos, estilos ou forma de apresentação de um discurso” (VAN DIJK, 2008, p. 45). Diante disso, pode-se dizer que o texto, material empírico repleto de ideologia, colabora para manter ou mudar relações de dominação, pois as representações, aparentemente particulares, carregam múltiplas vozes e acionam conhecimentos, hábitos, crenças, valores, leis etc.

Não esqueçamos que a Análise Crítica do Discurso vai de encontro a essa acepção que dissipa a marca da desigualdade. Esta perspectiva procura desenvolver nos atores sociais uma consciência crítica dos seus direitos e deveres, para que todos possam ter igual participação nas práticas sociais. “O objetivo é refletir sobre a mudança social contemporânea, sobre mudanças globais de larga escala e sobre a possibilidade de práticas emancipatórias em estruturas

cristalizadas na vida social”. (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH 1999, apud RESENDE e RAMALHO, 2006, p. 35-36). Tendo isso em vista, observa-se que o analista de discurso parte de um problema que envolve indagações sobre poder, desigualdades e justiça e se utiliza de materialidades como textos, imagens, músicas, histórias de vida etc., para fazer um estudo crítico, identificando questões que continuam colaborando para o desequilíbrio das mudanças sociais.

Pode-se admitir, portanto, que o trabalho com a ACD se edifica através de um conjunto de elementos que se relacionam e são cruciais no planejamento da pesquisa, haja vista que se trata de uma reflexão crítica das práticas sociais, que tem como interesse apresentar também *possíveis possibilidades* de mudanças para o(s) problema(s) em ênfase. Baseados nisso, recordo a declaração realizada por Ramalho (2010, p. 118), “esse foco de atenção insere a ADC¹⁸ no paradigma interpretativo crítico, pelo qual intenta oferecer suporte científico para estudos sobre o papel do discurso na instauração e manutenção de problemas sociais”. Isso quer dizer que a ACD nos permite repensar práticas subalternizadoras, buscando a valorização de todos os atores sociais, uma vez que todo cidadão atua diretamente ou indiretamente na construção da sociedade e por isso, deve ser reconhecido e respeitado.

4.2 Articulação entre os significados do discurso

Até o presente momento, observamos o quanto é importante perceber o discurso enquanto prática social que promove interação entre os atores sociais, influenciando todas as ações humanas, em virtude de ser “[...] uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91). Assim, quando pensamos em discurso, estamos reconhecendo também a diversidade de atores sociais, pois fazemos uso da linguagem de acordo com o propósito comunicativo, o contexto social, histórico e/ou cultural.

Nesse ponto, é justo lembrar que a linguagem se encontra em constante mudança, dispondo de um caráter multifuncional com capacidade ilimitada de atribuir e construir significações, pois, aqui, a concebo como um fenômeno concreto, afinal, as escolhas linguísticas manifestam, de forma explícita ou implícita, as posições sociais e ideológicas que os indivíduos ocupam/possuem, por isso a palavra pode assumir várias significações.

¹⁸ A ACD também é conhecida, no Brasil, como Análise do Discurso Crítica (ADC).

Para compreender esse universo significativo do discurso, vale dar atenção, aqui, aos discursos (+abstratos), estilos e gêneros que se correlacionam, atuando de maneira recíproca no discurso. Em função disso, eles incorporam características uns dos outros, mas em momento algum se sobrepõem ou se reduzem ao outro, porque entre gêneros, discursos e estilos há uma relação de diálogo promovida por três significados. Vejamos a seguir:

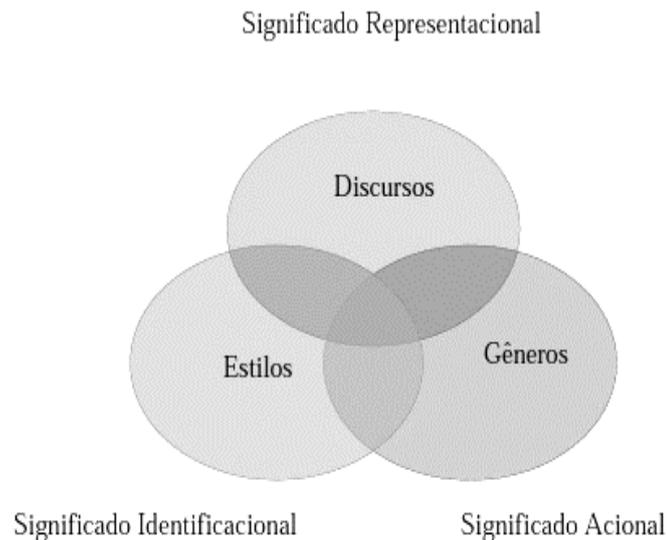


Figura 7- Relação dialética entre os significados do discurso (RAMALHO e RESENDE, 2011, p. 49)

Esta relação dialética entre gênero (significado acional), discurso (significado representacional) e estilo (significado identificacional) nos leva a pensar o discurso como uma ação na qual os atores sociais procuram, por meio da correlação agir, identificar e representar em práticas sociais. Logo, o discurso é uma prática social que apresenta diferentes perspectivas/visões de mundo, devido à heterogeneidade dos interlocutores.

Nessa acepção, não devemos esquecer o caráter dialógico do discurso, pois além de estar atravessado por outro(s) discurso(s), também é direcionado para alguém, ou seja, é construído na inter-relação. Nas palavras de Bakhtin, “[...] toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*” (2022, p. 113). Como se vê, é essa conjuntura que nos proporciona observar nos discursos fatos e questões de um determinado tempo e espaço histórico.

Justifica-se, assim, compreender os discursos como modo de *ação, identificação e representação*, pois eles abrangem tanto projetos particulares quanto interesse de grupos, visando, muitas vezes, manter relações de poder. De modo diverso, os atores sociais durante a

comunicação e interação fazem escolhas representacionais que vão ao encontro dessas propensões. Isso porque o discurso nos permite questionar, desfazer e manter hegemonia, aqui, no sentido de transformar e/ou preservar as relações de poder.

É fato que o discurso é alimentado por hegemonia e que contribui para modificar ou conservar as relações de poder. Muito importante, neste momento, atentar para o fato de que ACD se interessa por esses efeitos embutidos nos discursos e que podem influenciar as ações dos atores sociais, levando-os a assumir posições que servem apenas para manter e sustentar relações de dominação.

Pode-se citar como exemplo o discurso jornalístico, que diariamente emitem informações para manter a sociedade atualizada, porém de forma sutil “[...] mantém os sentidos hegemônicos, de acordo com os quais há uma minoria que se beneficia do excesso de capital e uma maioria que deve garantir a sobrevivência com o mínimo que lhe cabe, mantendo dessa forma, o ritual do capitalismo” (GALLO, 2012, p. 58). Fica claro, portanto, que muitos atores sociais utilizam o discurso para manipular outros atores sociais e conseqüentemente mantê-los ou sustentá-los.

Assim, por meio do discurso, estruturamos e (re)estruturamos as relações sociais, tanto local quanto global. Neste ponto, vale retomar a discussão apresentada no capítulo 1. Com a transformação/evolução das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, ocorreram também mudanças na forma de receber a informação e interagir com o locutor. Elas permitem tanto o acesso à informação de modo imediato, quanto à participação ativa dos atores sociais na interação, modificando, assim, as práticas sociais.

Por causa dessa nova cultura digital da comunicação e informação, os atores sociais são levados diariamente a refletir sobre suas práticas sociais e a construir uma autoidentidade, porquanto estão interconectados com diversas práticas sociais. Nesse espaço, pode-se afirmar que eles se relacionam “[...] de forma **cooperativa, competitiva ou dominadora** e os discursos são utilizados por tais atores como parte do recurso para o estabelecimento dessas relações” (GOMES, 2013, p. 49, grifo nosso), ou seja, o discurso tem papel fundamental na manutenção e/ou transformação das relações de dominação, que, várias vezes, direciona/situa o poder apenas para determinado(s) grupo(s).

Desse modo, ressalto que os discursos nos oportunizam refletir, examinar e reformar às práticas sociais. É sob essa ótica que reforço que a Análise Crítica do Discurso mantém uma relação recíproca de intermédio entre o texto e o contexto social. Ainda que se escolha priorizar em um estudo apenas um elemento de ordem do discurso, a análise “deve ser simultaneamente à análise de como os três tipos de significado são realizados em traços linguísticos dos textos e

da conexão entre o evento social e práticas sociais, verificando-se quais gêneros, discursos e estilos são utilizados e como são articulados nos textos” (RESENDE e RAMALHO 2006, p. 61).

Essa articulação proposta por Fairclough pode ser representada segundo Ottoni na figura a seguir:

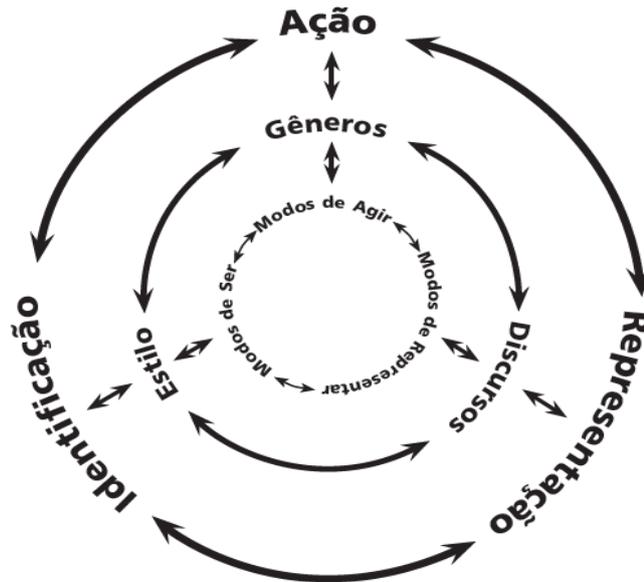


Figura 8 - A relação dialética e de internalização entre os tripés da proposta de Fairclough (2003), segundo Ottoni (OTTONI, LIMA, 2014, p. 32)

Tomando por base essa relação dialética do discurso, percebe-se que a análise discursiva se pauta nas conexões de escolhas dos atores sociais, porquanto o discurso é fonte de significação, que revela de maneira explícita e implícita, representações particulares, que atuaram e/ou atuam como formas de preservação ou transformação das relações hegemônicas.

Para compreender melhor essa articulação, faz-se necessário refletir e conhecer algumas particularidades dos três tipos de significados do discurso que atravessam a categoria textual – avaliação – que está relacionada ao significado identificacional. Como apontam Resende e Ramalho (2006, p. 62), “cada prática social produz e utiliza gêneros discursivos particulares, que articulam estilos e discursos de maneira estável num determinado contexto sócio-histórico e cultural”. Partindo dessa afirmação, entende-se que embora se utilize uma categoria específica para análise, como é o nosso caso – a avaliação, os laços que unem os significados do discurso não se desfazem.

Dentro dessa perspectiva, verifica-se que é por meio dos gêneros (significados acionais) que os atores sociais se comunicam e interagem uns com os outros. É uma forma de ação que

se constrói na interação dos interlocutores, tendo em vista que o ator social escolhe o gênero discursivo que melhor atende ao propósito comunicativo. Segundo Fairclough (2003a, p. 65), entendemos que¹⁹ “quando analisamos um texto, em termos de gênero, perguntamos como ele figura e contribui para a ação social e a (inter)ação em eventos sociais”²⁰. Pode-se, portanto, dizer que o que determina o gênero é a prática social em evidência, se modifica a prática social, consequentemente há mudanças na forma de inter(agir) com e sobre os outros.

Em virtude dessa heterogeneidade, o significado acional pode ser analisado a partir de diferentes perspectivas. De acordo com Fairclough (2003a), é possível examinar a estrutura genérica, focalizando nos *pré-gêneros* (categorias abstratas) que correspondem aos tipos textuais: narração, argumentação, descrição e conversação e nos *gêneros situados* (categorias concretas) nesse caso, a prática particular (crônica, artigo, reportagem, carta etc.). Ademais, o *gênero situado* pode ser construído através da interseção dos *pré-gêneros*, pois é imprescindível considerar sempre a sua função social.

Outra categoria tratada pelo autor é a intertextualidade que se faz presente no texto quando o ator social faz uso do discurso direto ou discurso indireto, construindo discursos particulares. “No seu sentido mais óbvio, intertextualidade é a presença de elementos reais de outros textos dentro de um texto – citações”²¹ (FAIRCLOUGH, 2003a, p. 39). Essa combinação de vozes possibilita investigar se há a intenção de mudar ou manter as relações de poder considerando que ela pode ocorrer de forma harmônica, cooperativa, ou de tensão, conforme afirmam Resende e Ramalho (2006).

O significado representacional refere-se à forma como os atores sociais representam os aspectos do mundo através do discurso. Na visão de Fairclough (2003a, p. 26), “a representação é claramente uma questão discursiva, e podemos distinguir diferentes discursos, que podem representar a mesma área do mundo a partir de diferentes perspectivas ou posições”²².

Desse modo, verifica-se que um mesmo texto articula diferentes discursos. Menciono como exemplo, um texto sobre *a violência intrafamiliar contra a mulher* que pode desencadear diversos discursos, e isso ocorre graças à heterogeneidade dos atores sociais que criam seus discursos de acordo com os princípios ideológicos, culturais, econômicos, políticos, históricos etc. Esta relação entre os diferentes discursos é chamada de interdiscursividade – categoria

¹⁹ Todas as traduções feitas nesta dissertação são de minha autoria.

²⁰ No original: “So when we analyse a text or interaction in terms of genre, we are asking how it figures within and contributes to social action and interaction in social events”.

²¹ No original: In its most obvious sense, intertextuality is the presence of actual elements of other texts within a text — quotations.

²² No original: Representation is clearly a discursive matter, and we can distinguish different discourses, which may represent the same area of the world from different perspectives or positions.

representacional – que oportuniza observar se a articulação entre os discursos ocorre de forma cooperativa ou competitiva.

Para Resende e Ramalho, “quando discursos entram em competição em um texto, é comum haver um discurso ‘protagonista’ e um discurso ‘antagonista’. Nesse caso, a articulação serve a propósito de negação de um discurso em nome da afirmação do outro” (2006, p. 71). A interdiscursividade pode ser constatada através da lexicalização, que advém dos interesses do ator social, por isso é possível compreender como ele está agindo e pensando acerca de uma dada situação.

Retomo aqui o significado identificacional (estilos) que está diretamente relacionado a(s) forma(s) de identificar a si e também aos outros. É através da análise dos estilos que é possível observar os aspectos identitários dos atores sociais no texto. A escolha linguística (metáfora, vocabulário, entonação, gesto) do ator social para elaboração do seu discurso, mostra-nos como ele se comporta, fala, escreve etc., ou seja, revela-nos características da sua identidade, que está sempre em construção, tendo em vista que à medida que o ator social dialoga com outras práticas sociais, estas podem tanto transformar quanto reafirmar sua identidade ou a dos outros.

Para Fairclough (2003a, p. 162), “a identificação em textos é tanto uma questão de individualidade e coletividade, um “eu” e um “nós”, ou melhor, potencialmente múltiplos “eus” e/ou “nós”²³. Este significado pode ser investigado através de três categorias, a saber: avaliação, metáfora e modalidade.

A metáfora, por exemplo, é o recurso de linguagem utilizado pelos atores sociais para identificar e representar o mundo. A título de ilustração, Resende e Ramalho (2006, p. 86) nos apresenta a expressão “‘Ele é um touro’ [...] ‘ele’ e ‘touro’ não são, evidentemente, iguais. O que ocorre é que certas características de ‘touro’ são mapeadas para ‘ele’ (por exemplo, força, virilidade ou falta de delicadeza)”. Nesse sentido, observa-se que a metáfora nos permite compreender uma representação a partir de outra.

Diante do exposto anteriormente, é possível inferir que, mesmo a ACD fazendo uso de categorias analíticas para pensar questões/demandas que colaboram para manter a desigualdade social, conforme demonstro acima, a relação entre os significados do discurso se preserva. “A representação relaciona-se não só ao conhecimento, mas também tem implicação sobre a ação, pois representações são formas de legitimação; a ação refere-se às relações sociais e também

²³ No original: “[...] identification in texts is both a matter of individuality and collectivity, an ‘I’ and a ‘we’, or rather potentially multiple ‘I’s and/or ‘we’s’.

ao poder; a identificação relaciona-se às relações consigo mesmo e à ética” (RESENDE e RAMALHO 2006, p. 89). Desse modo, revelo que as categorias favorecem o reconhecimento de características sociais que precisam ser ressignificadas/reconfiguradas para que ocorram transformações sociais que objetivem melhores condições de vida.

Na próxima seção, discutirei sobre a categoria analítica avaliação.

4.3 Práticas avaliativas: efeitos de sentidos

Para a ACD, a *avaliação* é uma categoria analítica²⁴, utilizada para fazer juízos de valor acerca dos aspectos do mundo. Relacionada ao significado identificacional, permite-nos compreender os discursos a partir do contexto social, cultural e histórico. Para Fairclough (2003a, p. 172), “declarações avaliativas (avaliações) são declarações sobre desejabilidade e indesejabilidade, o que é bom e o que é ruim (por exemplo, ‘isto é um bom livro’ [...])”²⁵. Como se percebe, é uma questão aparentemente simples, pois tem como característica ser parcial e subjetiva, todavia, é importante esclarecer que seus contornos sutis manifestam/envolvem posicionamentos ideológicos, por isso, uma mesma prática social é avaliada de modos diferentes.

Nota-se que a avaliação está associada a aspectos interpessoais, por isso é necessário levar em consideração o contexto em que a interação ocorre. Isso porque cada ator social constitui seu(s) discurso(s) mediante suas crenças/valores, que nem sempre aparecem explicitamente, estão pressupostas, mas podem ser vislumbradas por meio das escolhas linguísticas. Como explica Fairclough (2001, p. 94) “a prática social tem várias orientações – econômica, política, cultural, ideológica –, e o discurso pode estar implicado por todas elas, sem que se possa reduzir qualquer uma dessas orientações de discurso”. Tudo isso, evidentemente, confirma que o discurso se compõe de eventos sociais e individuais, que podem revestir, manter e/ou transformar os significados do mundo.

Em vista disso, para este estudo, optei pela categoria da avaliação, que dispõe de quatro subclassificações, a saber, *afirmações avaliativas*, *afirmações com modalidade deônticas*, *avaliações afetivas* e *presunções valorativas*, isso porque ela nos permite inferir/compreender

²⁴ Ramalho e Resende (2011, p. 120) explicam que as categorias são “formas e significados textuais”, utilizados pelos atores sociais para “representar, inter(agir) e identificar(-se)”. Elas estão relacionadas aos modos particulares, que são representados nas práticas sociais do dia a dia.

²⁵ No original: Evaluative statements (evaluations) are statements about desirability and undesirability, what is good and what is bad (e.g. ‘this is a good book’, [...]).

como os atores sociais estão identificando-se e identificando os outros nas práticas sociais, além do mais podemos inferir as ideologias que alicerçam os discursos dos indivíduos.

Nas *avaliações afirmativas*, o(s) elemento(s) linguístico(s) utilizado(s) pelo ator social para perpetrar juízo de valor, apresenta-se explicitamente. Essas declarações deixam transparente a posição do ator social, tendo em vista que a intenção é mostrar se o aspecto do mundo, que está sendo avaliado, é relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável etc. Segundo Fairclough (2003a), tais afirmações se realizam através de adjetivos, sintagmas nominais, verbos, advérbios avaliativos e exclamações. Fairclough (2003a, p. 173), citando White, ainda esclarece que é possível perceber a intensidade da avaliação, “que variam de baixa a alta intensidade. Por exemplo: ‘Eu gosto/adoro/adoro este livro’, ‘este livro é bom/maravilhoso/fantástico’, ‘está mal/terrivelmente/terrivelmente escrito’”²⁶.

Esta escala de intensidade pode ser observada através de adjetivos e advérbios. Neste ponto, é importante lembrar que, muitas vezes, esses mecanismos linguísticos avaliativos são utilizados para naturalizar as injustiças sociais. É interessante realçar que quando os consideramos dentro do contexto situacional, percebemos se os atores sociais estão se posicionando favoravelmente ou não frente às relações de poder. Dentro dessa perspectiva, Orlando Vian Jr (2010, p. 29) já argumentava que o elemento avaliativo “[...] inserido em determinado contexto de situação e dadas às relações entre os participantes, assumem características ofensivas ou preconceituosas a partir da relação dialógica entre os participantes”. Por isso, apesar de escolher uma categoria analítica, sempre se explora na compreensão dos significados do discurso a fluência entre a ação, representação e identificação.

No caso das *afirmações com modalidade deônticas* – incluem-se obrigatoriedade ou necessidade. Nestas avaliações explícitas, o significado avaliativo a respeito dos aspectos do mundo compreende sentidos como obrigação, dever, obediência etc., ou seja, percebe-se uma relação de comprometimento e persuasão nos eventos discursivos.

As *avaliações afetivas* são declarações que expressam/envolvem sentimentos, emoções, reflexões etc., e são circundadas por fenômenos emocionais/mentais dos atores sociais. “São avaliações geralmente marcadas subjetivamente, ou seja, marcam explicitamente a avaliação como sendo a do autor [...] ‘Este livro me fascina’, ‘Este livro é fascinante’”²⁷ (FAIRCLOUGH, 2003a, p. 173). Como é perceptível, elas também se alteram entre alta, média e baixa

²⁶ No original: “[...] which range from low to high intensity. For instance: ‘I like/love/adore this book’, ‘this book is good/wonderful/fantastic’, ‘it’s badly/dreadfully/appallingly written’”.

²⁷ No original: “are generally subjectively marked evaluations, i.e. they explicitly mark the evaluation as that of the author [...] ‘This book fascinates me’, ‘This book is fascinating’”.

intensidade, permitindo-nos, assim, observar o grau de comprometimento do ator social. O texto de Almeida sobre *Atitude: afeto, julgamento e apreciação* (2010) aponta que a avaliação de afeto representa os “[...]sentimentos positivos e negativos: sinto-me feliz ou triste; confiante ou ansioso; interessado ou entediado” (p. 101). Trata-se, portanto, de mostrar explicitamente o posicionamento do ator social sobre o mundo.

Por fim, as *Presunções valorativas* são valores que se encontram implícitos no texto, “sem os marcadores de avaliação relativamente transparentes”²⁸ (FAIRCLOUGH, 2003a, p. 173). Nesses casos, para construirmos significados não basta apenas observar as escolhas linguísticas explícitas, é preciso também considerar o que está pressuposto/subentendido. Conforme Resende e Ramalho (2006, p. 80), “o que está ‘dito’ em um texto sempre se baseia em presunções ‘não ditas’, então, parte do trabalho de se analisar textos é tentar identificar o que está presumido”. Tanto quanto os juízos de valores explícitos, os valores pressupostos também são de grande importância ideológica.

Em 1989, Fairclough, ao mencionar o marxista italiano Antonio Gramsci, apresenta a ideologia como “uma concepção do mundo que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica e em todas as manifestações da vida individual e coletiva”²⁹ (FAIRCLOUGH, 1989, p. 84). Tendo isso em vista, considera-se que essas subclassificações nos auxiliam a compreender o discurso a partir de suas marcas sócio-históricas, que de modo explícito e/ou implícito se manifestam nos discursos dos atores sociais.

De forma resumida, por meio da *avaliação*, podemos perceber nos comentários, originários de notícias sobre violência intrafamiliar contra a mulher no Facebook, se os discursos, localizados historicamente, contribuem para transformar ou perpetuar as relações de poder entre os gêneros. Como foi lembrado por Castells (2001, p. 148), a rede social é construída “[...] de acordo com as escolhas e estratégias dos atores sejam estes indivíduos, famílias ou grupos sociais”³⁰, por isso, considero que o Facebook é um espaço digital de grande potencial significativo, onde os indivíduos interagem com diversos atores sociais do mundo todo de acordo com sua(s) ideologia(s), cabendo ao outro deixar-se ou não ser influenciado por essas práticas discursivas. Além disso “é preciso entender discurso na sua mais ampla extensão; toda enunciação que suponha um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar, de algum modo, o outro” (BENVENISTE, 1976, p. 267).

²⁸ No original: “[...] without the relatively transparent markers of evaluation [...]”.

²⁹ No original: “[...] 'a conception of the world that is implicitly manifest in art, in law, in economic activity and in all manifestations of individual and collective life”.

³⁰ No original: “[...] de acuerdo a las elecciones y las estrategias de los actores sociales, sean estos individuos, familias o grupos sociales”.

Concluída essas reflexões e visando cumprir com os objetivos, apresento, no próximo capítulo, nossa análise dos comentários e subcomentários. Compartilho do ponto de vista de Weinrich apud Adam (2011, p. 290) quando afirma que o “comentário é um fragmento da ação”. Assim sendo, pode-se dizer que ele transforma os atores sociais, visto que há o engajamento de “um e outro”, permitindo que discurso particular seja universalizado.

5. AVALIAÇÃO: JUÍZOS DE VALOR CIRCUNSCRITOS NA HISTÓRIA SOCIAL

No capítulo anterior, foi discutido sobre a teoria que fundamenta esta pesquisa. Chegou a hora de conhecer particularmente a categoria textual avaliação, que utilizei para desvelar posicionamentos ideológicos que podem contribuir para preservar relações de poder entre os gêneros, incorporados de forma explícita ou implícita nos discursos.

Na concepção de Fairclough (2001, p. 22), “os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as ‘constituem’”, sobre essa questão, percebe-se que somos atores sociais situados historicamente, agindo no mundo através dos discursos. Estes carregam marcas sócio-históricas, por isso há a reconstrução das práticas discursivas e sociais, que se constituem na inter-relação, ou seja, na correlação entre os atores sociais, que agem uns sobre os outros. Bem lembrado ainda por Fairclough (2001, p. 87), “os sujeitos sociais constituídos não são meramente posicionados de modo passivo, mas capazes de agir como agentes e, entre outras coisas, de negociar seu relacionamento com os tipos variados de discursos a que eles recorrem”.

Considerando essas informações, reconheço que a categoria por conjectura identificacional – avaliação – é fundamental para compreender/reconhecer juízos de valor que atuam ideologicamente no discurso. Esta categoria diz “respeito ao que é **desejável** ou **indesejável**, **bom** ou **ruim**”³¹ (Fairclough, 2003a, p. 164, grifo nosso), favorecendo a continuação e/ou mudanças das relações de dominação. Logo, o ator social age ativamente em relação aos outros por meio do discurso.

5.1 Violência Intrafamiliar contra a Mulher: relação de poder

No mundo contemporâneo, a violência intrafamiliar contra a mulher encontra-se entre os principais problemas sociais. Apesar de todas as mudanças sociais e a criação de diversas ações para impedir o crescimento dessa expressão de poder baseada no gênero, em 2023, chegou-se à conclusão que houve a proliferação de todas as formas de violência contra a mulher, praticada principalmente pelo cônjuge/companheiro. De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023, p. 145), “[...] 2022 foi um ano em que cresceram os índices de todas as formas de criminalidade marcadas pela violência de gênero e que atingem centenas de milhares de mulheres em todo o país”.

³¹ No original: “[...] respect to what is desirable or undesirable, good or bad [...]”.

Isso só evidencia o quanto ainda é difícil para nós – mulheres – vivermos em uma sociedade que, mesmo com tantas evidências de novas configurações sociais, conforme ilustradas brevemente no segundo e terceiro capítulo, diversos indivíduos não reconhecem que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (BRASIL [Constituição (1988)], 2012, p. 8).

Em suma, verifica-se que mesmo depois de séculos de resistência, buscando dia a dia superar a ideologia patriarcal – organização social que considera a mulher inferior ao homem – lastimavelmente estamos assistindo ao aniquilamento de mulheres.

Conforme já foi apresentado, em 2022, 1.437 mulheres foram vítimas de feminicídio, representando um crescimento de 6,1% em relação ao ano anterior. Vale destacar o fato de que 53,6% dos casos são praticados por companheiros e 69,3% se efetiva na residência, ou seja, dentro do lar – espaço que deveria ser de diálogo, respeito, amor, união, representatividade etc.

As figuras 9 e 10 reproduzem estas informações:

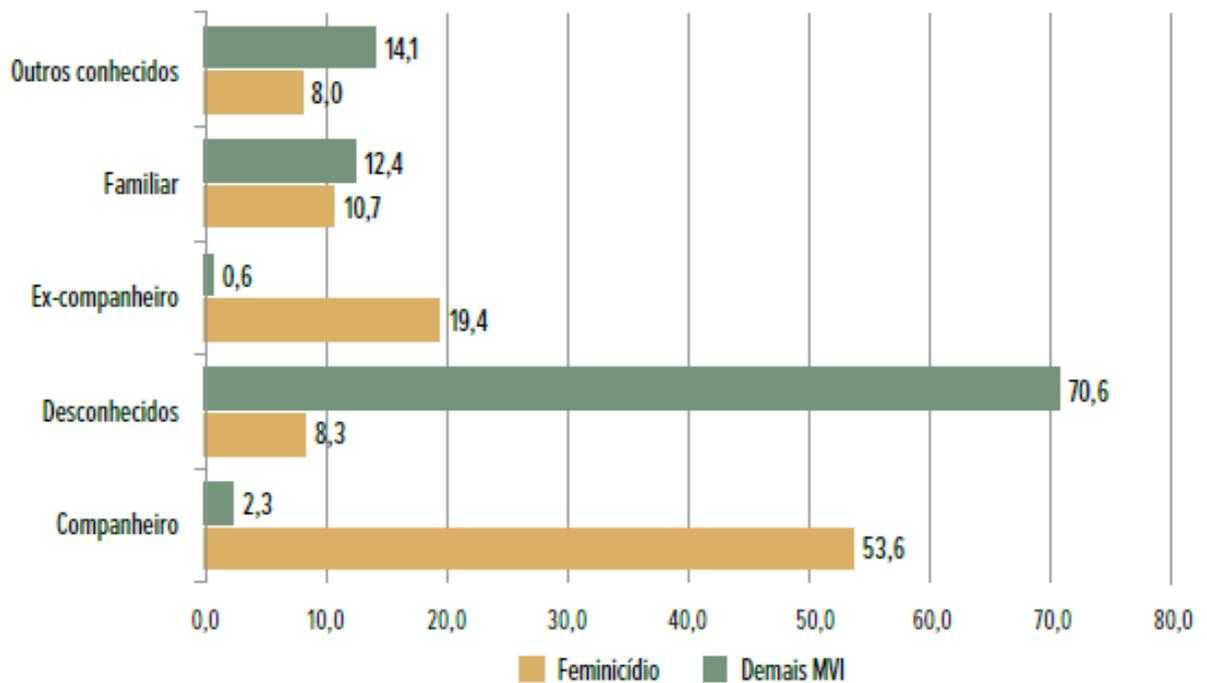


Figura 9 – Gráfico do percentual de autores das vítimas de feminicídios e demais mortes violentas *Brasil, 2022* (ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2023, p. 144)

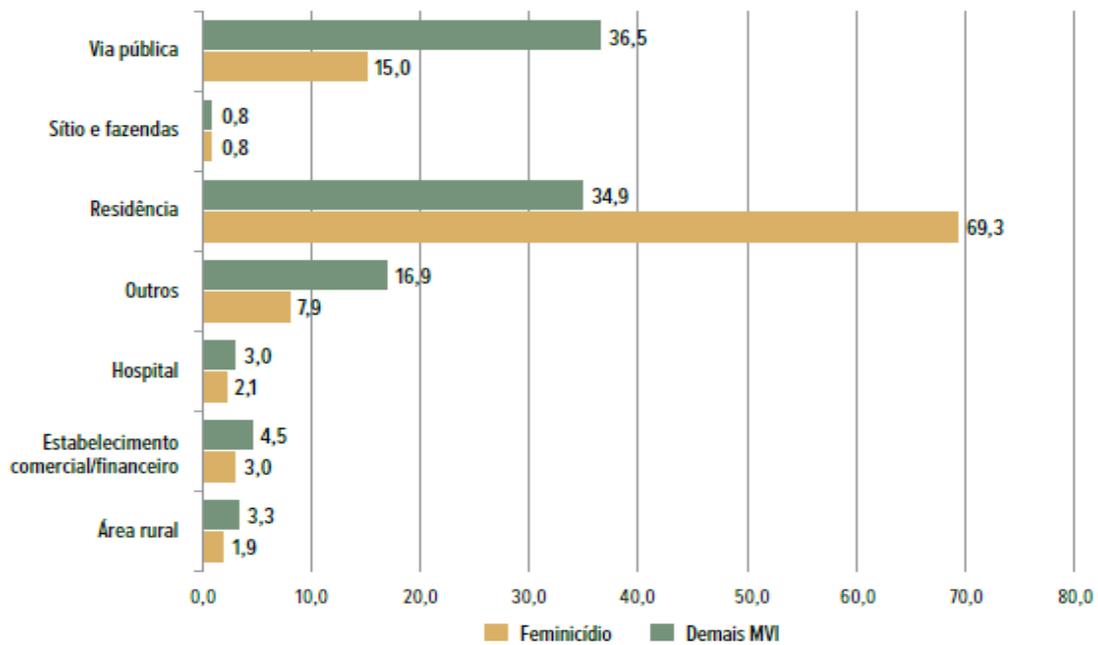


Figura 10 – Gráfico do percentual do local de ocorrência dos feminicídios e das demais mortes violentas de mulheres Brasil, 2022 (ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2023, p. 145)

Esse cenário só reafirma o quanto é necessário e urgente pensar criticamente acerca desse problema social, que faz milhares de vítimas todos os anos. Ainda segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023, p. 138), “diariamente, 673 mulheres se deslocaram até uma delegacia de polícia para denunciar um episódio de violência [...]”³².

Diante do exposto, concluo que, neste exato momento, diversas mulheres vivem relações intrafamiliares violentas de diversos níveis e formas. Muitas vezes, iniciam-se com ataques verbais, paulatinamente esses episódios vão crescendo e manifestando-se de outras formas, gerando consequências irreversíveis. Maria da Penha já argumentava que a violência segue “um ciclo, devidamente comprovado, que caracteriza pelo ‘pedido de perdão’ que o agressor faz à vítima, prometendo que nunca mais aquilo vai acontecer. Nessa fase, a mulher é mimoseada pelo companheiro e passa a acreditar que violências não irão mais acontecer” (FERNANDES, 2012, p. 30).

Em meio a esse cenário, pode-se afirmar que a violência intrafamiliar contra a mulher está profundamente ligada à relação de poder, tendo em vista que inúmeros homens procuram a todo custo subordinar/dominar a mulher para manter/restabelecer este “símbolo” de supremacia masculina. Partindo dessas postulações, Portella demonstra que “os avanços em direção a uma maior igualdade de gênero estariam produzindo um aumento na violência

³² É importante enfatizar que nem todos os casos são denunciados. Isso significa dizer que a magnitude da violência intrafamiliar contra a mulher, no século XXI, é ainda maior.

masculina, como uma forma de reação contra a perda de poder e uma tentativa de reintegrar as mulheres às estruturas patriarcais” (2020, p. 156). Em linhas gerais, considero que essa ideologia patriarcal vem pouco a pouco perdendo força, contudo, ainda se identifica muitos indivíduos que trazem essa herança tenebrosa e concebem a mulher como um simples objeto, que ele manuseia conforme bem lhe aprouver.

Esse comportamento precisa ser convertido para que novas concepções penetrem no seio social, promovendo mudanças em todas as esferas da sociedade. Não é algo que vai ocorrer de forma abrupta, pois assim como a ciência, o avanço ocorre por sucessivas etapas e a história é fundamental para essa transformação. É Bachelard (1996, p. 17) quem nos diz que “o ato de conhecer dá-se contra um conhecimento anterior”. Não é apagar a história, mas utilizar desse conhecimento para ressignificar/reconfigurar a vida em sociedade, já que é a diversidade do processo histórico que nos permite, diariamente, através de práticas discursivas e sociais, promover mudanças nas sociedades.

Diante disso, pode-se dizer que o discurso, “evento comunicativo”, incluindo a interação conversacional, a modalidade escrita da língua, bem como a expressão corporal, facial, diagramação do texto, imagens e qualquer outra “semiose” ou forma multimodal de significação” (VAN DIJK, 2013, p. 355), é primordial para mudanças sociais efetivas. Nesse contexto discursivo, ressalto que a escolha por comentários de mulheres em notícias sobre violência intrafamiliar contra a mulher, praticada pelo esposo, publicados no Facebook, está no fato de que, por meio do discurso reafirmamos padrões ou mesmo realizamos mudanças e estas, ocorrem através da interação entre os atores sociais.

O gênero textual comentário, exposto no Facebook, traz essa marca interativa. Além do que, percebe-se que as notícias sobre este tema no Facebook são altamente penetrantes, isso porque observa-se que há, de forma instantânea, o engajamento de muitos indivíduos, em outras palavras, ocorre de forma rápida a troca de opiniões. Essas discussões modificam/interferem as relações sociais, pois as escolhas linguísticas transportam valores ideológicos.

É através desse gênero que diversos atores sociais expõem seus juízos de valor, procurando persuadir/convencer o outro. Reflito sobre os comentários de mulheres porque acredito que nós, mulheres, por diversas vezes reproduzimos ideologias patriarcais naturalizadas, que contribuem para manter essa superioridade do homem em relação à mulher. Como diz Fairclough (2001, p. 117), “as ideologias embutidas nas práticas discursivas são muito eficazes quando se tornam naturalizadas e atingem o *status* de “senso comum” [...]”.

Nesse contexto discursivo, vale ressaltar que é imprescindível ter comprometermos de ambos os lados para que essa prática desumana seja erradicada e ocorra, de forma factual, o

rompimento das práticas opressoras. Creio que precisamos ser mais solidárias umas com as outras, bem como repensar/mudar nossa(s) postura(s) diante desses casos que vêm crescendo anualmente.

Posto isso, na próxima subseção, analiso comentários³³ de mulheres, que mais repercutiram, melhor dizendo, que conseguiu maior engajamento em quatro notícias sobre violência intrafamiliar contra a mulher, publicadas na página do G1, no Facebook, entre os anos de 2021 e 2022, a saber: (1) *Vídeo mostra mulher grávida agredida por marido tentando se jogar pela janela; homem foi preso em flagrante*, (2) *Influenciadora de 37 anos é morta a facadas pelo marido em Valinhos; filha do casal também foi atacada*, (3) *Vídeo mostra marido puxando esposa pelo cabelo antes de matá-la em casa; vítima tinha duas filhas* e (4) *Homem mata esposa com golpes de facão e limpa arma em Bíblia, diz delegada*). É importante salientar que, aqui, destaco três comentários³⁴ de cada notícia como exemplificação da análise que realizei.

5.2 Avaliando a identificação de mulheres: uma análise de comentários e subcomentários

Nessa pesquisa, detenho-me à análise da categoria *avaliação*, que está relacionada ao significado identificacional em razão de expressar como o ator social se identifica e identifica os outros atores sociais. Novamente lembro que o significado identificacional mantém relação dialética com o significado representacional e acional, pois “além dos discursos interiorizados em processos de identificação, também as relações sociais têm efeitos nos modos como (nos) identificamos em interações, se entendemos que os processos identificacionais estão ligados às posições ocupadas por atores sociais” (RESENDE, 2009, p. 41).

Com base nessas discussões, passo agora a analisar declarações avaliativas explícitas e implícitas de mulheres sobre aspectos do mundo, a fim de revelar nos discursos posicionamentos que têm contribuído para disseminar ideologias patriarcais e consequentemente influenciado a desvalorização da mulher nas sociedades modernas, bem como posições que cooperam para transformar as relações de poder. Num primeiro momento, analiso os comentários da notícia: *Vídeo mostra mulher grávida agredida por marido tentando*

³³ Os comentários que são analisados referentes as notícias sobre violência intrafamiliar contra a mulher estão reproduzidos integralmente nos anexos. Segundo a identificação do ator social, destacamos se o comentário é de homem ou de mulher.

³⁴ Os subcomentários são aqueles que os atores sociais se apoiaram na notícia e/ou no comentário base para expressar seu(s) juízo(s) de valor. Isso porque é perceptível comentários que se afastam do tema.

*se jogar pela janela; homem foi preso em flagrante*³⁵, de Fernanda Graell, publicada em setembro de 2021.

A notícia informa que a mulher grávida de 35 anos sofria frequentemente agressões, inclusive, em outro momento, já havia pulado a janela do apartamento, localizado no segundo andar, para escapar da violência, que vinha sofrendo há quase dois anos. O companheiro não a deixava sair de casa, exceto para o trabalho. Este, ela já não tinha, uma vez que foi demitida por causa de faltas. As ausências ocorriam sempre que era agredida e como ficava toda machucada não podia comparecer ao trabalho. Cabe aqui destacar que um dia antes de tentar novamente se jogar da janela, lançou um papel com uma mensagem de socorro.

É interessante observar que para o agressor, trata-se de *apenas uma briga de casal*. É preciso chamar atenção para essa “briga de casal”. Não se pode naturalizar tamanha crueldade. A sociedade, de forma geral, não deve naturalizar a violência intrafamiliar contra a mulher. Com relação à repercussão dessa notícia, ela adquiriu mais de mil comentários. Selecionei o comentário de uma mulher que conseguiu maior engajamento entre os atores sociais. Este comentário gerou 28 respostas, isto é, 28 subcomentários – dois de homens e vinte e seis de mulheres –, mas para análise das subclassificações da avaliação: *afirmações avaliativas*, *afirmações com modalidade deônticas*, *avaliações afetivas* e *presunções valorativas*, conforme já mencionei, apresento, aqui, o comentário base e dois subcomentários de cada notícia para ilustrar a análise que realizei. Vejamos os exemplos:

Comentário (01)

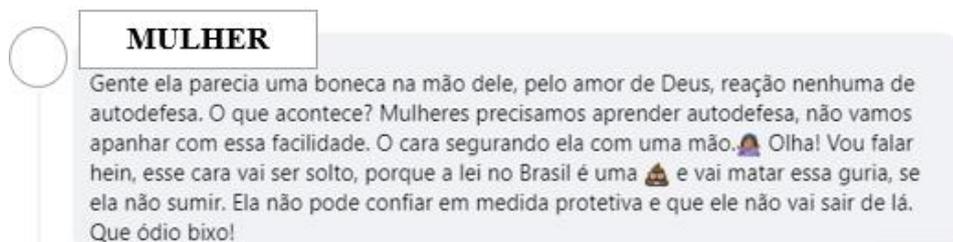


Figura 11 – Comentário da notícia (1)
Fonte: <https://www.facebook.com/g1>

Nesse comentário, a mulher demonstra não concordar com a violência intrafamiliar contra a vítima mulher, mas seu discurso traz conotação negativa da vítima, colocando-a como uma

³⁵ Disponível em:

<https://www.facebook.com/profile/100064736974743/search?q=V%C3%ADdeo%20mostra%20mulher%20gr%C3%A1vida%20agredida%20por%20marido%20tentando%20se%20jogar%20pela%20janela%3B%20homem%20foi%20preso%20em%20flagrante>. Acesso em: 06 abr. 2023.

coisa/objeto passivo, fator que influencia a desvalorização do gênero. Ao passo que o homem é avaliado de forma positiva como um indivíduo forte. Esses discursos vêm sendo transmitidos ao longo de milhares de anos. Pelo que já foi dito, temos aqui aspectos da lógica patriarcal que atribuiu à mulher o status de inferior, fraca, passiva, subordinada, e ao homem o de superior, forte, ativo, dominador.

Na direção desse pensamento, São Paulo (apud MOURA, 1982, p. 242) vai contar que “o homem não é da mulher, mas a mulher é do homem; e o homem não foi criado para a mulher, mas sim, a mulher para o homem”. Diante disso, não se pode negar que a mulher era vista como uma coisa que o homem possuía e manipulava a fim de cultivar a herança de senhor/autoridade, “nunca o homem educou a mulher senão para o seu gozo” (apud MOURA, 1982, p. 60).

Essa marca do patriarcado fica visível logo na primeira linha do comentário, como ilustra o trecho: *Gente ela parecia uma boneca na mão dele, pelo amor de Deus, reação nenhuma de autodefesa*. Aqui, identifica-se *presunção valorativa*, ou seja, marcador avaliativo implícito. A palavra “boneca” revela a conotação negativa da mulher, pois nos reporta imediatamente a um objeto/brinquedo, ou seja, a mulher é avaliada como “objeto passivo”, isso significa, que o homem pode manipulá-la conforme deseja. Nesse contexto, Beauvoir (1967, p.22) nos lembra de que as sociedades ensinavam as mulheres “[...] que para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objeto; ela deve, portanto, renunciar à sua autonomia. Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade”. Na realidade, observa-se que essa visão de supremacia masculina continua viva na sociedade, pois como é possível perceber a expressão “boneca” foi utilizada para enfatizar a passividade da mulher.

Maria da Penha nos recorda que:

Conhecia também uma violência praticada de forma quase invisível, que é o preconceito contra as mulheres, desrespeito que abre caminho para atos mais severos e graves contra nós. Apesar de nossas conquistas, mesmo tendo as melhores oportunidades, ainda costumam dizer que somos inferiores, e isso, continua a transparecer em comentários públicos, piadas, letras de música, filmes, ou peças de publicidade. Dizem que somos más motoristas, que gostamos de ser agredida, que devemos nos restringir à cozinha, à cama, ou às sombras (FERNANDES, 2012, p. 31).

À vista disso, percebe-se que o gênero comentário tem o potencial de validar discursos ideológicos. Isso porque a autora, apesar de se identificar como ator social que é contra a violência intrafamiliar contra a mulher, utiliza marcador linguístico que está enraizado em ideologias opressoras. A enunciadora vê a vítima de forma passiva/submissa no que se refere a esse problema social, influenciando formas de identificação, visto que a expressão “boneca”

colabora significativamente para difundir maneiras particulares que sustentam a relação de poder entre os gêneros.

Ademais, observa-se outro caso de *presunção valorativa* que destaca a vivacidade do homem, colocando-o como um ator social forte. Isso é perceptível quando a autora afirma: *o cara segurando ela com uma mão*, subtende-se através da construção discursiva “com uma mão” que o agente da violência é forte, adjetivo que possui uma conotação positiva. Assim, a autora deixa de forma implícita a relação desigual entre os gêneros. Apesar de ser uma prática comum, que foi naturalizada, é preciso superar “as hierarquias do forte e do fraco, do ativo e do passivo. [...] Em que força e fraqueza, atividade e passividade não se coloquem como polos opostos definidores do *masculino* e do *feminino*, e sim como parte da totalidade dialética, contraditória, do ser humano” (ALVES e PITANGUY 2003, p. 57).

Na última linha do comentário, identifica-se *avaliação afirmativa* através da expressão *Que ódio bixo!*, o uso da exclamação revela que a enunciativa está indignada/revoltada com esse caso de violência contra a mulher, avaliando a situação como “ruim”. Há ainda *afirmações com modalidade deôntica*, pois constata-se através do verbo “precisamos” e da expressão “não vamos apanhar”, advérbio de negação mais locução verbal, no fragmento: *mulheres precisamos aprender autodefesa, não vamos apanhar com essa facilidade*, que a autora defende a necessidade/obrigatoriedade de lutarmos para combater a violência contra a mulher, que penetrou no ambiente familiar e teve crescimento acentuado no último ano.

Maria da Penha Maia Fernandes (2012, p. 113), já alertava que

O descumprimento das leis que regem a sociedade brasileira, a tolerância e benevolência em sua aplicação, estimulam a prática de hábitos que desafiam a própria justiça. Mesmo com a criação da Lei que muito me honra por ter sido batizada com meu nome, a Lei Maria da Penha esbarra, decorrente da cultura machista de uma grande parcela dos gestores públicos, na não criação das políticas públicas necessárias nos seus municípios para fazer a lei sair do papel. **São necessárias também mudanças educacionais e culturais, nas estruturas mais profundas de nosso comportamento**, para que prossigamos, neste século 21, no rumo de uma sociedade sem preconceitos, justa, livre e igualitária (grifo nosso).

Maria da Penha (2012) nos mostra que essa questão precisa ser fortemente trabalhada em todos os ambientes para mudarmos esse sistema autoritário, que se apresenta, muitas vezes, de maneira imperceptível, mas, independentemente da forma, causa muito sofrimento e dor.

No comentário a seguir, o discurso da autora se aproxima muito da discussão do comentário anterior. Vejamos:

Comentário (02)

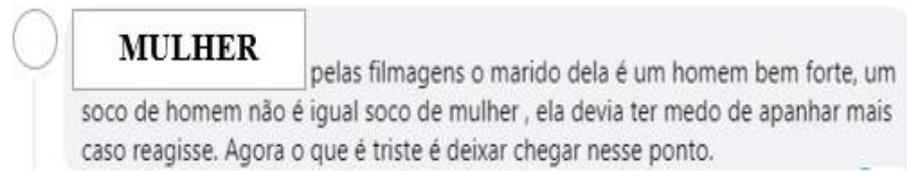


Figura 12 – Subcomentário do comentário da notícia (1)

Fonte: <https://www.facebook.com/g1>

Nesse exemplo, observa-se a presença da *avaliação afirmativa* com valores que intensificam a oposição entre os gêneros. Fica claro que a autora reconhece e reforça, através do sintagma nominal, *um homem bem forte*, que o agressor é robusto. Para tonificar ainda mais seu juízo de valor, faz uso do advérbio (bem), salientando que o indivíduo é “bastante forte”. Tal percepção se concretiza com a expressão: *um soco de homem não é igual soco de mulher*. Isso permite certificar que a enunciadora entende que independentemente do porte físico, o homem é mais forte que a mulher.

Diante desse contexto, é possível perceber que, apesar dos movimentos feministas e das mudanças sócio-históricas, a mulher é sempre colocada em uma posição menor. É desse modo que vamos diariamente contribuindo para sustentar relações de poder. Conforme Lins (2022) nos afirma,

O patriarcado é um sistema autoritário tão bem-sucedido que se sustenta porque as pessoas subordinadas ajudam a estimular a subordinação. Ideias novas são geralmente desqualificadas e tentativas de modificação dos costumes são rejeitadas explicitamente, inclusive pelas próprias mulheres, que, mesmo oprimidas, clamam pela manutenção de valores conservadores (LINS, 2022, p. 42).

Como sabemos, esse problema está enraizado na construção social, que atribuiu ao homem a condição de superioridade. Diante disso, não se pode negar que nossas escolhas linguísticas avaliativas estão carregadas de ideologias, podendo manter e legitimar práticas enraizadas no patriarcalismo, que favorecem a servidão da mulher. Cabe, ainda, salientar que a autora avalia o contexto da situação como “triste” isso é visível no fragmento: *Agora o que é triste é deixar chegar nesse ponto*. Nota-se, aqui, novamente *avaliação afirmativa*, pois de maneira explícita julga que, o que a deixa tocada é o fato de a vítima ter deixado chegar ao homicídio. Como é possível verificar, está subjacente que ela culpabiliza a vítima pelo acontecimento, assim, exime o agressor da(s) prática(s) cruéis que cometeu. Aqui, é pertinente lembrar que, este estudo não aponta culpados, mas procura refletir sobre o uso da linguagem, uma vez que é importante ficarmos atentos às escolhas linguísticas para não reproduzirmos práticas de desigualdade.

Conforme bem descreve Fairclough (2001), o discurso é moldado e constitutivo da estrutura social. É por essa razão que se deve sempre considerar na análise discursiva os juízos de valor explícitos e implícitos, já que “nem tudo está dito no dito ou, ainda, que nem tudo o que está dito é o que está dito” (KOCH e ELIAS 2010, p. 47). Vejamos, a seguir, mais um subcomentário:

Comentário (03)

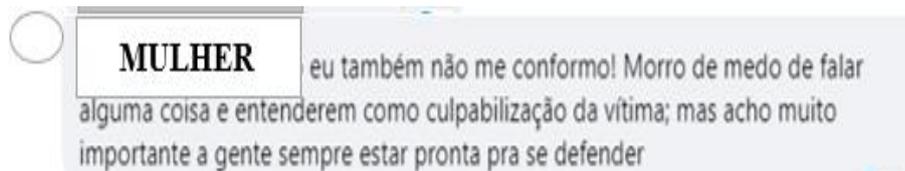


Figura 13 – Subcomentário do comentário da notícia (1)

Fonte: <https://www.facebook.com/g1>

Na leitura do comentário, identifica-se a *avaliação afetiva*. Os enunciados – *eu também não me conformo! / Morro de medo de falar / acho muito importante a gente sempre estar pronta pra se defender* – expressam na perspectiva faircloughiana emoções, sentimentos e reflexões do ator social sobre o tema. Aqui, “eu”, pronome pessoal em primeira pessoa, “me”, pronome pessoal oblíquo átono e “morro e acho”, verbos no presente do indicativo em primeira pessoa do singular, permite concluir que a avaliação é da autora. Fica explícito o sentimento negativo da enunciadora, marcados no fragmento, *não me conformo*, nesse caso, ela se mostra insatisfeita com os casos de violência contra a mulher. Identificando-se como ator social que é contra essa prática repugnante. Além do mais, evidencia que é *muito importante a gente sempre estar pronta pra se defender*.

Todavia, a expressão *Morro de medo de falar alguma coisa e entenderem como culpabilização da vítima* mostra que a autora camufla seu juízo de valor. Levando-nos a entender que ela concorda com a autora do comentário base. Mas, provavelmente não se expressa como deseja, porque tem medo do cancelamento – prática de exclusão – que ocorre quando há posicionamentos considerados preconceituosos, ofensivos e reprováveis. Como vemos, os comentários do Facebook favorecem o diálogo entre atores sociais do mundo todo, oportunizando a troca de crenças e, conseqüentemente, influenciando uns aos outros.

A seguir, apresento os exemplos de comentário da notícia: *Influenciadora de 37 anos é morta a facadas pelo marido em Valinhos; filha do casal também foi atacada*³⁶, do G1 Campinas e Região.

Na publicação, constata-se que a influenciadora de moda, beleza, cabelo e também professora de academia, estava casada há mais de vinte anos e aparentemente mantinha um relacionamento pacífico, visto que era comum gravar e publicar vídeos com seu companheiro, expondo o dia a dia da família.

No dia 05 de setembro de 2021, após uma briga de casal, ela foi morta a facadas. Cabe ressaltar, que a vítima chegou a pedir ajuda, mas, lamentavelmente, a assistência não chegou a tempo. Ainda vale destacar que o agressor tentou similarmente agredir a filha. O comentário que faz parte do *corpus* contém quarenta e quatro subcomentários (sete masculinos e trinta e sete femininos). Pode-se também que a publicação atingiu mil comentários. Para exemplificar a discussão sobre o significado identificacional, vejamos os comentários abaixo:

Comentário (04)

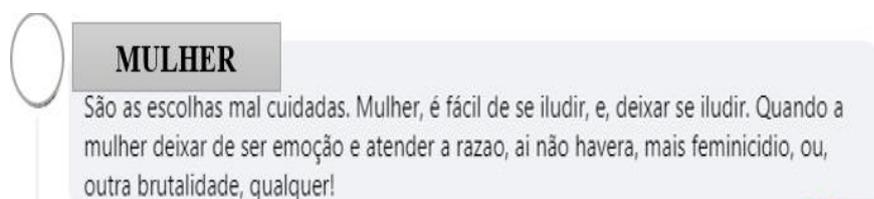


Figura 14 – Comentário da notícia (2)

Fonte: <https://www.facebook.com/g1>

Verifica-se, na figura 14, que a autora transferiu a culpa da violência intrafamiliar para a vítima. A forma como construiu seu discurso, leva-nos a pressupor que para ela a mulher era agredida porque procurou e permitiu a violência. No comentário, a expressão *são as escolhas mal cuidadas* nos remete, de imediato, ao discurso de Maria da Penha, quando dizia que a violência também se apresenta de maneira invisível. É notório, nesse discurso, o preconceito contra as mulheres. Nele, o ator social evidencia que não sabemos tomar decisões ou que fazemos escolhas erradas. Identifica-se, nesse excerto, a *avaliação afirmativa*, pois fica explícito através do sintagma nominal “as escolhas mal cuidadas”, que tanto a mulher que foi violentada quanto nós, mulheres, não sabemos eleger o companheiro para construir uma

³⁶ Disponível em:

<https://www.facebook.com/profile/100064736974743/search/?q=Influenciadora%20de%2037%20anos%20C3%A9%20morta%20a%20facadas%20pelo%20marido%20em%20Valinhos%3B%20filha%20do%20casal%20atac%20ada>. Acesso em: 06 abr. 2023.

família, por isso ocorre tantas mortes. Essa questão é intensificada pelo uso do advérbio “mal”. Considero que esse tipo de discurso corrobora para fortalecer o sistema patriarcal, que enxerga a mulher como um ator social incapaz de raciocinar, à vista disso procuraram a todo custo limitar nossos espaços e nos privar das experiências no mundo. Moura (1982, p. 106) concluiu que

as existências femininas se deslizam e se extinguem entre costuras e bordados e limpeza de móveis e cuidados inconscientes aos filhos "não cuidados", vida sem ideal, sem noção do que possa ser a sociedade futura, sem visão de beleza, sem um olhar dirigido em prol da ação para maior bem estar.

Diante disso, pode-se perceber que, durante décadas, a sociedade reprimiu as mulheres, fazendo delas, inferiores mentalmente e fisicamente. Essa inferioridade da mulher fica ainda mais nítida quando a autora do comentário afirma que nós – mulheres – somos sentimentais/afetivas, por isso ocorrem agressões. Esses atos horrendos de violência só irão cessar se agirmos com a razão, ou seja, com inteligência, como se pode ver no fragmento: *quando a mulher deixar de ser emoção e atender a razão, aí não haverá, mais feminicídio, ou, outra brutalidade, qualquer!*

Nesse exemplo, observa-se *avaliações com modalidade deôntica*, pois, ao fazer uso dos verbos “deixar” e “atender”, a autora expressa a necessidade/obrigação que as mulheres têm de mudar a si mesmas para mudar o outro. Ainda ocorrem *presunções valorativas*, em que as palavras “emoção” e “razão” trazem conotação negativa, subtende-se que a enunciadora nos ver como atores sociais fracos, apáticos, passivos etc., pois, para a mesma, não sabemos usar a inteligência.

Moura (1982, p. 110) nos lembra de que “os poetas, os antifeministas, graciosamente, pregam o predomínio do coração feminino sobre a inteligência”. Perante o exposto, parece viável atentar para formas de violência disfarçada, isso porque os discursos estão repletos de ideologias e conforme estamos observando-os favorecem as desigualdades. Como já foi mencionado em outros momentos, à luz da teoria faircloughiana (2001), os atores sociais usam o discurso para agir no mundo, assim, tanto se constroem quanto constroem outros atores sociais. A fim de exemplificar essa discussão, vejamos o comentário abaixo:

Comentário (05)

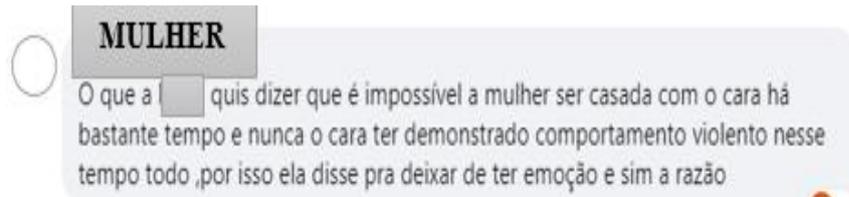


Figura 15 – Subcomentário do comentário da notícia (2)

Fonte: <https://www.facebook.com/g1>

Esse exemplo ratifica o comentário anterior a fim de justificar o posicionamento preconceituoso do ator social. O adjetivo “impossível” e os advérbios “bastante” e “nunca”, nesse contexto, tem valor negativo, sendo utilizados para legitimar que a causa da violência intrafamiliar é da mulher. Ao usar essas expressões, a autora enfatiza a incapacidade da mulher, pois para ela, é impossível ser casada a mais de vinte anos e não (re)conhecer às atitudes violentas do companheiro. Como vemos, a avaliação está bem explícita, quando isto ocorre Fairclough (2003a) sinaliza que se trata de *afirmações avaliativas*.

Além disso, para solidificar seu discurso, traz à tona o juízo de valor já abordado. Como se pode verificar no fragmento: *por isso ela disse pra deixar de ter emoção e sim a razão*. Isso permite-nos reconhecer que ela se identifica e identifica as outras mulheres como indivíduos que colocam o sentimento acima da razão. Nessa acepção, a mulher é culpada pelas ocorrências de violência. É diante disso que podemos dizer, que “nas sociedades modernas, o acesso ao discurso é uma condição primordial à construção do consenso, e, assim, configura-se como modo mais efetivo de exercer o poder e a dominância.” (VAN DIJK, 2008, p. 111).

É o que pode ser constatado nessa discussão, observa-se que os atores sociais através dos discursos trabalham para manutenção das relações de poder entre os gêneros. Como se pode perceber a violência intrafamiliar contra a mulher infringe da forma mais abissal os direitos humanos, explicitamente e implicitamente, ainda tentam nos silenciar. Enquanto houver agressão, feminicídio, homicídio etc., não existe efetivamente democracia. Vejamos mais um comentário:

Comentário (06)

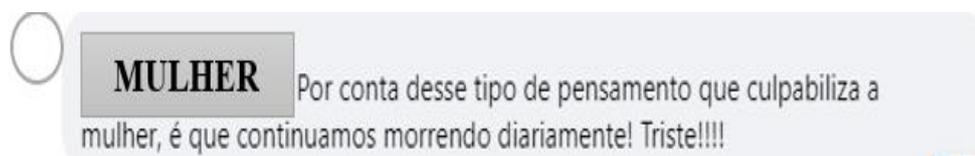


Figura 16 – Subcomentário do comentário da notícia (2)

Fonte: <https://www.facebook.com/g1>

O discurso acima é composto por *avaliações afetivas*. Na última linha do comentário, ao fazer uso da expressão, *continuamos morrendo diariamente! Triste!*, a autora fez uma declaração que exterioriza o sentimento de tristeza ao referir-se ao comportamento preconceituoso que culpabilizou a vítima pela violência. A palavra “triste” deixa claro sua avaliação negativa do posicionamento assumido por alguns atores sociais. Nesse enunciado, identifica-se a *avaliação afetiva* por meio do verbo “continuamos”. Como vemos, ela se coloca na situação, mostrando sensibilidade com o caso, destacando que esses comportamentos hostis só nos enfraquecem e validam ainda mais ações violentas. Esses marcadores explícitos revelam que essas situações são indesejáveis.

Diante do exposto, é possível afirmar que a autora se posiciona contra qualquer forma de violência contra a mulher. Esses comentários confirmam que a rede social Facebook é um ambiente heterogêneo que facilita o compartilhamento de diferentes ideologias. Consoante foi discorrido na seção “Facebook: espaço discursivo”, do capítulo “A Tecnologia como Instrumento de Ressignificação das Ações Humanas”, a comunicação nesse ambiente nos torna indivíduos ativos, visto que ao consumirmos uma informação podemos imediatamente dialogar com diversos atores sociais, manifestando nossa opinião sobre os diversos assuntos de diversas formas.

Diante disso, pode-se dizer que essa rede social tanto nos transforma quanto transforma práticas sociais, pois “com as redes digitais, temos a possibilidade efetiva de usufruirmos de um canal emissor, no qual podemos nos posicionar como propositores, idealizadores, criadores, com voz e vez” (BONILLA e PRETTO, 2015, p. 157).

Passo agora para análise dos comentários da notícia: *Vídeo mostra marido puxando esposa pelo cabelo antes de matá-la em casa; vítima tinha duas filhas*³⁷, escrita por Laura Cassano, extraída do portal G1 no Facebook. Nela, constata-se que a vítima coincidentemente também foi morta pelo marido a facadas. A mulher de 25 anos, mãe de duas filhas, tinha saído de casa com amigos. Ao regressar, o companheiro estava esperando-a na garagem com uma faca na cintura.

A princípio puxou seus cabelos e, em seguida, a levou para dentro de casa arrastando-a pelas escadas e poucos minutos depois a matou. Nota-se que ocorreu a progressão dos atos violentos. Em entrevista, a mãe da vítima relata que frequentemente ela era violentada, principalmente com murros no olho. Verifica-se um amplo diálogo dos atores sociais sobre esse

³⁷ Disponível em:

<https://www.facebook.com/g1/posts/pfbid0itmUYxGNACCojV4SMTceKfkmgv7pCH8CoFgUEufh9Pe7Xb6fxmKtkxK9dFSSyqVtl>. Acesso em: 06 abr. 2023.

caso, visto que a publicação recebeu mais de mil comentários. Conforme destacado na construção do *corpus*, priorizei o comentário de mulher com maior interação, este recebeu quarenta e quatro subcomentários (trinta e nove de mulheres e cinco de homens). Passemos ao comentário:

Comentário (07)

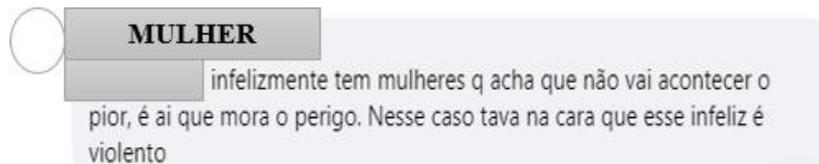


Figura 17 – Comentário da notícia (3)
Fonte: <https://www.facebook.com/g1>

Neste nosso percurso, apreendemos que os juízos de valor permitem-nos observar como o ator social avalia os casos de violência intrafamiliar contra a mulher, bem como, como ele está se identificando e identificando os outros perante esse(s) fato(s). Na leitura do comentário, ao levarmos em conta as informações da notícia e tudo o que já foi discutido até aqui, nota-se mais uma vez através do enunciado *infelizmente tem mulheres q acha que não vai acontecer o pior* a culpabilização da mulher pela violência. Aqui, identifica-se a *avaliação afirmativa*, em que os advérbios “infelizmente” e “não”, marcadores avaliativos explícitos, servem para criar uma imagem negativa da mulher. Com esse discurso, a autora identifica que muitas mulheres são incapazes de perceber práticas de violência, não concebendo com seriedade esses eventos, por isso são agredidas.

Isso se confirma por meio do trecho: *Nesse caso tava na cara que esse infeliz é violento*. Percebe-se que ela diminui ainda mais a vítima, destacando que era só considerar o histórico para saber que o agressor era ruim. Assim, a autora declara que a mulher foi morta por causa da sua passividade/imobilidade.

Vê-se, portanto, que se muda o discurso, mas essa marca social que coloca a mulher como inferior, incapaz, faz-se presente em muitos discursos de mulheres na rede social Facebook. São discursos violentos, que muitos indivíduos internalizam por causa do contexto social, histórico, cultural etc., contribuindo, diversas vezes, para manter hegemonia. “Isso porque a ampla circulação de conhecimento implica disseminação de discursos particulares, que são dialeticamente materializados em maneiras de agir e interagir, e inculcados em maneiras de ser” (RAMALHO e RESENDE, 2011, p. 58). Ainda sobre esta expressão acima, também se

identifica a *avaliação afirmativa*. A palavra “infeliz” funciona como elemento avaliativo explícito. Aqui, observa-se que a autora avalia negativamente o agente da ação.

Verifica-se, na figura 17, que a autora repudia a violência contra a mulher, mas a construção discursiva traz elementos avaliativos que marcam a diferença entre os gêneros. De modo geral, pode-se dizer que estão sendo incorporados no dia a dia dos atores sociais juízos de valor preconceituosos e violentos, que de forma direta e indireta contribui para conservar e propagar as relações de poder. Resende e Ramalho, com base em Hardt e Negri (2004), explicam que “o poder é exercido por sistemas de comunicação e redes de informação que organizam internamente as práticas diárias e comuns, não se restringindo a locais estruturados de instituições sociais, mas se estendendo em redes flexíveis e flutuantes” (2006, p. 99).

Notadamente, o Facebook é uma rede social boa e ao mesmo tempo ruim, pois, identifico que os atores sociais, através da articulação entre gênero, discurso e estilo, buscam tanto transformar as relações sociais quanto sustentar a lógica patriarcal. São visíveis discursos que apresentam a mulher como indivíduo inferior ao homem, culpando-a pela violência intrafamiliar contra a mulher. Nesse espaço, os indivíduos estão agindo, representando e identificando os aspectos do mundo, conforme suas ideologias.

Vejamos o comentário abaixo:

Comentário (08)

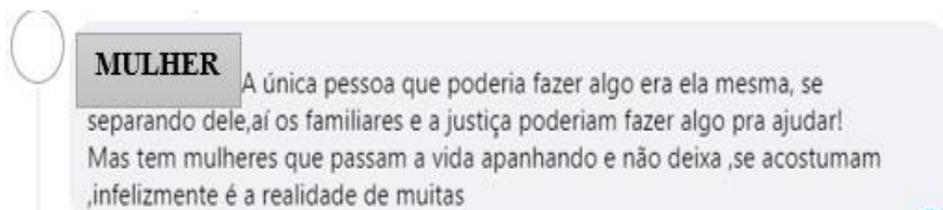


Figura 18 – Subcomentário do comentário da notícia (3)

Fonte: <https://www.facebook.com/g1>

No tocante à avaliação, pode-se dizer que, a autora faz uso das subclassificações – *afirmação com modalidade deôntica* e *avaliação afirmativa* – para revelar como ela identifica a si mesma e aos outros. Logo no início, foi identificado a *afirmação com modalidade deôntica* através dos verbos “poderia” e “fazer”. No trecho, *a única pessoa que poderia fazer algo era ela mesma*, entende-se que a mulher tem o dever de tomar alguma providência perante prática(s) de violência(s). Nesse caso, exige-se um posicionamento da mulher para coibir a violência intrafamiliar contra a mulher. Quando isso não ocorre, atribui-se a culpa da violência à vítima. À vista disso, observa-se que as afirmações com modalidades deônticas deixam explícitos os

valores do ator social. Nesse contexto, agir é um comportamento desejável, ou seja, uma conduta boa, que pode coibir futuras agressões.

Todavia, vale reiterar que esse discurso foi construído para atribuir a culpa da violência à mulher. Isso porque na sequência, a autora revela que: *tem mulheres que passam a vida apanhando e não deixa, se acostumam infelizmente é a realidade de muitas*. Esse discurso preconceituoso contra a mulher foi naturalizado e, diariamente, tem feito diversas vítimas, pois se propaga que as mulheres gostam de ser maltratadas. Neste fragmento, temos *avaliações afirmativas*, em que os advérbios “não” e “infelizmente” trazem avaliações negativas da mulher. Para consolidar seu posicionamento, a autora, encerra seu discurso enfatizando que essa conduta compreende muitas mulheres. Nesse contexto, a autora utiliza o advérbio “muita” para expressar a alta intensidade das mulheres que silenciam diante da agressão.

Diante dessas discussões, pode-se dizer que “o discurso que afirma a naturalidade da discriminação está de tal forma internalizado, que é difícil à própria mulher romper com a imagem de desvalorização” (ALVES e PITANGUY, 2003, p. 56). Como se pode ver, essa desvalorização está sendo disseminada e reforçada diariamente através do gênero comentário no Facebook. Os atores sociais usam esse espaço interativo para difundir discurso particular de mundo e, de alguma forma, influenciar outros atores sociais a manter, transformar ou extinguir práticas sociais e ideológicas. Sobre isso, Fairclough (2003a, p. 124) explica: “os discursos fazem parte dos recursos que as pessoas utilizam para se relacionarem umas com as outras – mantendo-se separadas umas das outras, cooperando, competindo, dominando – e procurando mudar a forma como se relacionam entre si”³⁸. Vejamos um outro comentário:

Comentário (09)

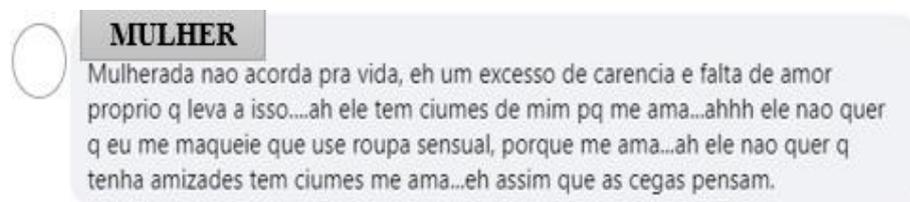


Figura 19 – Subcomentário do comentário da notícia (3)

Fonte: <https://www.facebook.com/g1>

³⁸ No original: “Discourses constitute part of the resources which people deploy in relating to one another — keeping separate from one another, cooperating, competing, dominating — and in seeking to change the ways in which they relate to one another”.

O comentário que acabamos de ler mantém a prática de atribuir a culpa da violência intrafamiliar à mulher. A autora faz uso também da *avaliação afirmativa* para mostrar que diversas mulheres são violentadas porque se sujeitam a relacionamentos abusivos. Na primeira linha, o emprego do advérbio “não” expõe explicitamente a avaliação negativa da mulher. Aqui, é notável que para a autora, as mulheres que passam por agressões são atores sociais passivos que optam por fechar os olhos diante da violência, ou seja, silenciam.

Na sequência, a enunciativa reforça seu juízo de valor, evidenciando que a violência ocorre por *um excesso de carência e falta de amor próprio*. Compreende-se através dessas ocorrências, que as mulheres padecem pela ausência de amor, carinho, afeto etc., por isso ficam presas a relacionamentos abusivos. Quando ela faz uso do substantivo “excesso” marca a alta intensidade dessas sensações. Nesse contexto situacional, os mecanismos linguísticos corroboram com a ideologia patriarcal, fortalecendo a imagem frágil, sensível, inferior e submissa da mulher. Dessa forma, “as mulheres se tornam “culpadas” e seus agressores, homens “íntegros” (ROCHA, 2007, p. 92).

Ainda chama a atenção o enunciado *eh assim que as cegas pensam*, já que a autora agride verbalmente as mulheres que sofrem com algum tipo de agressão, chamando-as de “cegas”, isto é, indivíduos que não veem. Nesse caso, evidencia-se que as mulheres não enxergam que estão em uma relação autoritária. Nota-se, portanto, que as notícias de violência intrafamiliar contra a mulher, publicada no portal G1, estão gerando avaliações explícitas e/ou implícitas de mulheres carregadas de ideologias fundamentadas no patriarcado, que trazem posicionamentos preconceituosos e propagam, cada vez mais, a desvalorização das mulheres. É necessário compreender essas práticas violentas como um exercício de poder, que viola os direitos humanos das mulheres.

Para Soares (2007, p. 80),

De qualquer forma, se queremos construir comunidades mais seguras, tanto para homens quanto para mulheres, precisamos ter clareza sobre as nossas escolhas, para que os nossos métodos produzam mudanças positivas e, sobretudo, não sejam eles mesmos geradores de violência, aprisionando vítimas e autores no círculo vicioso de profecias que se autocumprem.

Passo agora a analisar os comentários da notícia: *Homem mata esposa com golpes de facão e limpa arma em Bíblia, diz delegada*³⁹, escrita por Ewerton Correia e Erickson Nogueira.

³⁹ Disponível em:

https://www.facebook.com/profile/100064736974743/search/?q=Homem%20mata%20esposa%20com%20golpes%20de%20fac%C3%A3o%20e%20limpa%20arma%20em%20B%C3%ADblia%20diz%20delegada&locale=pt_BR. Acesso em: 06 abr. 2023.

O caso registrado como feminicídio aconteceu em agosto de 2022, no município de Campina Grande no estado da Paraíba.

Na leitura da notícia entende-se que a mulher de 32 anos estava sofrendo com a obsessão do companheiro há algum tempo, o indivíduo com ciúmes já não permitia que ela voltasse do trabalho sozinha, sempre ia buscá-la, segundo a Polícia Civil. O agressor era extremamente bárbaro/tirânico nas ações. Matou sua companheira com um facão, ferramenta que utilizava para trabalhar, logo após limpou a arma na bíblia. Como se nada tivesse acontecido, chamou a filha da vítima, que estava dormindo, para confessar o crime e, em seguida fugiu.

Essa publicação também alcançou mais de mil comentários, todavia os juízos de valores se voltaram mais para as questões religiosas, deixando a violência intrafamiliar contra a mulher em segundo plano. Diante disso, ressalto que o comentário de mulher, que mais se voltou para a discussão, recebeu oito subcomentários, dois de homens e sete de mulheres. Nesse caso, a discussão teve baixo engajamento.

Vejamos o comentário a seguir:

Comentário (10)



Figura 20 – Comentário da notícia (4)

Fonte: <https://www.facebook.com/g1>

Nesse comentário, nota-se de início a *avaliação afetiva*, pois a autora expõe, através do questionamento, *É pra isso que estamos colocando filhos no mundo? Uns pra serem monstros e outros pra serem vítimas?*, sentimento de tristeza.

Ao fazer uso do verbo “estamos”, coloca-se de maneira direta na discussão, expressando pessimismo com a atual conjuntura social. Considerando que estamos diante de uma notícia de violência intrafamiliar contra a mulher, subentende-se que o elemento avaliativo explícito “monstros” se refere aos homens que praticam tais atrocidades. Aqui, reconhece-se a *avaliação afirmativa*. Ao fazer uso desse termo, a autora destaca o aspecto perverso do homem, pois, chama-se de monstros indivíduos agressivos/perigosos, que fazem mal. Isso permite constatar que ela avalia negativamente ações violentas, que visam sustentar a superioridade masculina.

Se levarmos em conta o conhecimento construído sobre o patriarcado, compreende-se que os marcadores linguísticos avaliativos estão enraizados na lógica patriarcal, que ensinava “a menina [...] a ser doce, obediente, passiva, altruísta, dependente; enquanto o menino, aprende a ser agressivo, competitivo, ativo, independente” (ALVES e PITANGUY, 2003, p. 55 - 56). Esses atributos, que por muito tempo determinaram status opostos para homens e mulheres, ainda estão presentes na sociedade contemporânea, colaborando para sustentar a diferença entre os gêneros. E isso é representação de uma cultura que precisa ser urgentemente superada, para que possamos viver em harmonia na sociedade. Conforme bem descreve Olympe de Gouges (apud ALVES e PITANGUY, 2003, p. 36), “para que a humanidade seja mais perfeita e feliz, é necessário que ambos os sexos sejam educados segundo os mesmos princípios”. Não como demonstra o comentário, *Uns pra serem monstros e outros pra serem vítimas?*.

Hoje, não há mais espaço para ideologias patriarcais, uma vez que, homens e mulheres são fortes e fracos, passivos e ativos, medrosos e corajosos, tranquilos e agitados etc. “Tanto homens como mulheres têm o mesmo potencial para diversos comportamentos. A supremacia masculina criada pelo patriarcado envenena todas as relações humanas, prejudicando também os homens” (LINS, 2022, p. 456). Portanto, o que deve prevalecer é o respeito às diferenças e a igualdade de direitos. Não se deve naturalizar ou mesmo buscar justificar ações violentas.

Como se pode verificar no comentário a seguir:

Comentário (11)

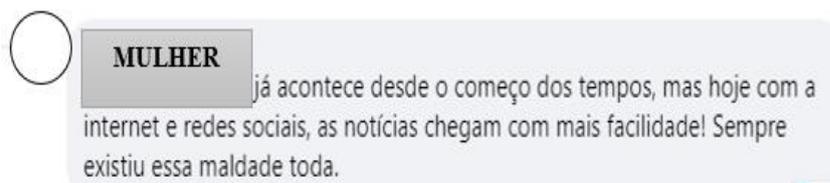


Figura 21 – Subcomentário do comentário da notícia (4)
Fonte: <https://www.facebook.com/g1>

Conforme venho apresentando no decorrer da análise, a categoria identificacional avaliação está presente nos comentários dos atores sociais na rede social Facebook, revelando-se de forma explícita ou implícita. Os atores sociais utilizam esse espaço para interagir com outros, deixando registrado seu juízo de valor, que pode trazer conotação negativa ou positiva do evento. Na constituição desse comentário, por exemplo, destaca-se a *avaliação afirmativa*, onde os termos “hoje” – advérbio de tempo – e “mais” – advérbio de intensidade –, no enunciado: *mas hoje com a internet e redes sociais, as notícias chegam com mais facilidade!*, integram os marcadores avaliativos explícitos.

Aqui, verifica-se que para a autora o avanço tecnológico propiciou a ampliação da divulgação de casos de violência contra a mulher, que por décadas foram ocultados. Esse discurso nos remete a discussão acerca da tecnologia na seção “Historicidade e as novas formas de interação das tecnologias”, pois, conforme foi discutido, o progresso tecnológico afetou profundamente as relações sociais.

Nota-se que a autora, em seu discurso, procura justificar a violência intrafamiliar contra as mulheres, afirmando que as práticas de desvalorização *sempre existiram* e nos últimos anos apenas se intensificou a exposição dos casos por causa da internet e das redes sociais, por isso esses fatos não devem ser motivo de alarde.

Em outros termos, ela entende que a violência é inerente à sociedade. Neste ponto, observa-se uma conformação. Isso é visível quando enuncia: *já acontece desde o começo dos tempos*, e *Sempre existiu essa maldade toda*, o sintagma nominal “o começo dos tempos” funciona como marcador avaliativo implícito. Nesse caso, identifica-se a *presunção valorativa*, visto que está pressuposto que a violência ocorre desde a criação o mundo. Na Bíblia, encontra-se prenúncio dessa desvalorização: Deus disse à mulher: “Multiplicarei os sofrimentos de teu parto; darás à luz com dores, teus desejos te impelirão para teu marido e tu estarás sob o seu domínio” (Gênesis, 3:16). Como vemos, os discursos estão fortemente relacionados aos processos históricos e revelam como os atores sociais percebem e compreendem os aspectos do mundo.

Ademais, ainda se identifica a *avaliação afirmativa* através do advérbio de tempo “sempre”, que expressa a continuidade da violência contra a mulher. Esse posicionamento negativo e conformista naturaliza ideologias, valores e percepções que disseminam a desvalorização das mulheres, contribuindo para que os atores sociais, em pleno no século XXI, continuem reprimindo, humilhando, dominando e até mesmo escravizando mulheres. Isso porque, como bem nos diz Gomes (2013, p.74), “a ideologia, além de implicar uma tomada de posição determinada, expressa, organiza e regula as relações histórico-materiais dos homens”.

Vê-se, portanto, que os marcadores avaliativos explícitos e/ou implícitos nos comentários de notícias na rede social Facebook sobre violência intrafamiliar contra a mulher contribuem para identificarmos se o posicionamento do ator social é favorável ou desfavorável à situação.

O comentário a seguir exemplifica o que acabo de dizer:

Comentário (12)

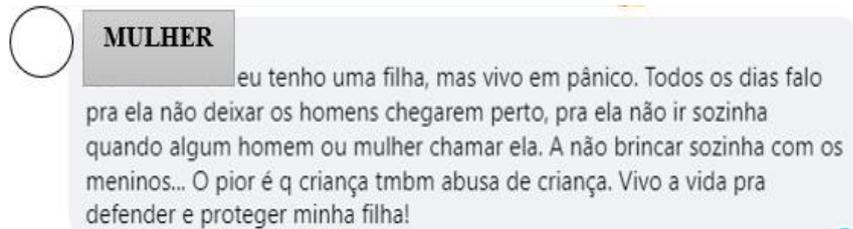


Figura 22 – Comentário da notícia (4)

Fonte: <https://www.facebook.com/g1>

Já na primeira linha, identifica-se a *avaliação afetiva*, onde a expressão “vivo em pânico” expressa juízo de valor negativo. Essa declaração expõe o medo, a insegurança, a angústia etc., da autora por causa do aumento da violência contra a mulher.

Conforme já foi citado, todas as formas de violência contra a mulher registraram crescimento em 2022, coincidentemente ano desta prática violenta. Além disso, recorrendo as *afirmações com modalidade deônticas*, ela enfatiza esses sentimentos através do enunciado *vivo a vida pra defender e proteger minha filha!*. Os verbos “defender” e “proteger” atuam como marcadores avaliativos explícitos, expondo a obrigação/necessidade dessa atitude para conseguir viver com o mínimo de tranquilidade na sociedade contemporânea.

Com esse discurso, pode-se dizer que “a violência contra a mulher é, portanto, uma questão de ordem pública, uma violação de direitos humanos, deixando de ser uma questão meramente de ordem privada (TELES, 2012, p.260). Essa intensificação da violência contra a mulher só mostra o quanto é urgente a articulação do poder público com a sociedade para a criação de ações/práticas sociais que possam inibir essa expressão desumana de discriminação de gênero.

Chama ainda atenção o enunciado *Todos os dias falo pra ela não deixar os homens chegarem perto, pra ela não ir sozinha quando algum homem ou mulher chamar ela. A não brincar sozinha com os meninos....* Neste exemplo, observa-se novamente *afirmações com modalidades deônticas*, em que o advérbio de negação “não” precedido dos verbos “deixar”, “ir” e “brincar” funcionam como marcadores transparentes, com conotação positiva.

Em termos gerais, pode-se afirmar que para a autora agir segundo essas orientações é uma prática desejável, digo, é um comportamento bom. Diante disso, fica evidente que “os modalizadores deônticos indicam tanto uma persuasão da parte de quem enuncia quanto um comprometimento da parte dos interlocutores para que uma oferta/demanda seja bem executada” (NASCIMENTO, PEREIRA, VIANA, 2022, p. 357). É importante dizer que esse discurso reforça que a violência intrafamiliar contra a mulher interfere na vida das mulheres e

consequentemente na construção social, cultural, econômica, política e histórica das sociedades.

A avaliação, como observa Fairclough (2003a), são incorporadas frequentemente nos discursos, revelando-nos se os posicionamentos do ator social sobre si mesmo(a) e os outros implicam em avaliações boas ou ruins, desejáveis ou indesejáveis, por exemplo. Essa breve análise dessa categoria, em comentários de mulheres no Facebook acerca de notícias sobre violência intrafamiliar contra a mulher, mostra que muitos discursos estão revestidos ideologicamente, sustentando o sistema patriarcal. Isso porque diversos marcadores linguísticos avaliativos manifestam um discurso conservador, propagando a superioridade do homem e naturalizando percepções preconceituosas contra as mulheres, colaborando, assim, para manter a oposição entre os gêneros.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procurei fazer uma reflexão crítica sobre a violência intrafamiliar contra a mulher. Como vimos, com o surgimento do patriarcado foram introduzidas nas sociedades práticas de opressão para as mulheres. Também pudemos observar que o movimento feminista contribuiu para recriar as relações humanas. Conforme afirma Lins (2022, p. 457), “o movimento feminista da década de 1970 contribuiu para pôr fim à discriminação sexual. As escolas passaram a ser mistas, todas as profissões tornaram-se acessíveis às mulheres [...] os papéis sexuais transformaram-se profundamente, atenuando a distinção entre eles”. Entretanto, percebe-se que essa nova configuração social não é aceita por todos atores sociais, isso porque muitos homens, para manter o poder e controlar as ações das mulheres, praticam ações violentas que, muitas vezes, resultam na morte de mulheres.

Deve-se registrar que, hoje, mesmo com o amparo das leis, diversas mulheres sofrem com a violência no contexto familiar. Isso porque muitos homens reproduzem a fragilidade, vulnerabilidade e inferioridade da mulher ao passo que se perpetua a força, confiança e o poder do homem. Como foi possível constatar nas notícias 1 e 4, por exemplo, os agressores eram extremamente possessivos e buscavam manter a mulher sob seu domínio, limitando o contexto e as relações humanas da vítima. Neste contexto, percebe-se que quando o “foco está sobre o comportamento da vítima, apresenta um grande potencial disciplinador, que pode levar à estigmatização de certas condutas (PORTELLA, 2020, p. 104). A partir disso, concluo que essas ideologias continuam a fazer vítimas, mesmo após décadas do seu declínio.

Não custa repetir: o patriarcalismo modificou profundamente as sociedades, levando, inclusive, a própria mulher a se sentir inferior e ser, muitas vezes, conivente com essa ideologia. Com base nisso, pode-se dizer que esse sistema de dominação masculina vem atravessando gerações. Tendo isso em vista e constatando o crescimento de práticas violentas contra a mulher no seio familiar, decidi investigar discursos de mulheres que avaliam a violência intrafamiliar machista, analisando o seu potencial de efeitos de sentidos em comentários e subcomentários do Facebook, pelo fato de construirmos discursos através de “crenças, valores, formas de ação e interação, relações sociais, mundo material” (RAMALHO e RESENDE 2011, p. 103). Dessa forma, entendo que discurso é uma prática social heterogênea que contribui para produção de sentidos, ajuda-nos a compreender melhor “como as sociedades funcionam e produzem efeitos

benéficos e prejudiciais, e de como os efeitos prejudiciais pode ser mitigado se não eliminado”⁴⁰ (FAIRCLOUGH, 2003a, p. 203).

O cenário que considere mais adequado para realizar este estudo foi a rede social Facebook que oportuniza a interação instantânea com diversos indivíduos através, principalmente, do gênero comentário. Levando em consideração o site do G1, que observei regularmente no decorrer de seis meses, percebe-se que os atores sociais, ao registrarem um discurso sobre uma publicação, buscam tanto trocar conhecimento quanto persuadir o(s) outro(s), convencendo-os que a sua ideologia é a mais coerente. Com isso, ressalto que, muitas vezes, o gênero comentário no Facebook é utilizado para manter relações de poder. É importante destacar que as publicações sobre problemas sociais geram grande engajamento e, em fração de segundos, percebe-se a formação de uma rede interacional.

As notícias sobre violência intrafamiliar contra a mulher selecionadas para fazerem parte desse estudo, por exemplo, tiveram grande repercussão, recebendo entre mil e mil e trezentos comentários. Um dos comentários que faz parte do *corpus* motivou a participação dos indivíduos, atingindo quarenta e quatro subcomentários. Essa nova forma de interação é possível graças aos avanços tecnológicos já que a relação do ser humano com as máquinas propiciou o seu desenvolvimento. Santaella vê essa nova cultura “como uma face de passagem entre a cultura massiva e a digital, portanto, transitória na multiplicidade dos seus apetrechos, muitos deles simplesmente desaparecidos, mas com função cognitiva relevante na preparação da sensibilidade do público para a interatividade digital” (2022, p. 202).

Essa compreensão comprova que a tecnologia afeta as relações sociais. No Facebook, o indivíduo dialoga sobre as informações que mais se identifica e de maneiras distintas, pois há “comentários mais pessoais, curtos e de aprovação ou reprovação a postagens de imagens ou informações pessoais, bem como comentários mais complexos e com posicionamentos sobre temas variados” (SILVA, 2014), que expressam como o ator social avalia a ocorrência e até mesmo os juízos de valor dos envolvidos na interação. Isso se dá porque é notório que muitos subcomentários retomam os posicionamentos e evidenciam se são posições desejáveis ou indesejáveis dentro daquele contexto e na situação da notícia veiculada.

É pertinente lembrar que as escolhas linguísticas do indivíduo além de mostrar como ele(a) identifica aspectos do mundo, também revela muito sobre o próprio ator social. Isso permite investigar, em comentários de mulheres sobre a violência intrafamiliar machista, modos de avaliação, uma vez que as construções discursivas advêm do contexto social, histórico e

⁴⁰ No original: “[...] how societies work and produce both beneficial and detrimental effects, and of how the detrimental effects can be mitigated if not eliminated”.

cultural. Isso significa que elas envolvem posicionamentos ideológicos, ajudando-nos a identificar, nesse caso, se os indivíduos estão indo de encontro ou ao encontro das relações de poder entre os gêneros.

À vista disso, percebe-se que é através do discurso que os atores sociais agem e interagem no mundo. Nos comentários analisados na seção “Violência Intrafamiliar contra a Mulher: juízos de valor explícitos e implícitos”, do capítulo “Avaliação: juízos de valor circunscritos na história social”, pude observar essas questões quando os atores sociais usaram expressões e marcadores linguísticos avaliativos assentados em ideologias patriarcais. Ao associar essas construções discursivas ao contexto situacional é possível perceber aspectos sociais e culturais dessa organização social, que naturaliza a desvalorização da mulher. Dentre os doze comentários, oito frisaram a diferença entre os gêneros e culpabilizaram as vítimas pelas agressões. Logo, a análise do gênero comentário no Facebook mostrou que muitos atores sociais fazem uso dessa prática social para construir e reproduzir relações de poder entre os gêneros.

Em relação às subclassificações: *afirmações avaliativas*, *afirmações com modalidade deônticas*, *avaliações afetivas* e *presunções valorativas* mostro como as mulheres avaliam no Facebook os casos de violência intrafamiliar contra a mulher.

A seguir, apresento um gráfico das ocorrências dessa categoria nos comentários e subcomentários. Vejamos:

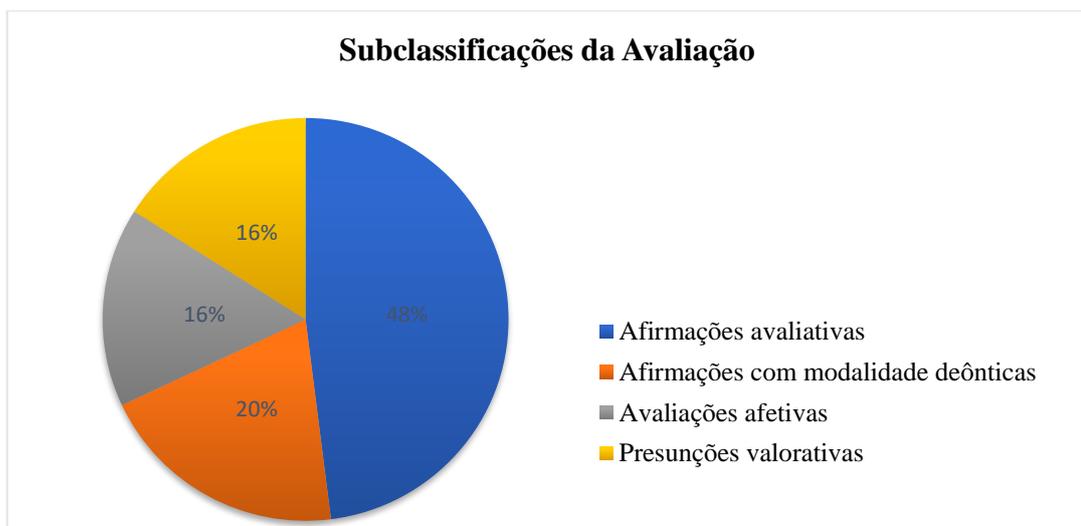


Figura 23 – Resultados da avaliação

Com base nesse gráfico das quatro subclassificações da avaliação, identifico que as mulheres fazem uso dos marcadores linguísticos avaliativos explícitos e implícitos. Todavia, os

dados quantitativos indicam que 84% dos discursos são construídos com elementos avaliadores transparentes, em outras palavras, as avaliações do ator social sobre os casos de violência intrafamiliar contra a mulher estão explícitas. Foi por meio da avaliação que verifiquei se as escolhas linguísticas avaliativas, em nosso objeto, estão contribuindo para manter ou transformar as relações de poder entre os gêneros.

Foi possível identificar esses aspectos por meio dos significados do discurso. Apesar de frisar, em especial, à categoria de análise do significado identificacional – avaliação –, a relação dialética entre os significados é sempre requerida, pois “as representações (discursos) podem ser promulgadas em formas específicas de agir e relacionar (gêneros), e inculcar formas particulares de identificação (estilos)”⁴¹ (FAIRCLOUGH, 2003a, p. 29).

Por meio da análise, compreende-se que as mulheres estão conscientes das transformações sociais, que buscam a equidade das relações humanas e que elas se identificam como atores sociais que são contra qualquer prática de opressão contra a mulher. Entretanto, a partir da observação dos comentários, constata-se uma postura um tanto contraditória. Consegui verificar que muitas autoras inscreveram discursos com elementos avaliativos que evidenciam a oposição entre os gêneros, apontando características negativas para as mulheres, já para os homens prevaleceu características positivas. Especialidades da ideologia patriarcal que se manifestaram nos discursos de dois modos.

Primeiro, através de marcadores avaliativos explícitos e implícitos que expressam que as mulheres são inferiores, submissas, fracas, frágeis, passivas e agem com emoção, por isso são violentadas, enquanto que os homens são seres fortes, ativos e agem com racionalidade. Esses discursos propagam claramente a diferença entre os gêneros, pois “apelam para a “natureza” da mulher para justificar sua posição social subalterna. Sendo ela, “por natureza”, um ser frágil e dependente, legitima-se a assimetria sexual. Este reducionismo biológico camufla as raízes da opressão da mulher, que é fruto na verdade de relações sociais” (ALVES e PITANGUY 2003, p. 56). Isso é uma construção ideológica transmitida, desde muito cedo, no contexto familiar, influenciando a maneira de agir e interagir de ambos os gêneros.

Segundo, através de expressões que naturalizam a violência, indicando que é uma prática natural da sociedade, já que ocorre desde a criação do mundo, e que as mulheres gostam de ser agredidas.

A articulação desses discursos com o contexto nos mostra que as autoras internalizam esses discursos do senso comum e utilizam em discussões sobre violência contra a mulher. É

⁴¹ No original: “Representations (discourses) may be enacted in particular ways of Acting and Relating (genres), and inculcated in particular ways of Identifying (styles)”.

importante registrar aqui que muitas autoras mesmo identificando que o discurso fundador da interação era preconceituoso, elas reafirmaram e cooperaram com o juízo de valor, mostrando-nos, dessa forma, que o gênero comentário no Facebook influencia nas práticas sociais e contribuem para construir e reproduzir relações de poder entre os gêneros.

Ainda sobre a análise, reforço que os agressores eram extremamente violentos e buscavam dominar e intimidar as vítimas através da brutalidade. Isso posto, considero que para vivermos em uma sociedade democrática é preciso que a sociedade seja liberta dessas concepções.

Por outro lado, observa-se discursos que questionam esses juízos de valor e expressam o quão difícil é viver em uma sociedade que infringe os direitos humanos. O último subcomentário analisado é bem enfático à essa questão já que mostra o quanto os indivíduos se moldam e moldam os outros para conseguir viver com o mínimo de equilíbrio/confiança em um ambiente social que cresce diariamente a violência intrafamiliar contra a mulher. Portanto, o discurso é um instrumento de luta.

Os discursos analisados aqui acerca da violência intrafamiliar contra a mulher na voz das próprias mulheres revelam uma conjuntura hostil às mulheres. Inclusive, ficou explícito que as avaliações cooperam para perpetuar/manter ideologias patriarcais, uma vez que muitos marcadores linguísticos avaliativos usados pelas mulheres evidenciaram a inferioridade das mulheres e a superioridade dos homens. Com isso, ratifico que o desvelamento de ideologias opressoras é extremamente importante para superação das desigualdades, porque permite tornar visível construções discursivas que mantêm e revestem as relações de poder, possibilitando que estas sejam desconstruídas.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMEIDA, Fabíola Sartin Dutra Parreira. Atitude: afeto, julgamento e apreciação. In: VIAN JR, Orlando. *et al.* **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**. Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

AMANTE, Lúcia. Facebook e novas sociabilidades. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa. **Facebook e educação**: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014, p. 27 – 46.

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Edição 2022. Disponível em:< <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5> > Acesso em: 01 de Mar. 2023.

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Edição 2023. Disponível em:< <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>> Acesso em: 02 de Nov. 2023.

ARRINGTON, Michael. 85% of College Students Use Facebook. TechCrunch, 7 de setembro de 2005. Disponível em: < <https://techcrunch.com/2005/09/07/85-of-college-students-use-facebook/>>. Acesso em: 09 de mar. 2023.

BACHELARD, G. **A Formação do espírito científico**. RJ: Contraponto, 1996.

BAKHTIN, M./ VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 10ª Ed., São Paulo: Annablume e Hucitec, 2002.

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. 2ª ed. São Paulo Martins Fontes, 1997.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Trad.: Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**; Trad. Maria da Glória Novak e Luiza Neri; Revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. São Paulo. Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

BÍBLIA, Gênesis. Português. In: Bíblia sagrada: antigo e novo testamento. Tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges Beneditinos e Maredsous (Bélgica). Brasil. São Paulo: Ave-Maria, 2017. p. 49 - 100.

BÍBLIA, salmos. Português. In: Bíblia sagrada: antigo e novo testamento. Tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges Beneditinos e Maredsous (Bélgica). Brasil. São Paulo: Ave-Maria, 2017. p. 657 - 777.

BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson de Luca. As tecnologias digitais: construindo uma escola ativista. In: BRAGA, Denise Bértoli. B. (org.). **Tecnologias digitais da informação e comunicação e participação social**. São Paulo: Cortez, 2015. p. 149-166.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais n^{os} 1/92 a 70/2012 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão n^{os} 1 a 6/9. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2012, 103 p.

BRASIL. Conselho Nacional do Ministério Público. **Violência contra a mulher**: um olhar do Ministério Público brasileiro / Conselho Nacional do Ministério Público. – Brasília: CNMP, 2018, 244 p.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Legislação da mulher**. – 7. ed. – Brasília: Edições Câmara, 2016.

BRASIL. Lei n^o 11.340, de 7 de agosto de 2006. **Lei Maria da Penha**. – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2011.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo**: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Disponível em: < <https://www.patriciamagno.com.br/wp-content/uploads/2021/04/CARNEIRO-2013-Enegrecer-o-feminismo.pdf>>. Acesso em: 05 de Mai. 2023.

CASTELLS, Manuel. **La Galaxia Internet**. Tradução: Raúl Quintana. Barcelona: Plaza & Janés Editores, 2001.

CORREIA, Pedro Miguel Alves Ribeiro; MOREIRA, Maria Faia Raafael. Novas Formas de Comunicação: História do Facebook - Uma História Necessariamente Breve. ALCEU: Revista de Comunicação, Cultura e Política, 14 (28): 168-187, 2014. Disponível em: <<http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu%2028%20-%20168-187.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2023.

COSTA, Maria Alcione Gonçalves da. **Blog como estratégia pedagógica para o ensino de língua portuguesa**: comentários em cena. Garanhuns. Dissertação (Mestrado em Letras), 2015.

COSTA, Sandra Regina Santana; DUQUEVIZ, Barbara Cristina; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. **Tecnologias Digitais como instrumentos mediadores da aprendizagem dos nativos digitais**. Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 19, Número 3, Setembro/Dezembro de 2015: 603-610. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/NwwLwRTRTdBdMxWW4Nq7ByS/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 24 fev. 2023.

CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. **Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web**. Revista Investigações, Volume 25, Número 2, Julho de 2012: 21 – 41. Disponível em:
< <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/338/283>> Acesso em: 21 abr. 2023.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas: Pontes, 2018.

DREZETT, Jefferson. Violência sexual como problema de saúde pública. In: TAQUETTE, Stella R. (Org.). **Violência contra a mulher adolescente-jovem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. Londres e Nova York: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing Discourse: textual analysis for social research**. Londres: Routledge, 2003a.

FARIA, Nalu. **Sexualidade e feminismo**. In: BORBA, Ângela; FARIA, Nalu; GODINHO, Tatau. **Mulher e política: Gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores**. — São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998.

FERNANDES, Maria da Penha Maia. **Sobrevivi: posso contar**. 2. ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

FERREIRA, Kátia Maria Maia. Violência Doméstica/Intrafamiliar Contra Crianças e Adolescentes – Nossa Realidade. In: SILVA, Lygia Maria Pereira. **Violência doméstica contra a criança e o adolescente**. Recife: EDUPE, 2002. p. 17-43.

FOUREZ, Gérard. **A Construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências**. São Paulo: Unesp, 1995.

FREITAS, Lúcia; PINHEIRO, Veralúcia. **Violência de Gênero, Linguagem e Direito: Análise de Discurso Crítica em Processos na Lei Maria da Penha**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

GALLI, Fernanda Correia Silveira. Linguagem da Internet: um meio de comunicação global. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido (orgs.)**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 13 – 67.

GALLO, Solange Leda. **Novas Fronteiras para a Autoria**. Organon, Porto Alegre, nº 53, jul./dez., 2012, p. 53-64. Disponível em:< [file:///C:/Users/casa/Downloads/35724-141621-2-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/casa/Downloads/35724-141621-2-PB%20(3).pdf)> Acesso em 08 jan. 2023.

GOMES, Jaciara Josefa. **Discurso feminino: uma análise crítica de identidades sociais de mulheres vítimas de violência de gênero**. Recife. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

GOMES, Jaciara Josefa. **Tudo junto e misturado**: violência, sexualidade e muito mais nos significados do funk pernambucano/ É nós do Recife para o mundo. Recife, 2013. 217p. Tese (Doutorado em Linguística) — Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: perspectivas do digital. Trad. Lucas Machado. Petrópolis-RJ: Vozes, 2018.

KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. Ler e Compreender: os sentidos do texto. – 3. ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: contexto, 2010.

LIMA, Ivanadyja Dafyni de. **O Gênero Fakes News no Processo de Desenvolvimento da Leitura e do Letramento de Estudantes de uma Escola da Rede Estadual de Pernambuco**. Garanhuns, Dissertação (Mestrado em Letras), 2020.

LINS, Regina Navarro. A cama na varanda: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo: novas tendências. - Ed. rev. e ampliada. - Rio de Janeiro: BestSeller, 2022

LOPES, Luiz Paulo da Moita. Socioconstrucionismo: Discurso de identidades sociais. In: _____ (Org.). **Discurso de identidades**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. São Paulo: Mercado de Letras, 2003. p.13-38.

MACHADO, Jorge. O colapso contextual e a esfera pública manipulada por algoritmos: uma ameaça à sociedade? In: FLORES, G. B. *et al* (org.) **Análise do Discurso em rede**: cultura e mídia. Campinas: Pontes Editores, 2021, p.319 - 333.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido (orgs.). Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 13 – 67.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Leitura e compreensão de texto falado e escrito como ato individual de uma prática social. In: ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Orgs.) **Leitura: Perspectivas Interdisciplinares**. 4. Ed. São Paulo: Ática, 1998. p.38-57.

MELO, Iran Ferreira de. **Análise Crítica do Discurso**: um estudo sobre a representação de LGBT em jornais de Pernambuco. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

MELO, Simone Pereira de; BEZERRA, Benedito Gomes. O Internetês em Questão: “Português Assassinado a Tecladas”?. In: BEZERRA, Benedito Gomes (Org.). **Leitura e escrita na interação virtual**. Recife: EDUPE, 2011. p. 27 – 43.

MOURA, Maria Lacerda de. **A mulher é uma degenerada**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

NASCIMENTO, Érica Alves do; PEREIRA, Francisco Djefrey Simplício; VIANA, Wes. Avaliação. In: Irineu, Lucineudo (org.). **Análise de discurso crítica**: exercícios analíticos. – 1. ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

OTTONI, Maria Aparecida Resende; LIMA, Maria Cecília de. **Discurso, identidade e letramento**. São Paulo: Cortez, 2014.

PALMA, Cilda; MELO, Iran. **Análise do Discurso**. Editora Nupre, 2009.

PAVEAU, M-A. Memória tecnodiscursiva. In: PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas**. Trad. Julia Lourenço Costa, Roberto Leiser Baronas et al. Campinas: Pontes Ed., 2021.

PEDRO, Joana Maria. **Narrativas fundadoras do feminismo: poder e conflitos (1970-1978)**. In: *Revista Brasileira de História*, v. 26, n. 52. São Paulo: 2006.

PEIXOTO, Thaís Soares; LÊDO, Amanda Cavalcante. Panorama dos Gêneros Textuais em Uso no Orkut. In: BEZERRA, Benedito Gomes (Org.). *Leitura e escrita na interação virtual*. Recife: EDUPE, 2011. p. 93 - 111.

PINTO, Célia Regina Jardim. **Feminismo, História e Poder**. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf> > Acesso em: 10 de mai. 2023.

PINTO, Álvaro Vieira. **O Conceito de Tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

PLAZA, Julio. **Videografia Em Videotexto**. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

PORTELLA, Ana Paula. *Como morre uma mulher?* Recife: Ed. UFPE, 2020.

PIZZIMENTI, Cris. *Sou Feita de Retalhos*. Disponível em: <https://bit.ly/2S7N2Fr>. Acesso em: 31 mar. 2023.

RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica da publicidade: um estudo sobre a promoção de medicamentos no Brasil**. LabCom Books, 2010.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo **Análise de discurso (para a) crítica: O texto como material de pesquisa**. São Paulo: Pontes, 2011.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise do discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso crítica e realismo crítico: implicações interdisciplinares**. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2009.

ROCHA, Martha Mesquita. *Violência contra a mulher*. In: TAQUETTE, Stella R. (Org.). **Violência contra a mulher adolescente-jovem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. **Neo-humano: a sétima revolução cognitiva do Sapiens**. São Paulo: Paulus, 2022.

SILVA, Sadart Vieira da. **A sequência argumentativa no gênero comentário de facebook**. Anais da XXV Jornada Nacional do GELNE, Natal, RN: EDUFRN, 2014. Disponível em: <<https://gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2014/listaresumos.htm>> Acesso em 02 jan. 2023.

SOARES, Bárbara Musumec. Enfrentamento da violência contra mulheres: impasses e desafios. In: TAQUETTE, Stella R. (Org.). **Violência contra a mulher adolescente-jovem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

TELES, Maria Amélia de Almeida. O que fazer para implementar a Lei Maria da Penha?. In: CHARF, Clara; VIEIRA, Vera (Org.). **Mulheres e homens trabalhando pela paz e contra a violência doméstica**. São Paulo: Associação Mulheres pela Paz, 2012. p. 259 – 262.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Discurso e poder**. Tradução Judith Hoffnagel. São Paulo: contexto, 2008.

VAN DIJK, Teun Adrianus. **Análise crítica do discurso multidisciplinar**: um apelo em favor da diversidade. Tradução Breno Wilson Leite Medeiros. Linha d'Água, n. 26 (2), p. 351-381, 2013.

VAN LEEUWEN, Theo. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, Emília Ribeiro. (Org.) **Análise Crítica do Discurso**: uma perspectiva sociopolítica e funcional Lisboa: Caminho, 1997, p. 169-222.

VIAN JR, Orlando. O Sistema de Avaliatividade e a linguagem da avaliação. In: VIAN JR, Orlando. *et al.* **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**. Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

VIEIRA, Vera. A nova mulher e o novo homem. In: CHARF, Clara; VIEIRA, Vera (Org.). **Mulheres e homens trabalhando pela paz e contra a violência doméstica**. São Paulo: Associação Mulheres pela Paz, 2012.

VIEIRA, Vera. A nova mulher e o novo homem. In: CHARF, Clara; VIEIRA, Vera (Org.). **Mulheres e homens trabalhando pela paz e contra a violência doméstica**. São Paulo: Associação Mulheres pela Paz, 2012.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão. v. 04, n. esp., p. 223-243. 2004. Trad. Débora de Carvalho Figueiredo.

ZUBOFF, Shoshana. Big other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. In: BRUNO, Fernanda. *et al.* **Tecnologias da vigilância**: perspectivas da margem. São Paulo, Boitempo, 2018, p. 17-68.

ANEXO A – NOTÍCIA (1): VÍDEO MOSTRA MULHER GRÁVIDA AGREDIDA POR MARIDO TENTANDO SE JOGAR PELA JANELA; HOMEM FOI PRESO EM FLAGRANTE

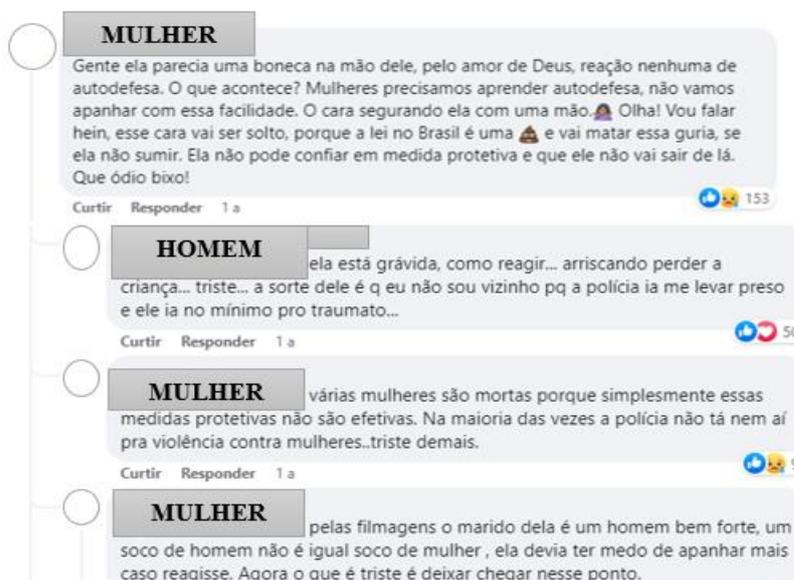


Captura de tela da notícia 1

Disponível em:

<https://www.facebook.com/profile/100064736974743/search?q=V%C3%ADdeo%20mostra%20mulher%20gr%C3%A1vida%20agredida%20por%20marido%20tentando%20se%20jogar%20pela%20janela%20homem%20foi%20preso%20em%20flagrante>. Acessado em 06 abr. 2023.

Comentários da Notícia (1):



- MULHER** na reportagem ela diz que era agredida por ele já há 2 anos ,mas tinha esperança que ele mudasse . Precisamos é mandar as crianças e adolescentes para o fazer terapia e construir autoestima antes que cheguem na idade de se relacionar amorosamente, pra nunca aceitarem o primeiro tapa , o primeiro grito e acharem que demonstração de ciúmes é amor . Se isso acontecesse ,pode ter certeza que teríamos menos relacionamentos abusivos . As leis precisam ser rigorosas sim ,porém só isso não basta . Parece que pra cada mulher que se liberta , mais três entram em um relacionamento abusivo e digo mais , esse cara vai largar dela e arrumar outra pra viver outro relacionamento abusivo também.
- Curtir Responder 1 a  3
- MULHER** fácil falar, né?
- MULHER** eu também não me conformo! Morro de medo de falar alguma coisa e entenderem como culpabilização da vítima; mas acho muito importante a gente sempre estar pronta pra se defender
- Curtir Responder 1 a  10
- MULHER** eu estou apavorada.eu também preciso nisso ela não deve confirmar,nessa lei ,ele vai sair p manta ela misericórdia!!😭😭❤️
- MULHER** um spray de pimenta ja ajudava
- Curtir Responder 1 a  2
- MULHER** uma mulher grávida!
- Curtir Responder 1 a
- MULHER** Já fui grávida e metia o terror!
- MULHER** Voce já foi agredida?
- Curtir Responder 1 a
- MULHER** jamais, nunca permiti!
- Curtir Responder 1 a
- MULHER** então nunca na sua vida julgue o que você nunca passou.
- Curtir Responder 1 a
- MULHER** eu disse que nunca fui porque não permiti, um pouco de interpretação de texto ajudaria. Não tô julgando ninguém. Estou analisando os fatos. Está no vídeo. Esse papo de "não podemos julgar" é de gente que tem preguiça de pensar.
- MULHER** Trabalho no sus com apoio desse tipo de situação psicóloga. Por isso eu posso te dizer com conhecimento de causa. Não e só fugir, denunciar . Te cuida
- Curtir Responder 1 a
- HOMEM** com certeza não é a primeira vez que ele a agride, o que se deve aconselhar é que a mulher ao primeiro sinal de agressão denuncie.
- Curtir Responder 1 a  2
- MULHER** Mulher grávida reagir é pior ja passei por isso.

MULHER

Já fui grávida, trabalhei até 9 meses, gravidez não é doença, metia o terror. Tem que de defender!

MULHER

Está culpando a vítima, sua monstra?

Curtir Responder 1 a

**MULHER**

tava demorando pra aparecer um papagaio aqui. Só repete o que ouvi na bolha deles, não sabe pensar, falam as mesmas frases, repetitivos, chatos. Melhor ser uma monstra pensante, crítica.... do que um papagaio. E que comecem as agressões, porquê vocês não conversam, agridem.

MULHER

a melhor defesa é ter auto respeito e não se envolver nesse tipo de relacionamento...

Curtir Responder 1 a

**MULHER**

como é que é ? Aí ela revida e deixa o cara mais enfurecido e ele mata ela , né ? Vcs bebem o quê ?

MULHER

você esta certissima

Curtir Responder 1 a

MULHER

amada o trauma e a negligência geram na vitima esse tipo de reação

Ela n tem psicologico pra se defender e quem disse que tentar lutar com o agressor vai salvar ela? Grávida do monstro e com filho, ela é uma vitima parem de cobrar das mulheres perfeição ate quando estao sofrendo

Ela aguentou 2 anos com ele por estar psicologicamente abusada por ele, so vejo pessoas criticando a vitima

O cérebro após traumas desenvolve comportamentos de submissao e medo que impedem a mulher de sair do ciclo! Acordem!!!

**MULHER**

Olha tudo que você está dizendo é verdade. Mas o que eu disse, também. Você falou do estágio do desenvolvimento de um trauma psicológico, só que é um processo pra chegar ao trauma, há um caminho a ser percorrido até lá, nesse percurso há um estágio em que estamos conscientes pra analisar e decidir é ai que muitas decidem continuar, acreditando na mudança do cara. Outro ponto é sim a vulnerabilidade da mulher no que diz respeito ao preparo para a própria segurança. Tô me referindo ao estágio consciente, não traumatizado da pessoa. Mas você falou do resultado é ele real, não nego.

MULHER

voce afirma isso com que procedencia? Pois saiba que o trauma pode ser alimentado de varias formas inclusive na infancia da mulher, na criação dos pais que a ensinam a respeitar o marido e a servi-lo, na igreja que diz a mulher que seu papel no mundo é ser a sobra do marido e sua submissao é vista aos olhos de deus como o certo, onde a mulher fala do comportamento do marido para outras e escuta que ele a trata assim pq ela nao faz o que ele gosta, que ela nao se cuida, onde no trabalho as pessoas cobram da mulher perfeição e silencio sobre sua vida pessoal pra que não suje a imagem da empresa!

Mulher acorda, voce vive numa sociedade que ensina a mulher desde pequena qual "o lugar dela" que casamento so dura se a mulher souber perdoar! O trauma é posto no cerebro desde a infância, a ausência de empatia de outras mulheres e a cobrança absurda da postura dela.

Pergunta se alguma vez na infancia desse desgraçado alguem disse pra ele que usar a força pra resolver situações era errado?

O mundo é bem diferente pra uma mulher.

Se voce ta acordada pra esse tipo de comportamento abusivo dos homens meça sua palavras para que ninguem se sinta humilhada ou envergonhada de nao ter o privilégio de reconhecer traços assim num homem que uma vez fingiu ser perfeito.

Fale com cuidado para que suas palavras eduquem e nao machuquem! Se toca!

MULHER

t mano do céu, não pode falar nada que a militância aparece. Não tô humilhando ninguém. Quem tá me julgando agora é você....kkkk vocês são incoerentes né?! Querem falar, mas não querem ouvir. Tudo o que eu disse existem estudos que comprovam. Quem tá querendo agora me humilhar(sem sucesso) é você. A sociedade não determina minhas escolhas, dane-se o que dizem, sigo minha consciência e o que acredito. Esse negócio aí que vc disse que os pais ensinam a servir marido e igreja que diz que a mulher tem que ser a sobra do marido, isso é século XIX minha filha. Atualmente, no geral os pais estão investindo na liberdade intelectual e financeira das filhas e a igreja orientando a mulher a lutar por seus direitos, sem loucura, como as dos movimentos por aí. Enfim. Sua visão é apenas reprodução dos que os movimentos dizem. Precisa ouvir todos os lados antes de tirar suas conclusões. E sobre o que falo ou não falo é problema meu e vou continuar falando o que eu achar melhor falar.

MULHER

precisamos de mulheres na política, vote em mulheres comprometidas as mudanças nas LEIS.

ANEXO B – NOTÍCIA (2): INFLUENCIADORA DE 37 ANOS É MORTA A FACADAS PELO MARIDO EM VALINHOS; FILHA DO CASAL TAMBÉM FOI ATACADA

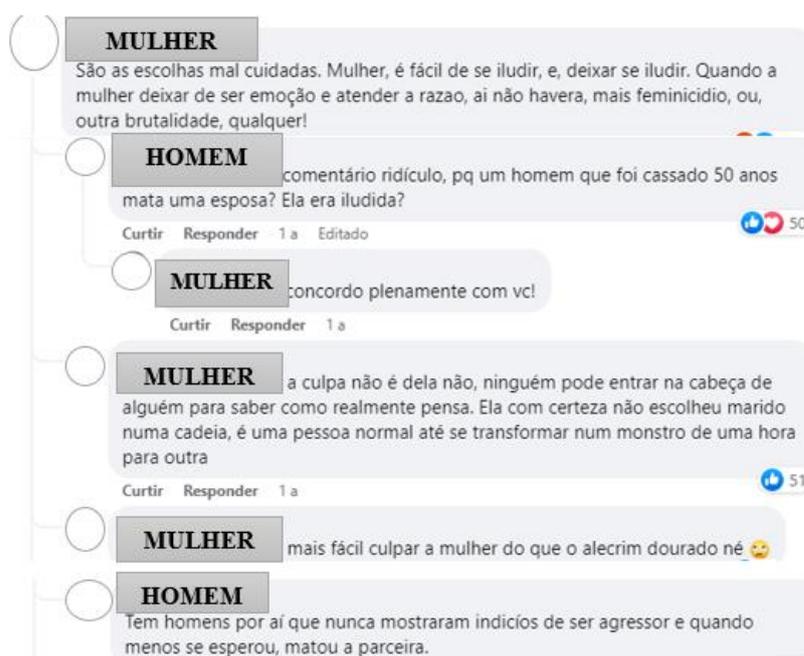


Captura de tela da notícia 2

Disponível em:

<https://www.facebook.com/profile/100064736974743/search/?q=Influenciadora%20de%2037%20anos%20%C3%A9%20morta%20a%20facadas%20pelo%20marido%20em%20Valinhos%3B%20filha%20do%20casal%20tamb%C3%A9m%20foi%20atacada>. Acessado em 06 abr. 2023.

Comentários da Notícia (2):



MULHER

a culpa do feminicidio é do homem, não temos bola de cristal pra saber que escolhemos um psicopata. Mulher culpando mulher já é dar uma ajuda ao machismo, se vai comentar esse tipo de coisa larga o celular e ferve uma água pra tomar um café que é mais útil.

Curtir Responder 1 a

**MULHER**

ai gata...arrasouuu! Concordo plenamente !!!!

Curtir Responder 1 a

**MULHER**

seu comentário me dá nojo!!

MULHER

comentário mais retardado de todos.

Curtir Responder 1 a

**MULHER**

nada a ver, eu heim. Praticamente tá colocando a culpa na mulher por ser morta

Curtir Responder 1 a

**MULHER**

a culpa do feminicidio não é da mulher, é do homem ..a mulher não tem que deixar de ser nada.

Curtir Responder 1 a

**HOMEM**

Impressionante... De cair o queixo como vcs tentam DE TODA forma botar a culpa na mulher. Vai se tratar pessoa.

HOMEM

apaga que dá tempo(que comentário ridículo)

Curtir Responder 1 a

**MULHER**

Amada vai se tratar que tu não tá bem sa cabeça também não

Curtir Responder 1 a

**MULHER**

Ah é...realmente,culpa dela né coitada!? Ela não escolheu direito... Até porque homens assim vem com manual de instruções..ou às vezes vem escrito na testa " Olha tô bonzinho hoje, mas amanhã posso matar você" ...ela não não ter lido né!? Aaaa vaaaaa! Uma hora dessa

- MULHER** tem sim, a maldade está no ser humano. Ao invés de falar da vítima, se pergunta porque os homens estão se tornando esse monstro. Que cultura é esse que está sendo passada para eles.
- HOMEM** Deus eh mais do seu comentário, affs
Curtir Responder 1 a  2
- MULHER** serio q tá culpando a vítima?
Curtir Responder 1 a
- MULHER** eu poderia te falar várias coisas, mas já vi que você tem inteligência limitada
Então vou falar algo que até cachorro entende: CALA A BOCA
Curtir Responder 1 a   6
- MULHER** a culpa é da vítima?
Curtir Responder 1 a
- MULHER** Inacreditável, o seu comentário.
- MULHER** pô... aí fica difícil né! Escolhas escolhas escolhas! Você a conhecia?
Curtir Responder 1 a
- MULHER** que comentário mais infeliz! Abra a mente mulher!
Curtir Responder 1 a
- MULHER** Ah verdade! Claro q super concordo com vc, afinal, a culpa sempre será da vítima, e não do assassino! 😊
Curtir Responder 1 a
- MULHER** sim, a culpa do feminicídio é da mulher, seu comentário parece aquele: quando parmos de falar de racismo, ele acaba 😊
 2
- HOMEM** seu comentário é ridículo, está culpando a vítima.
Curtir Responder 1 a  4
- MULHER** cala a boca! 🙄 A culpa não é da mulher.
Curtir Responder 1 a
- MULHER** Fale por si
Curtir Responder 1 a  2
- MULHER** estão todos assim. Não tem escolha

MULHER Por conta desse tipo de pensamento que culpabiliza a mulher, é que continuamos morrendo diariamente! Triste!!!!

MULHER que escolha mulher? Ela estava com o cara a mais de 20 anos que mania esse povo tem de colocar a culpa na vitima vai lavar suas calcinhas que vc ganha mais

Curtir Responder 1 a Editado

HOMEM comentário idiota pra uma pessoa idiota!

Curtir Responder 1 a

MULHER fecha essa boca de bueiro ...fia

Curtir Responder 1 a

MULHER só pode ter 🗿 na cabeça.. só pode!

MULHER O que a [] quis dizer que é impossível a mulher ser casada com o cara há bastante tempo e nunca o cara ter demonstrado comportamento violento nesse tempo todo ,por isso ela disse pra deixar de ter emoção e sim a razão

Curtir Responder 1 a Editado



MULHER concordo com vc. A vdd é essa mesmo infelizmente

Curtir Responder 1 a

MULHER menos!! Quem apoia assassino é o que mesmo? Ninguém se apaixonar porque quer!

Curtir Responder 1 a

MULHER mulher do céu, o casal já tinha uma filha de 20 anos.

MULHER a culpa não é da mulher

Curtir Responder 1 a

MULHER você é idiota, é? Até numa hora dessa quer colocar a culpa na vítima!

Curtir Responder 1 a

MULHER homem nenhum tem lembrete na cara, falando se presta ou n presta....as vezes o homem passa anos e anos casado cm uma mulher e ainda comete essas barbaridade.

MULHER com certeza! Porém se não esta na testa se presta ou não presta, também é verdade. Eu me refiro, a atitudes reveladoras e consistentes, para todo o sempre!!!

MULHER moça nada haver, ela é da minha cidade, casada a 20 anos como vc fala uma idiotice dessa 😞

Curtir Responder 1 a

MULHER ah então a culpa é da mulher...

ANEXO C – NOTÍCIA (3): VÍDEO MOSTRA MARIDO PUXANDO ESPOSA PELO CABELO ANTES DE MATÁ-LA EM CASA; VÍTIMA TINHA DUAS FILHAS

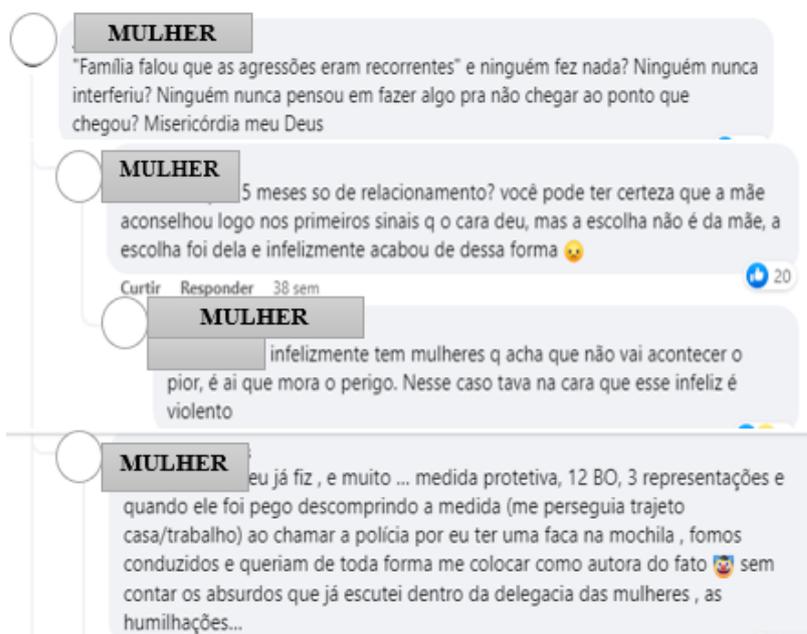


Captura de tela da notícia 3

Disponível em:

<https://www.facebook.com/g1/posts/pfbid0itmUYxGNACCojV4SMTceKfkmgv7pCH8CoFgUEufh9Pe7Xb6fxmKtkxK9dFSSyqVtl>. Acessado em 06 abr. 2023.

Comentários da Notícia (3):



MULHER

como é triste ouvir tuas palavras. Eu como mãe, se acontece um absurdo desses com uma das minhas filhas, eu prefiro apodrecer na cadeia. Que vc fique bem, e consiga se livrar desse traste.

MULHER

a minha faleceu deprimida , em parte , por vê eu passando por certas situações. Não é fácil , mas se não fosse pelo meu filho , de certo , eu já teria feito besteira , e a gente sabe que a gente sai como errada fácil se faz algo contra !

Curtir Responder 38 sem



3

MULHER

olha, lamentável. Aqui onde moro, não é assim não, a delegacia da mulher funciona e muito bem.

Curtir Responder 38 sem



2

MULHER

a gente vê diariamente, a falha está no pilar , nas leis ... infelizmente por isso ocorre esses fatos diariamente

MULHER

bem desse jeito tenho duas medida, e no dia que ele me cercou na rua chamei a polícia e eles disseram que não poderiam ir pq era minha palavra contra a dele vivo a minha vida as escondida e o agressor vive a dele como se nada tivesse acontecido. As leis do Brasil são falhas, uma outra vez ele me bateu a polícia chegou e disse que eu tinha que ir para a delegacia da mulher, era uma sexta feira, a delegacia da mulher abria só na segunda.... O flagrante tinha passado....

Curtir Responder 38 sem Editado

**MULHER**

em uma dessas ocasiões , todos os dias , tem mulheres morrendo 🙄🙄

Curtir Responder 38 sem

**MULHER**

infelizmente é verdade,ouvimos horrores...

MULHER

Se ela quis ficar com ele o q os outros iriam fazer? Ela era maior de idade

Curtir Responder 38 sem



9

MULHER

Pelo que vi , a própria prima interferiu e ficou ferida nessa ultima, imagine a mae ou o pai... Mas tem vezes que não adianta, né? A pessoa escolhe correr o risco

Curtir Responder 38 sem Editado



7

HOMEM

E adianta fazer se resolvesse não acontecia tantos feminicidios. Denúncia a polícia vai atrás muitas vezes não consegue fazer nada. Porque a própria vítima ou tem medo ou não acredita no pior . É complicado.

MULHER fazer o que?vc ver faz a denuncia,a vítima vai lá e volta para o traste, infelizmente ninguém pode segura e amarrar ...no seu ver o que deveria ser feito além de denunciar?

Curtir Responder 38 sem Editado



MULHER eu sei moça, me dá uma revolta ler uma notícia dessas. Tenho uma filha da mesma idade, amo meu genro, ele é um amor de pessoa, mas se eu dia eu desconfiar que ele encostou um dedo na minha filha, nem sei o que faço. Prefiro apodrecer na cadeia a ver uma filha minha apanhando de marido.

MULHER amiga quem tinha que tomar atitude era a mesma, você ouviu no vídeo que a primeira agressão eles tinham 1 mês de relacionamento. E a mesma saiu de casa e depois voltou para ele de novo, aí fica difícil!! Com certeza a mãe da vítima tentou impedir a volta dela, mas a mulher adulta fez o que quis!!

Curtir Responder 38 sem



MULHER ela achava q ele não ia fazer o q fez,q toda vez,era apenas uma briguinha....

38 sem

MULHER

não era uma briguinha, era agressões!!

MULHER a prima fez e foi esfaqueada tbm

Curtir Responder 38 sem



MULHER nesses casos a família até interfere....mas as vzs a mulher demora a concordar que a situação pode ficar pior e tomar providências e aceitar a ajuda. É muito difícil ver quem amamos passa do por isso

Curtir Responder 38 sem



MULHER A única pessoa que poderia fazer algo era ela mesma, se separando dele, aí os familiares e a justiça poderiam fazer algo pra ajudar! Mas tem mulheres que passam a vida apanhando e não deixa ,se acostumam ,infelizmente é a realidade de muitas

MULHER Parece que quanto mais apanham mais gostam

Curtir Responder 38 sem



MULHER oque adianta à família ou alguém interferir, ainda somos capazes de sair por ruim,elas vivem apanhando e voltam assim aconteceu com uma amiga.

Curtir Responder 38 sem



HOMEM ela falam que foi a primeira vez e foi culpada pelo ciúmes e pelas agracoes elas falam que é amor sempre dão chances até a morte mais um exemplo ruim.

MULHER atitude de fazer algo tinha que ter partido dela

Curtir Responder 38 sem



MULHER são perguntas q a gente faz né?
Ainda bem q ñ matou a prima tb 🙏

- MULHER** a própria vítima pelo jeito nunca prestou queixa... e tal. E infelizmente quando o parente se mete corre até risco de morte. Por isso q alguns mandam até matar... chegar nesse ponto. É lamentável q esse tipo de coisa aconteça.
- MULHER** mana, mas se ela quis continuar com ele, o que a família poderia fazer?
Curtir Responder 38 sem
- MULHER** ...os parentes geralmente são covardes..caem fora...
Curtir Responder 38 sem
- MULHER** que as mulheres,alem de voltarem com os agressores,ainda ficam com raiva da pessoa que se mete
- MULHER** não adianta achar que vai mudar num relacionamento assim, muda pra pior cai fora logo , muitas brigas pega sua coisas e cai fora , recomeça em outro lugar se preciso for
- HOMEM** fazer o que? Se ela queria este traste?
E se alguém tivesse feito ela ficaria contra quem tentou ajudar e a favor do marido.
Curtir Responder 38 sem Editado 119
- MULHER** concordo!!
- MULHER** bem assim....vi e conheço muitos casos q elas se queixam fazem denúncia...retiram....voltam com o cara....chega uma hora q as culpadas são elas....apanham,são ameaçadas....mas aman o traste e voltam e quem se mete fica de ruim....todas as q eu conheço q foram mortas ou apanham é reincidente....a polícia vai prende depois fica com cara de tacho....elas preferem ficar com os amores
Curtir Responder 38 sem 9
- MULHER** Exatamente!
- MULHER** pior que algumas fazem isso mesmo,eu sei porque já senti na pele.
Ajudei,coloquei na minha casa,depois consegui emprego em outra cidade com uns contatos que eu tinha.
Um dia antes de começar no emprego ela fugiu de onde estava e voltou pro camarada, e ainda saiu falando mal de mim.
Curtir Responder 38 sem 11
- HOMEM** já vi muito isto acontecer.
Hoje em dia não me meto. Nome máximo peço a Deus pra não terminar em tragédia.

- MULHER** concordo,é dessa forma mesmo
Curtir Responder 38 sem
- MULHER** o pior que é verdade.
Curtir Responder 38 sem
- Socorrinha Ramos
Eronildo Chagas é verdade mesmo.
- MULHER** bateu a primeira vez, vai bater semore! Não adianta a família interferir quando a pessoa insiste num relacionamento abusivo.
Curtir Responder 38 sem
- MULHER** Mulherada nao acorda pra vida, eh um excesso de carencia e falta de amor proprio q leva a isso....ah ele tem ciumes de mim pq me ama...ahhh ele nao quer q eu me maqueie que use roupa sensual, porque me ama...ah ele nao quer q tenha amizades tem ciumes me ama...eh assim que as cegas pensam.
Curtir Responder 38 sem
- MULHER** e da pra fazer o que quando a vitima nao enxerga e nao quer ajuda?? Quem se mete ainda eh ruim.
- MULHER** tão triste isso né.
Uma menina tão linda, tão nova, com toda a vida pela frente 😞
- MULHER**
Foi meu questionamento. 🙌
Curtir Responder 38 sem
- MULHER** eu tinha uma vizinha que apanhava todo dia. Uma vez cansei de ouvir ela apanhar e chamei a policia. Quando a policia chegou, ela toda arrebetada negou tudo e disse que caiu, nem fez BO.
- MULHER** sim, o triste é isso.
Eu fico arrasada quando leio essas notícias. Uma menina tão nova, idade da minha filha 😞
Curtir Responder 38 sem
- MULHER** e ela ?namoro recente
Curtir Responder 38 sem
- HOMEM** Falar é fácil... 🚫

ANEXO D – NOTÍCIA (4): HOMEM MATA ESPOSA COM GOLPES DE FACÃO E LIMPA ARMA EM BÍBLIA, DIZ DELEGADA

g1 - O Portal de Notícias da globo · Seguir
26 de agosto de 2022 · 🌐

Marido teria fugido após o crime <http://glo.bo/3cr3bjB> #g1



G1.GLOBO.COM

Homem mata esposa com golpes de facão e limpa arma em Bíblia, diz delegada

👍👎👏 7,6 mil 1,3 mil comentário 317 compartilhamentos

Captura de tela da notícia 4

Disponível em:

https://www.facebook.com/profile/100064736974743/search/?q=Homem%20mata%20esposa%20com%20golpes%20de%20fac%C3%A3o%20e%20limpa%20arma%20em%20B%C3%ADblia%20diz%20delegada&locale=pt_BR Acesso em: 06 abr. 2023.

Comentários da Notícia (4):

MULHER
É pra isso que estamos colocando filhos no mundo? Uns pra serem monstros e outros pra serem vitimas?
Curtir Responder 47 sem

MULHER
estou grávida de um menino (vou ensinar a ele como ser um homem de vdd) uma criação boa, sem machismo e limpa dá caráter. Se eu tiver uma menina um dia vou ensina-la que um tapa não é um ato de amor é vou colocá-la para aprender a lutar desde criança, se um homem der um tapa nela, da vai saber se defender. Meus filhos podem te chegar a ser vitima ou mostro (pq as vezes nao está no nosso controle) mas facilitar para isso eu não vou

MULHER
que bom. Espero q consiga!

MULHER

uma mulher que sabe se defender vai saber seu valor e com quem deve ou não deve se relacionar, vai saber também que respeito tem que ser mútuo, para ser respeitada tem que respeitar. Não sei pq as pessoas associam uma mulher que se defende com mulher agressiva e louca. Sobre meu filho ensinarei a ser um HOMEM isso quer dizer que ele vai respeitar e vai arrumar uma mulher para respeitá-lo. Uma boa educação ensina o amor próprio, o respeito e o cuidado com a vida dos outros e a sua mesma

Curtir Responder 47 sem

HOMEM

normal, A bíblia já diz o que vai acontecer...mas muitos não acreditam...ainda é o começo das dores

MULHER

já acontece desde o começo dos tempos, mas hoje com a internet e redes sociais, as notícias chegam com mais facilidade! Sempre existiu essa maldade toda.

Curtir Responder 47 sem

HOMEM

sim acontece, mas nos últimos dias vai ficar pior...e ainda não é o fim, só o princípio das dores...

Curtir Responder 47 sem

MULHER

Deus nos livre disso tenho um casal de filhos 🙏

MULHER

eu tenho uma filha, mas vivo em pânico. Todos os dias falo pra ela não deixar os homens chegarem perto, pra ela não ir sozinha quando algum homem ou mulher chamar ela. A não brincar sozinha com os meninos... O pior é q criança tbm abusa de criança. Vivo a vida pra defender e proteger minha filha!